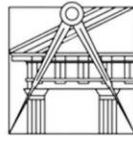


U

LISBOA

UNIVERSIDADE  
DE LISBOA



FACULDADE DE ARQUITETURA

## LÓGICAS DE LIGAÇÃO ANCESTRAIS.

REABILITAÇÃO E AMPLIAÇÃO DO  
CONVENTO NOSSA SENHORA DO DESTERRO.

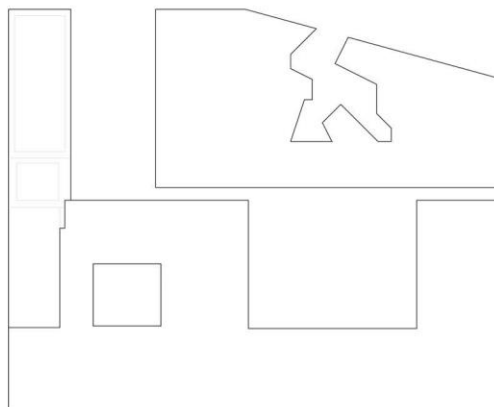
### MARCO FERREIRA MARTINS CASTELHANO.

TESE DE MESTRADO EM ARQUITETURA,  
COM ESPECIALIZAÇÃO EM ARQUITETURA.

PRESIDENTE JÚRI,  
DOUTOR DANIEL MAURÍCIO SANTOS DE JESUS;

VOGAL,  
DOUTORA MARIA ALEXANDRA SALGADO AI QUINTAS;

ORIENTADOR,  
DOUTOR NUNO MIGUEL FEIO RIBEIRO MATEUS,  
DOUTORA MARIA MARQUES CALADO.



LISBOA, 6 de dezembro de 2016

FACULDADE DE ARQUITETURA  
UNIVERSIDADE DE LISBOA



## RESUMO

Título

### LÓGICAS DE LIGAÇÃO ANCESTRAIS

Reabilitação e ampliação do Convento  
Nossa Senhora do Desterro.

Nome | **Marco Ferreira Martins Castelhana.**

Orientador | Professor Doutor Arquiteto,  
Nuno Miguel Feio Ribeiro Mateus;  
Professora Doutora, Maria Marques  
Calado.

Mestrado integrado em Arquitetura  
com especialização em Arquitetura.

Lisboa, Dezembro 2016.

A arte de projetar e edificar o ambiente construído tem como intenção interpretar novas formas para conseguir dar resposta a determinadas necessidades da sociedade.

“Lógicas de Ligação Ancestrais” pretende apresentar-se como uma ferramenta operativa que possui como pressuposto de base, a tentativa de contrariar o fenómeno de “sprawl” urbano que muito se tem intensificado nas últimas décadas, procurando uma aproximação na questão dos usos, assente num princípio agregador de proximidade urbana.

A presença de um convento tem, desde logo um papel determinante no contexto da cidade, ligando as raízes do próprio lugar, caracteriza o desenho urbano, direciona a expansão urbana e assegura o princípio das permanências.

No caso de estudo, o *Convento do Desterro*, da ordem Cisterciense, propõe-se a construção de um modelo de cidade contínua que, por um lado privilegia a aproximação de funções (habitacionais, trabalho, educacionais, culturais e de lazer) e que, por outro, integra a sua componente de forma generosa no tecido urbano da cidade, sem que surja como elemento de rutura, mas sim como um sistema integrado.

Defendendo que este poderá ser um possível caminho para um futuro das cidades do amanhã, onde a população possa atingir, de forma plena, níveis de vida que correspondam às suas necessidades e aspirações.

**Palavras-chave:** Convento / Casa / Reabilitação / Densidade / Cister



## ABSTRACT

Title

### LÓGICAS DE LIGAÇÃO ANCESTRAIS

Dwelling in the formal regeneration of a Cistercian Abbey

Name | **Marco Ferreira Martins Castelhana**

Supervisor | PhD in Architecture,

Nuno Miguel Feio Ribeiro Mateus;

Supervisor | PhD in Architecture,

Maria Marques Calado.

Integrated Master of Architecture  
with a specialization in Architecture

Lisbon, December 2016.

The art of planning and building in a constructed environment, involves the task of interpreting new forms in order to respond to needs of society.

“Lógicas de Ligação Ancestrais” is considered as an operative tool that attempts at controlling the urban sprawl that has increased in the last decades, by promoting the closeness of purposes, based in a gathering principle of urban proximity

The presence of a convent bears, from the very beginnings, a determinant role in the context of the town growth, connecting its own “roots”; it may contribute to the urban formation and layout, thus directing the urban expansion and assuring the principle of permanence.

The case study *Convento do Desterro*, originally belonging to the Cistercian order, suggests the building of a town model, enhancing the urban proximity of functions (like homes, working places, educational, cultural or leisure facilities) on the one hand, as well as on the other hand, embracing, along with its generous size, the whole town, without consisting in a breach item, but essentially in an interconnected system.

Believing that this could be a possible solution for the planned cities of tomorrow, where people could have a really fulfilled life, regarding their needs and aspirations.

**Palavras-chave:** convent / dwelling / rehabilitation / density / cistercian



## Agradecimentos

À minha família, em especial aos meus filhos, esperando que o presente documento sirva de fonte de inspiração à sua própria experiência de formação e académica.

A todos os professores, que me acompanharam no meu percurso académico, em especial ao Professor Nuno Mateus.

Aos amigos, que sempre acreditaram e me apoiaram,

O meu Muito Obrigado.

## ÍNDICE

Pg.

INTRODUÇÃO	1
OBJECTO	1
OBJECTIVO	1
METODOLOGIAS	2
I CIDADE Lógicas	3
CIDADE	4
CIDADE ORGÂNICA E CIDADE FORMAL	5
LIMITE E FORMA	8
RUA E PRAÇA	16
II COLINA DE SANT'ANA Ancestral	21
COLINA DE SANT'ANA	22
A CONSOLIDAÇÃO DA COLINA	23
O CONVENTO	29
A ORDEM DE CISTER	38
O caso de estudo do Convento de La Tourette (Ordem Dominicana)	43

## ÍNDICE

	Pg.
III A CASA Ligação	45
A Casa	46
A Casa da Antiguidade e Civilização Clássica e da Civilização Clássica	47
A Casa Islâmica	51
A Casa Existencialista	52
Construir as habitações de Le Corbusier	54
Caso de estudo da Maison Citrohan (1922)	57
Plantas da Maison Citrohan	59
Diagrama Concetual da Maison Citrohan	60
IV PROJETO lógicas de ligação Ancestrais	61
CONSTRUIR NO “CONSTRUÍDO”	62
CONTEXTO	63
ABORDAGEM	67
<i>Cluster</i>	70
PROGRAMA	72
Definição	72
Convento	77
<i>Townhouse</i>	79
CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
BIBLIOGRAFIA	83
ANEXOS	86

Figura 1 Diagrama Composição traçado orgânica, Imagem do autor .....	5
Figura 2 Diagrama Composição traçado formal, Imagem do autor.....	5
Figura 3 Planta de Sobreposição traçados de Eugénio dos Santos, 1756-8 Instituto Geográfico Português. ....	6
Figura 4 Planta Lisboa Medieval; com base na planta de João Nunes Tinoco, 1650. Imagem do autor .....	7
Figura 5 Proposta baixa de Lisboa, com base na planta iluminista, 1756_ Imagem do autor .....	7
Figura 6 Diagrama de Interpretação dos limites da cidade medieval; cidade Moderna; cidade do Futuro..... Le Corbusier: <i>Oeuvre complète de 1910-1920</i> ; Les Éditions d'Architecture. Zurich; 1995, p. 35.....	8
Figura 7 Planta de João Nunes Tinoco 1755, sobreposta com o Traçado das Muralhas de Lisboa, BNP, 1892 Imagem do autor .....	9
Figura 8 Planta representando as fortificações de Lisboa, 1761_Arquivo Histórico da CML, Publicada em Silva, Vieira; <i>Plantas Topográficas de Lisboa 1950</i> .....	10
Figura 9 Planta de Bairro Alto de Lisboa, recorte da Planta de João Nunes Tinoco, 1650. Imagem do autor .....	11
Figura 10 Plano da Baixa Pombalina (1758) da autoria de Eugénio dos Santos e Carlos Mardel. Museu da Cidade. ....	12
Figura 11 Proposta do Plan Voisin, Paris, 1925. <a href="http://www.fondationlecorbusier.fr">www.fondationlecorbusier.fr</a> . ....	14
Figura 12 Proposta do centro histórico de Paris segundo o Plan Voisin, 1925; Em baixo: Bairros cuja destruição está prevista; Em cima: Bairros que se projetam edificar em lugar dos anteriores. LE Corbusier: <i>Maneira de Pensar o Urbanismo</i> . Lisboa, 2008, p.141.....	15

Figura 13 Representação da Cidade Medieval anterior ao Terramoto de 1755. Coleções de Azulejaria, Museu da Cidade.....	17
Figura 14 Representação da rua na cidade formal Le Corbusier: Os três estabelecimentos Humanos 1979., P. 17 .....	19
Figura 15 Fragmento da Planta da Morfologia de Lisboa. Museu da Cidade. ....	23
Figura 16 Carta de Lisboa e Arredores, 1820. Centro de Cartografia da Faculdade de Arquitetura de Lisboa. ....	23
Figura 17 Cerca Nova (dita fernandina) do reinado de D. Fernando, séc. XIV. Gabinete de Estudos Olisiponenses. ....	24
Figura 18 Mapa do Postigo de Sant’Ana, às Portas de S. Antão Vieira da Silva, A Cerca Fernandina de Lisboa, 2ª Ed.,1987; P.159.....	25
Figura 19 Planta Colina de Sant’Ana,1ª metade do séc. XIV.	
Figura 20 Planta com os primeiros quarteirões da área de Sant’Ana.	
Figura 21 Planta de Lisboa séc. XVI, até 1579. SALTA, Ana Maria: <i>Factores Estruturantes da Colina de Sant’Ana em Lisboa; Séculos XIV a XVII</i> . ISCTE, 2001.	26
Figura 22 Planta do Colégio de S. Antão e do Convento do Desterro.	
Figura 23 Planta de Lisboa, 1630-1705, Bemposta.	
Figura 24 Planta de finais do séc. XVII representando os Palácios. SALTA, Ana Maria: <i>Factores Estruturantes da colina de Sant’Ana em Lisboa; Séculos XIV a XVII</i> . ISCTE; 2001.	27
Figura 25 Consolidação da colina de Sant’Ana a través dos seguintes edifícios: Hospital Miguel Bombarda; Hospital de Santa Marta; Hospital dos Capuchos; Hospital de S. José; Hospital do Desterro. Imagem do autor .....	28

Figura 26 Fragmento Planta de autoria de A.C. Lemos, representando o Convento e a sua cerca.	
Biblioteca Nacional Digital.....	29
Figura 27 Fragmento de Planta de 1855, representando a ligação entre conventos: Hospital do Desterro, 116; Hospital S. José, 102.	
Museu da cidade.....	30
Figura 28 Fotografia representando o claustro.	
Arquivo Municipal de Lisboa, Núcleo Fotografico. ....	31
Figura 29 Maquete da fachada principal de Santa Maria do Desterro.	
Imagem do autor .....	32
Figura 30 Maquete da fachada interior de Santa Maria do Desterro.	
Imagem do autor .....	32
Figura 31 Fachada de Santa Maria do Desterro	
Haupt, Albrecht: <i>Arquitectura da Renascença em Portugal</i> . Lisboa; 1924. P. 65.....	33
Figura 32 Fotografia interior da cozinha do Hospital do Desterro	
Imagem do autor .....	34
Figura 33 Diagrama da forma do Convento relativa ao ano do terramoto (1755).	
Imagem do autor .....	35
Figura 34 Diagrama da forma do Convento relativa a 1837.	
Imagem do autor .....	35
Figura 35 Diagrama da forma do Convento relativa a 1858.	
Imagem do autor .....	35
Figura 36 Diagrama da forma do Convento relativa a 1871.	
Imagem do autor. ....	35

Figura 37 Diagrama da forma do Convento relativa a 1904.	
Imagem do autor .....	35
Figura 38 Diagrama da forma actual do Convento.	
Imagem do autor. ....	35
Figura 39 Fotografia do Lavadouro Público, 1906.	
Arquivo Municipal de Lisboa, Núcleo Fotográfico.....	37
Figura 40 Planta de Saint-Gall.	
In BRAUNFELS, Wolfgang; Op. cit.; p.38.....	38
Figura 41 Maquete do Mosteiro ideal de Saint-Gall.	
In BRAUNFELS, Wolfgang; Op. cit.; p.38.....	38
Figura 42 Diagrama do Claustro como elemento gerador de espaço circundante (baseado na Planta-tipo da Ordem Cister, da autoria Dom Maur Cocheril).	
Imagem do autor .....	40
Figura 43 Diagrama de distribuição do programa com base na Planta-tipo da ordem de Cister, de Dom Maur Cocheril.	
Imagem do autor .....	41
Figura 44 Fotografia de uma nave lateral da Igreja Abacial do Mosteiro Santa Maria de Alcobaça.	
Imagem do autor .....	42
Figura 45 Fotografia do dormitório dos Monges de Mosteiro Santa Maria de Alcobaça.	
Imagem do autor .....	42
Figura 46 Vista do Altar da Capela do Convento de Santa Maria de La Tourette.	
Le Corbusier, Oeuvre complète 1957-1965, p.48.....	44
Figura 47 Vista de cela, do Convento de Santa Maria de La Tourette.	
Le Corbusier, Oeuvre complète 1957-1965, p.48.....	44

Figura 48 Planta de Casa Romana de acordo com o tratado de Vitrúvio.	
Pollio, Marcus Vitruvius: Tratado de Architectura, Livro VI, p.245. ....	48
Figura 49 Alçado Palazzo Rucellai do Arquiteto Leon Battista Alberti, Florença.	
TAVERNOR, Robert. On Alberti and the Art of Building, p. 84. ....	48
Figura 50 e 51 A cabana de Heidegger	
ÁBALOS, Iñaki: <i>A boa-vida</i> , 2008, p. 42 e 43. ....	52
Figura 52 Diagrama de estrutura independente, com fachada livre e solo liberto e conquistado sob a própria construção.	
LE CORBUSIER: <i>Os Três Estabelecimentos Humanos</i> , p. 29. ....	56
Figura 53 Maquete em gesso para o Salão de Outono.	
Le CORBUSIER: <i>Obras y Projectos</i> ; Barcelona, 2008. P. 23 ....	57
Figura 54, 55,56 e 57 Plantas da Maison Citrohan (1927), à escala 1:200.	
Imagem do autor com base extraída Le corbusier Obras y projectos p.48 .....	59
Figura 58 Perspectiva da Maison Citrohan (1927).	
Imagem elaborada pelo autor com base nas plantas de Le corbusier Obras y projectos p.48 .....	59
Figura 59 Corte axonométrico da Maison Citrohan (1927).	
Imagem do autor com base nas plantas de Le corbusier Obras y projectos p. 48.....	59
Figura 60 Maquete de volume da Maison Citrohan (1927).	
Imagem do autor. ....	60
Figura 61 Maquete da Maison Citrohan 1927, área íntima e área expansiva.	
Imagem do autor. ....	60
Figura 62 Maquete Maison Citrohan 1927, área de acessos verticais (“sandwich”).	
Imagem do autor .....	60

Figura 63 Maquete “Maison Citrohan 1927”, área expansiva, com duplo pé direito.	
Imagem do autor .....	60
Figura 64 Fotografia aérea do limite da Colina de Sant’Ana.	
Fonte: Google Earth, imagem do autor.....	62
Figura 65 e 66 Maquete de perfis à esc. 1:1000, representando o espaço natural da área em estudo.	
Imagem do autor .....	65
Figura 67 Fotografia aérea da área de intervenção.	
Fonte: Google Earth, imagem do autor.....	65
Figura 68 Maquete a 1:500, com a intervenção no interior do vazio urbano.	
Imagem do autor .....	66
Figura 69 Maquete a 1:500, com o volume maciço à cota do convento.	
Imagem do autor .....	67
Figura 70 Maquete a 1:500, volume percursos.	
Imagem do autor .....	68
Figura 71 Maquete 1:500, volume praças.	
Imagem do autor .....	68
Figura 72 Maquete 1:500, volume <i>cluster</i>	
Imagem do autor .....	69
Figura 73 Maquete 1:500, sobreposição de volumes.	
Imagem do autor. ....	69
Figura 74 Maquete 1:500, proposta do volume maciço no contexto urbano.	
Imagem do autor .....	69
Figura 75 <i>Cluster</i> , concurso Berlin Hauptstadt, Alemanha (1957)	
Montaner, Josep Maria: <i>Sistemas arquitetônicos contemporâneos</i> , p. 93. ....	70

Figura 76 Diagrama de oposição do Claustro ao <i>cluster</i> .	
Imagem do autor .....	71
Figura 77 Maquete 1:500, Diagrama do programa em geral.	
Imagem do autor .....	72
Figura 78 Maquete 1:500, Diagrama das tipologias convencionais.	
Imagem do autor .....	73
Figura 79 Maquete 1:500, Diagrama das tipologias temporárias.	
Imagem do autor .....	74
Figura 80 Maquete 1:500, Diagrama das tipologias <i>townhouse</i> .	
Imagem do autor .....	74
Figura 81 Maquete 1:500, Diagrama da tipologia conventual.	
Imagem do autor .....	75
Figura 82 Maquete 1:500, Diagrama dos equipamentos públicos.	
Imagem do autor .....	76
Figura 83 Planta do ambiente construído do hotel.	
Imagem do autor .....	78
Figura 84 Corte do ambiente construído do convento.	
Imagem do autor .....	78
Figura 85 Maquete em gesso da casa tipo <i>townhouse</i> .	
Imagem do autor .....	80

## INTRODUÇÃO

### OBJECTO

A presente dissertação tem como objeto principal, o estudo do Convento Nossa Senhora do Desterro que teve a sua génese na ordem cisterciense bem como a importância do mesmo no crescimento urbano das áreas envolventes. Torna-se imprescindível encarar o passado e tudo quanto forma a nossa identidade, enquanto estrutura humana. O espaço físico da cidade encontra-se em constante transformação, acompanhando rápidas mudanças sociais; nele se enquadra o tema escolhido e que intitulámos Lógicas de Ligação Ancestrais.

O presente estudo surge do apuramento e exploração das potencialidades do Convento em relação à evolução da cidade, acompanhando o crescimento da colina de Sant'Ana e preservando, tanto a identidade, como a memória do lugar.

### OBJECTIVOS

A proposta tem como principal objetivo apurar um sistema de soluções inovadoras, que possa servir de ferramenta conceptual no campo da reflexão e produção arquitectónica, de modo a que se consiga obter uma aproximação na relação homem/ambiente construído, em oposição à cidade dos dias de hoje, descaracterizada, descompactada e mesmo diluída no território.

Neste âmbito, o projeto propõe um modelo de cidade compacta, que sustente uma proximidade de usos como o habitar, o trabalho, o lazer e a aprendizagem, promovendo uma conceção arquitectónica integrada, que relacione o património construído do Convento com a proposta, contribuindo para a densificação da estrutura urbana.

A metodologia do trabalho passa pelo estudo da constituição e organização da Colina de Sant'Ana no decorrer dos tempos, apercebendo-nos das características correspondentes e tendo como apoio a observação direta, o estudo de bibliografia, bem como de fontes iconográficas.

A investigação possui como pressuposto, a busca de um caminho, no intuito de criar uma articulação de partes, obtendo uma determinada paridade entre a teoria e a prática de projeto, com a finalidade de encontrar um ponto de partida para a abordagem desta problemática. Tal intenção é acrescida da tentativa de conceber um sistema programático que se venha a adaptar a outras propostas arquitetónicas contemporâneas. Neste sentido, o trabalho divide-se em três capítulos de cariz teórico e um quarto de aplicação do tema ao trabalho de projeto.

O primeiro capítulo pretende focar-se sobre uma reflexão a propósito da cidade contemporânea, com a definição dos seus limites e forma. Procura-se estabelecer uma reflexão sobre os modelos relativos à "produção da cidade", nomeadamente na análise de desenvolvimento das referidas "lógicas de ligação ancestrais", diferenciadas ao longo do tempo.

O segundo capítulo apresenta todo um pensamento incidindo na colina de Sant'Ana, consistindo em compreender os fatores estruturantes, tanto no processo físico como histórico, focado nas questões da memória e da identidade do lugar que, para além de permitir consolidar conhecimentos, ajudaram na sedimentação de conceitos.

Por sua vez, o terceiro capítulo aborda o tema da casa que se vai habitando ao longo das épocas. Nele se pretende definir a conceção de uma condição natural mínima, através da proximidade do Homem. Tem como ponto de partida a análise comparativa da casa ancestral com a casa modernista, propondo uma multiplicidade de relações possíveis entre os espaços público e privado da casa.

O quarto e último capítulo, parte da análise dos conceitos estudados, tendo como propósito contextualizar a área de intervenção e servindo para apresentar o processo de trabalho no exercício de projeto.

I CIDADE

Lógica.

O tema e a cidade propõem uma reflexão sobre os modelos relativos ao que se poderá designar como “fazer cidade”, nomeadamente sobre a análise de desenvolvimento das lógicas de ligação ancestrais, que se manifestaram significativamente diferenciadas no decurso dos tempos.

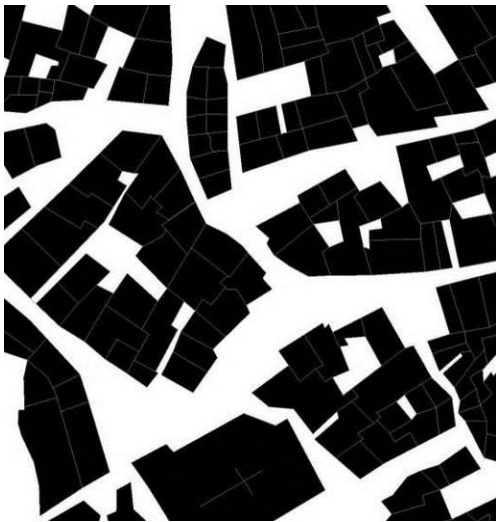
No seguimento das metodologias citadas, surgem como modelo de estudo a cidade Islâmica e medieval, estabelecendo uma paradigma da cidade dita orgânica, bem como a cidade barroca e moderna, com um carácter eminentemente formal.

Tais metodologias são diferenciadas. A cidade orgânica é produzida através de uma sedimentação progressiva do tecido urbano, a qual lhe confere um carácter irregular e a cidade formal é pensada a partir da construção de urbanidade de forma racional, obedecendo a regras e tipologias preestabelecidas, entre as quais se distinguem a rua, a praça, o lote e o quarteirão.

Refletindo sobre os paradigmas atrás referidos, procura-se um modelo, através da compreensão das lógicas ancestrais, apurando-se um modelo com um certo heterogéneo. Este congrega um certo carácter antigo pela sua origem e simultaneamente moderno, por vocações que se instituíram e pelas vicissitudes associadas à sua evolução.

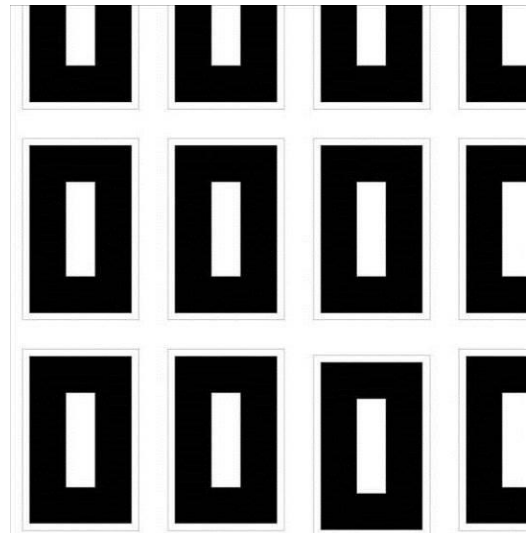
“A arquitectura árabe nos dá um ensinamento precioso. Ela é apreciada no percurso a pé; é caminhando, se deslocando que se vê desenvolverem as ordenações da arquitectura. Trata-se de um princípio contrário à arquitectura barroca que é concebida sobre o papel, ao redor de um ponto teórico fixo. Eu prefiro o ensinamento árabe.” <sup>(1)</sup>

A cidade orgânica é um modelo que se impõe aos paradigmas ditados pela cidade formal, tem sido percebida como um conjunto que resulta morfologicamente de um emaranhado tortuoso de ruas estreitas e de pequenos becos sem saída que corresponde, sobretudo, à configuração da cidade de origem Islâmica <sup>(2)</sup>. A cidade formal baseia-se na construção da urbe, de um modo racional, obedecendo a regras, cânones e parâmetros preestabelecidos a partir das tipologias anteriormente referidas (rua, praça, lote, quarteirão).



F.1 | Diagrama Composição traçado orgânica.

Fonte: Imagem do autor.



F.2 | Diagrama Composição traçado formal.

Fonte: Imagem do autor.

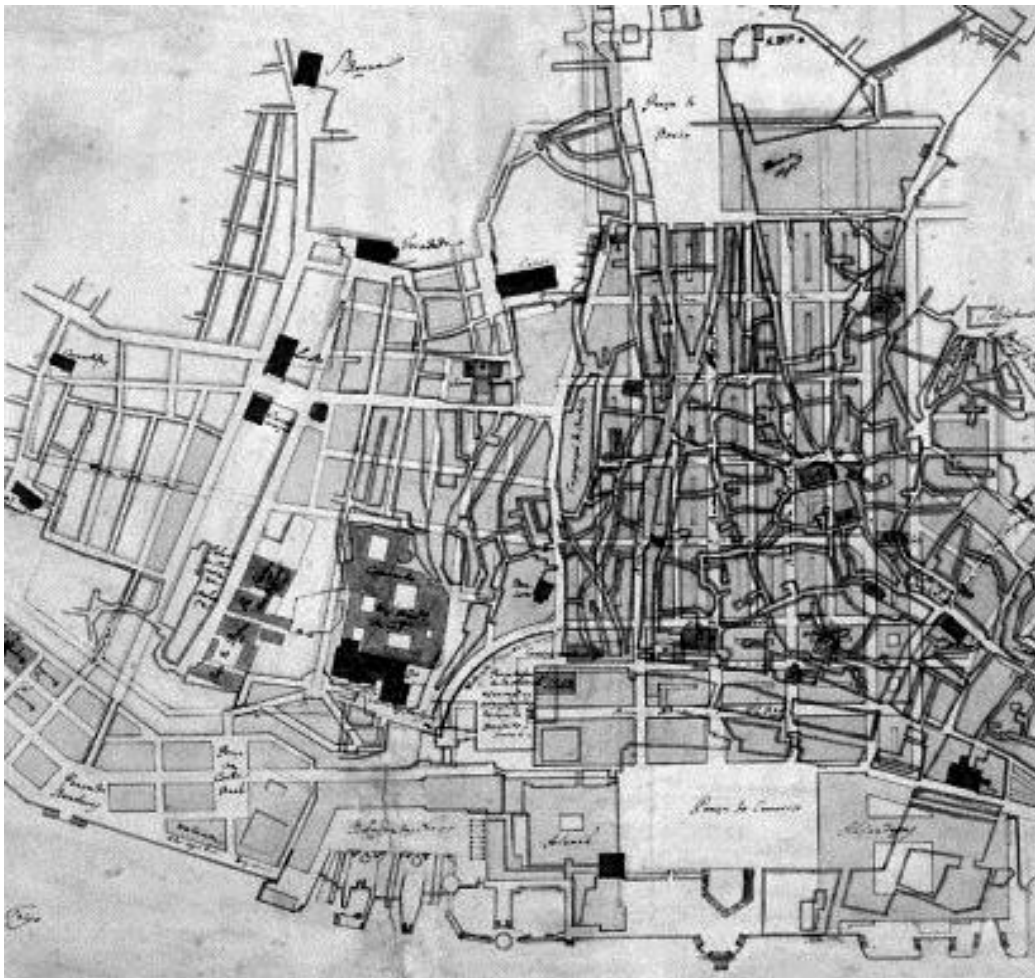
<sup>(1)</sup> LE CORBUSIER: *Oeuvre complète de 1929-1934*; Les Éditions d'Architecture. Zurich; 1995, p. 24.

<sup>(2)</sup> CARITA, Hélder: *Lisboa Manuelina: e a formação de modelos urbanísticos da época Moderna*. Lisboa, 1999, p.21.

Perante as duas formas de organização anteriormente referidas, - a cidade orgânica e a cidade formal, - podemos afirmar que ambas sofreram alterações, evoluíram, e essa transformação terá constituído o melhor resultado de cada período.

O espaço medieval é entendido como um lugar sem presença nem significado, existindo sob a essência do concreto e resultando de uma experiência vivencial profundamente enraizada na experiência do sujeito (utente). Opõe-se ao espaço moderno tridimensional, divisível em sequências mensuráveis e possuindo qualidades bastante diferenciadas.

A transformação das cidades ao longo dos tempos devida às diversas culturas, vai deixando marcas. Assim, por vezes, antigas muralhas geométricas encontram-se escondidas por detrás de um traçado com carácter racional. Foi o que sucedeu na Baixa de Lisboa, onde anteriormente ao plano de Carlos Mardel e Eugénio dos Santos, existia um traçado orgânico com uma forma bastante recortada.



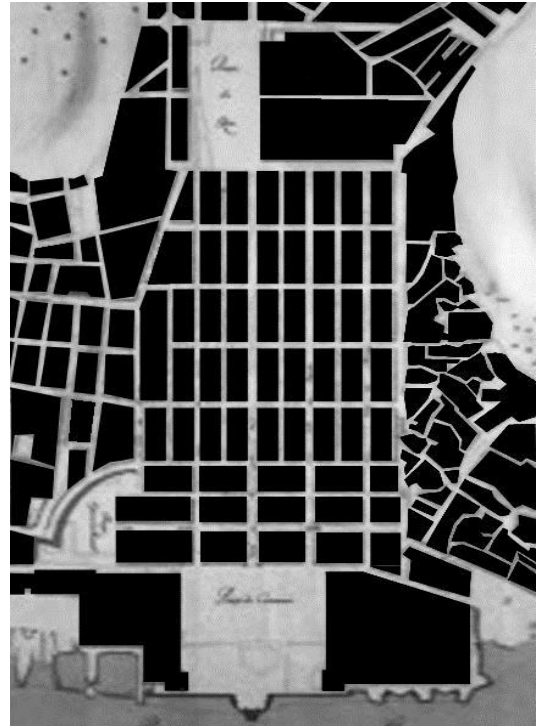
F.3 | Planta de Sobreposição traçados de Eugénio dos Santos, 1756/8

Fonte: Instituto Geográfico Português.

Assim, o terramoto de 1755 veio transformar a cidade medieval numa cidade geométrica racional, procedendo de um esquema predeterminado que propunha no plano a distribuição das atividades bem como a separação de espaço público do privado, tornando a Baixa num dos exemplos mais evidentes de transformação do território à época.

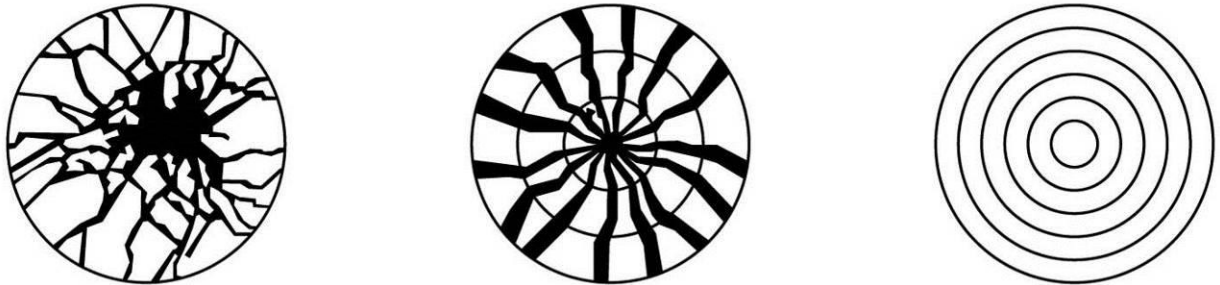


F.4 | Planta Lisboa Medieval; com base na planta de João Nunes Tinoco; 1650.  
Fonte: Imagem do autor.



F.5 | Proposta par a Baixa de Lisboa, com base na planta iluminista; 1756.  
Fonte: Imagem do autor.

A lógica de cidade orgânica obedecia a uma evolução que nada representava de caótico. Ela apresenta processos construtivos propiciando ritmos lentos de crescimento os quais permitiam que cada construção se adaptasse à forma preexistente. O prolongamento do construído era integrado através da sedimentação de saberes acumulados, enriquecidos por sucessivos contributos ao longo de gerações, a qual seria impossível substituir ou igualar. Contrariamente à lógica formal, era fundamentada num plano espontâneo e definido sem que houvesse um ensaio prévio ou experimentado pelo território e pelo Homem.



F.6 | Diagrama de Interpretação dos limites da Cidade Medieval; Cidade Moderna; Cidade do Futuro.  
 Fonte: Le Corbusier: *Oeuvre complète de 1910-1920*; Les Éditions d'Architecture. Zurich; 1995, p. 35.

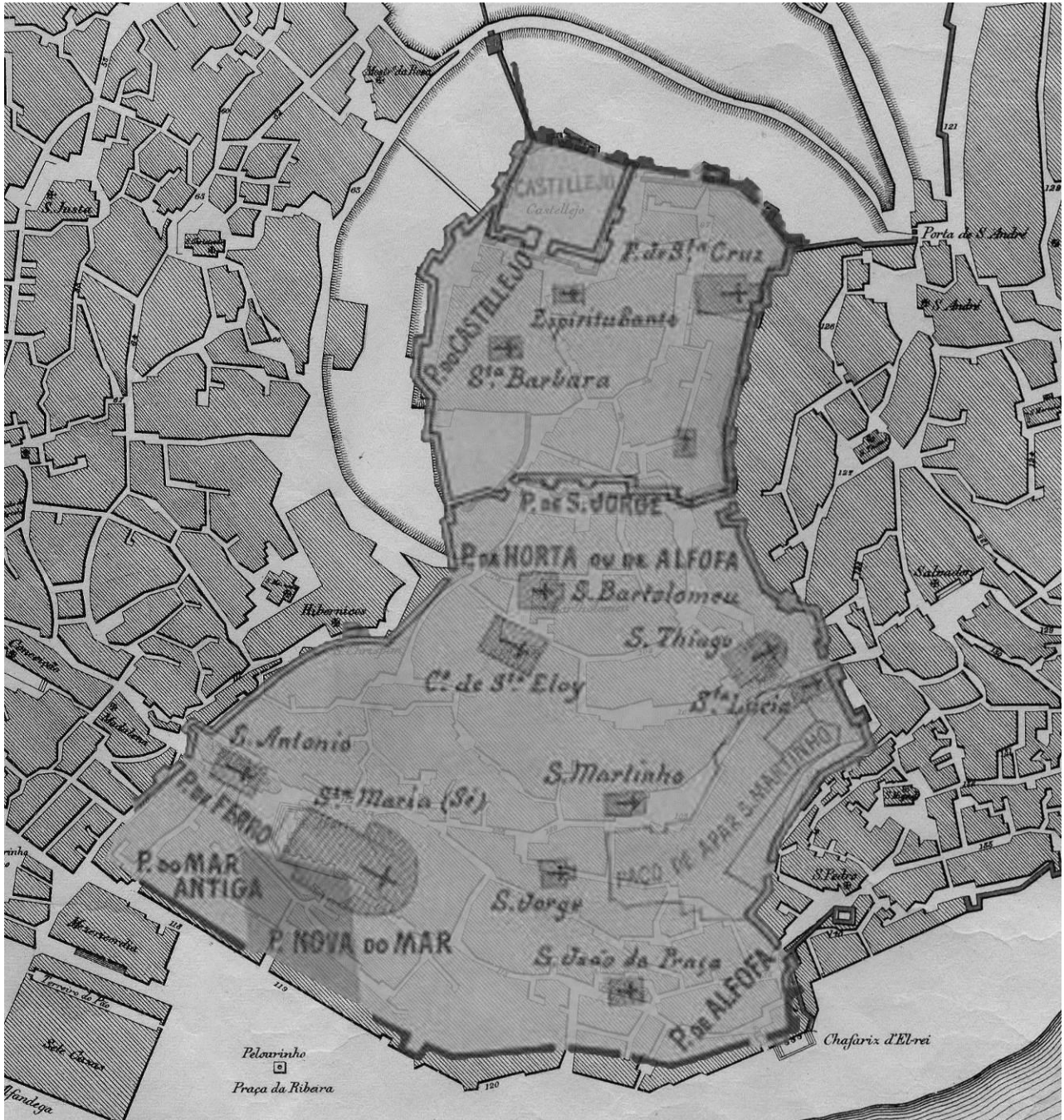
Atualmente é difícil definir a lógica das cidades. Contrariamente à cidade antiga, a sua forma encontrava-se ligada a um sítio, sendo delimitada por elementos amuralhados defensivos, os quais constituíam uma barreira física entre o espaço construído e não construído.

“... A cerca moura e a muralha fernandina eram, em Seiscentos, limites antigos da cidade, pontos de referência do desenvolvimento urbano de Lisboa. Este tipo de defesas teve sempre um duplo sentido de proteção militar e limitação do espaço urbano: um e outros fatores encontravam-se intrinsecamente ligados...”<sup>(3)</sup>

As cidades ancestrais foram elementos de fixação de novos aglomerados urbanos, pelas suas características morfológicas existentes tais como colinas, vales com exposição privilegiada. Para além destas, a presença do rio e a topografia irregular marcam frequentemente o limite e a forma da cidade. Foi o que aconteceu em Lisboa, pois a condicionante física e o carácter defensivo (muralha, edifícios religiosos), proporcionaram nela o estabelecimento de novos agregados.

<sup>(3)</sup> Helena Murteira, *Lisboa da Restauração às Luzes*, p. 66.

A cidade, perante as necessidades de defesa, obrigou a uma certa compactação do tecido urbano, criando um limite amuralhado através de um processo natural pouco ordenado, em que os traçados morfológicos foram dominados pelo sentido do *locus* <sup>(4)</sup>.



F.7 | Planta de João Nunes Tinoco 1755, sobreposta com Traçado das Muralhas de Lisboa 1892 da BNP.

Fonte: Imagem do autor.

<sup>(4)</sup> Helder, Carita *Lisboa Manuelina: e a formação de modelos urbanísticos da época Moderna*, p. 25.

As cercas muitas vezes funcionavam como elementos de defesa, sendo definidas por muros altos estabelecendo um carácter urbano e, desta forma, gerando uma barreira física entre um exterior rural e um interior urbano. O habitar interior tornava-se, por conseguinte, completamente distinto do habitar exterior, entendido enquanto um espaço vivenciado, muito preenchido e com considerável intensidade social e mesmo atividade laboral.

A linha de fortificação e de delimitação do perímetro urbano, apesar da sua rigidez, não limitava completamente o conceito de “urbanidade”, embora densificasse o seu interior perante as necessidades e acompanhasse as construções que definiam a expansão da cidade. Disto foi exemplo a cerca nova, denominada de cerca fernandina, construída durante o reinado de D. Fernando (1373).

Perante estas circunstâncias, o modelo formal cria por vezes uma rotura clara com o modelo orgânico, apresentando uma diluição na forma e nos limites e tornando este últimos menos claros.



F.8 | Planta de 1761 representando as fortificações de Lisboa.

Fonte: Arquivo Histórico da CML, Publicada em Silva, Vieira; Plantas Topográficas de Lisboa 1950.

Uma linha de fortificação limita sempre a possibilidades de expansão espontânea, como se verifica em geral numa cidade planeada. O coeficiente de densidade e complexidade da aglomeração vai crescendo gradualmente, conduzindo a uma progressiva sedimentação do tecido urbano e conferindo um certo carácter irregular, onde a escala humana se impõe.

Com o crescimento demográfico que se registou, ao longo dos séculos XVI e XVII, surgiram as primeiras intenções de expansão da cidade de Lisboa. A lógica vigente consistia na busca de uma forma regrada que organizasse e regulasse os espaços urbanos. A cidade que era delimitada por uma muralha foi-se alterando e o “habitar” que implica normalmente uma ideia de recetáculo desvaneceu-se pelas acções de perfuração das muralhas, provocadas pela necessidade de expansão do tecido urbano.

A regularidade da malha ortogonal, que apenas interrompia os grandes declives e diferenças de cotas acentuadas veio transformar a imagem da cidade. A construção do Bairro Alto – inicialmente conhecido por Vila Nova do Andrada - consistiu na primeira operação urbanística realizada fora do perímetro das muralhas. <sup>(5)</sup>



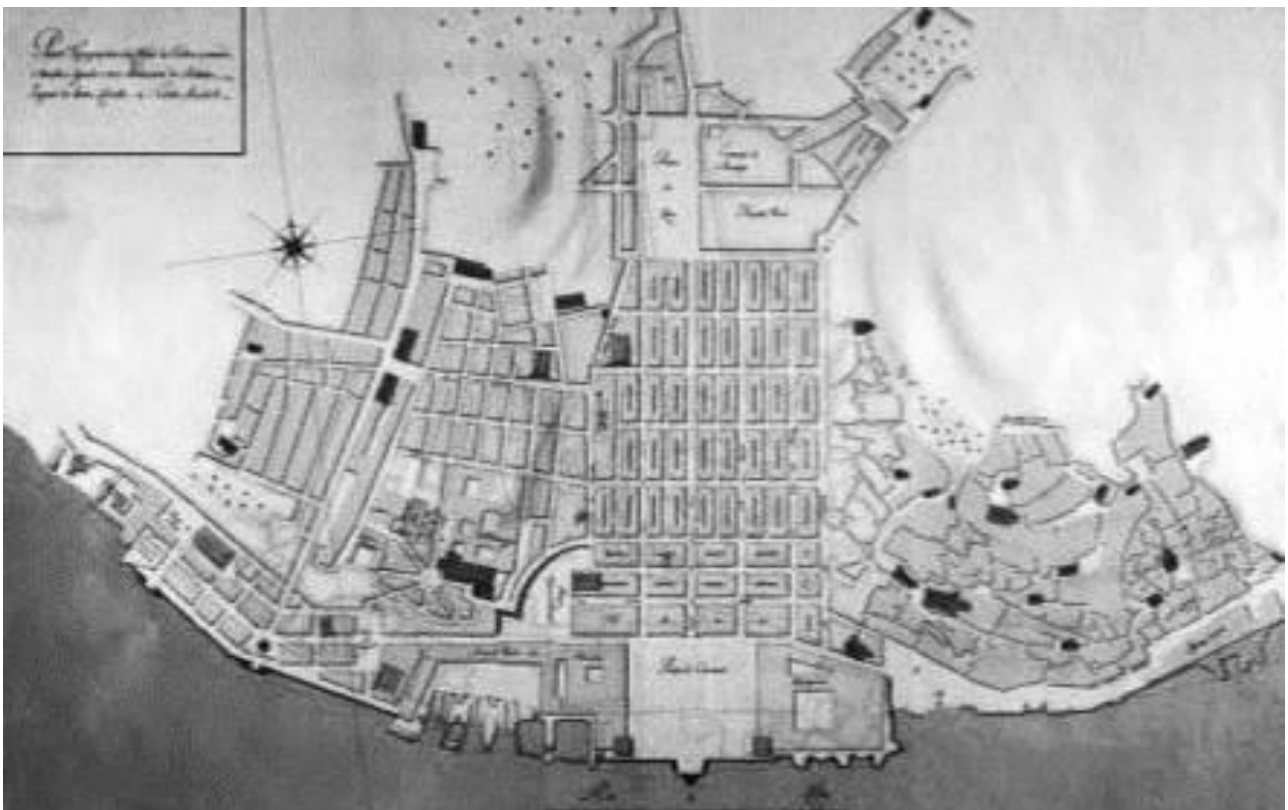
F.9 | Planta de Bairro Alto de Lisboa, Recorte Planta João Nunes Tinoco 1650.

Fonte: Imagem do autor.

<sup>(5)</sup> José M. R. G. Lamas, *Morfologia urbana e desenho da cidade*, p. 190.

A lógica do traçado era diferente do histórico, conferindo um grande progresso através das regras de composição espacial. O pensamento do espaço formal concebeu a organização racional, criando espaços urbanos mais ordenados e justos, solucionando os problemas de salubridade.

Este processo de construir a cidade a partir de um traçado exigiu um plano conferindo uma considerável unidade estética e visual que resultou de a arquitetura ter sido concebida a três dimensões <sup>(6)</sup>. O desenho urbano integrava as fachadas dos edifícios como composições urbanas, regidas por regras e princípios cuidadosos, como aconteceu no plano da Baixa Pombalina. Este processo de planeamento não refere o utente, como elemento interveniente do espaço urbano edificado. Não obstante, define muito claramente a forma, a fronteira dos eixos e as linhas do plano, distinguindo o que é construído do que é o vazio.



F.10 | Plano da Baixa Pombalina de 1758 da autoria de Eugénio dos Santos e Carlos Mardel.

Fonte: Museu da Cidade.

<sup>(6)</sup> José M. R. G. Lamas, *Morfologia urbana e desenho da cidade*, p. 179.

Perante as transformações atrás descritas, os limites tornam-se menos claros. A cidade já não é essencialmente definida, como no passado, pelo seu núcleo. O significado da cidade, enquanto local geográfico, deixa de apresentar as relações evidentes quer de interior/exterior, quer de centro /periferia. Estas caracterizam e contribuem para determinar a sua organização, sobretudo pela importância que tiveram na formação do espaço urbano.

As formas e os limites diferenciados produziram as primeiras reações que num conjunto de experimentações de formas e filosofias do “habitar”, do socialismo utópico, como os “falanstérios” ou os “familistérios” <sup>(7)</sup>, propunham a transformação da cidade, impondo novos limites e diferentes formas de distribuição no território.

Nos séculos XVIII e XIX nasceu uma nova realidade – a Revolução Industrial - as máquinas surgiram em massa para substituir o labor humano. Veio a alterar-se a forma, os costumes e as próprias práticas sociais. Com a implementação dos caminhos-de-ferro, em meados de oitocentos, foram introduzidos novos sistemas de mobilidade na ligação entre cidades. As velocidades ancestrais próximas dos quatro quilómetros horários (da marcha do homem e do passo a cavalo) sofreram alterações. A partir de inícios do século XX, passou a ter-se em conta as novas velocidades inerentes ao automóvel que passou a percorrer estradas planas, bem como os navios que cruzavam os oceanos (transatlânticos) e os aviões capazes de os sobrevoar, bem como os continentes. <sup>(8)</sup> Em suma, os limites e os ritmos, bem como os próprios hábitos familiares ancestrais foram sofrendo alterações. A imprensa tornou-se no século XIX num instrumento de veiculação do pensamento humano. Durante milénios, o homem havia vivido em redor do seu abrigo, mas na época contemporânea, o mundo tornou-se num palco acessível. Tal alargamento de horizontes possuiu como consequência o avivar da singularidade, propiciando que o Homem se considerasse um ser individual. <sup>(9)</sup>

<sup>(7)</sup> A importância dos falanstérios tem sido sobrevalorizada por muitos autores fascinados pelo carácter de reforma social que estas experiências continham. No entanto, as suas influências no desenvolvimento posterior da urbanística parecem não ter grande impacto. Tanto os familistérios como os falanstérios partiam de reformas sociais e económicas profundas, com a constituição de sociedades socialistas, para as quais foram encontradas formas construtivas que as possibilitassem. Curiosamente, sob o ponto de vista estético, as arquiteturas realizadas vão buscar inspiração aos palácios aristocráticos no aspeto exterior, já que o interior segue o programa de organização social que o habita.

<sup>(8)</sup> Le Corbusier, *Maneira de Pensar o Urbanismo*, p. 21

<sup>(9)</sup> Idem, p. 22.

A primeira reação ao “novo” a estas alterações terá sido de novo uma certa inquietação. Buscando no passado a lógica de construir o novo, o Homem procurava entender como o comércio e a indústria local passavam a ser substituídos em massa pelas mercadorias e matérias-primas. Deixa de dominar o saber fazer, como se produz, passando apenas a adotar uma atitude de consumista.

Afastado das suas tradições e dos seus conhecimentos, o Homem integrou a era mecanizada. As máquinas impunham um novo discurso à história da humanidade. O efeito das descobertas no domínio da construção foi determinante, alterando-se, deste modo, os pressupostos ancestrais, até então praticados.

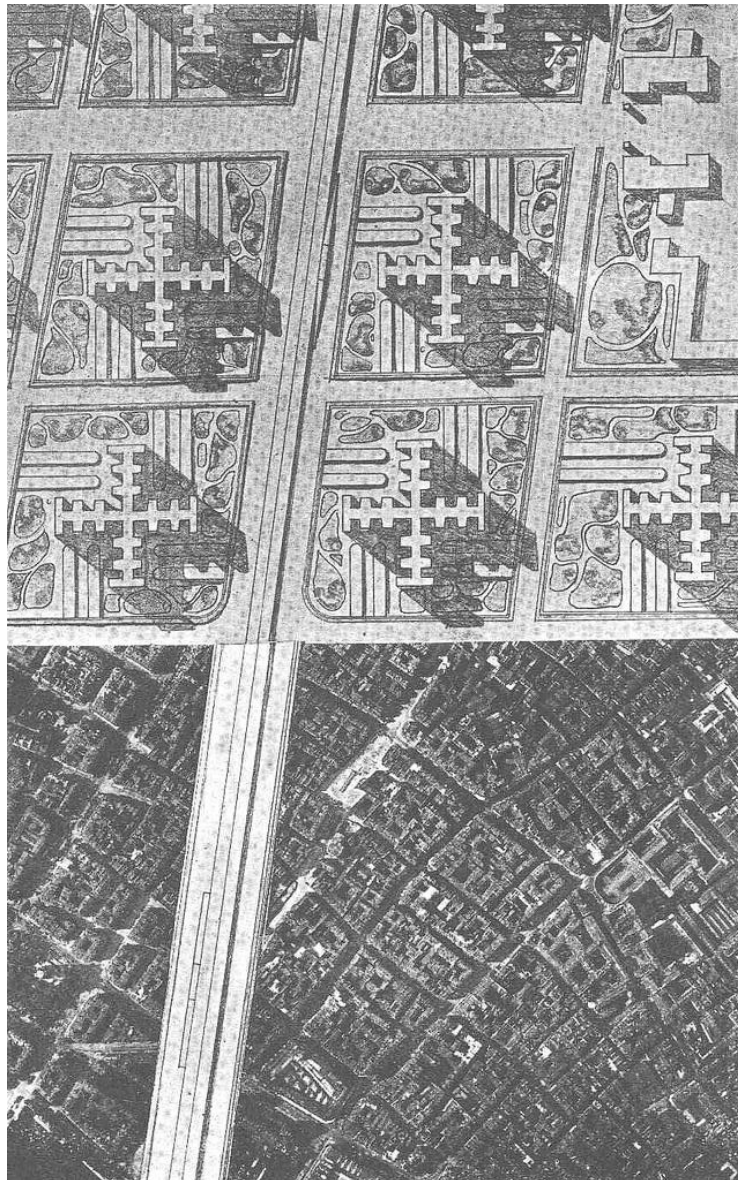
Uma certa inquietação proporcionada pela procura de formas e limites na transformação da cidade, veio produzir vários ensaios. A necessidade de recolocar o homem enquanto interveniente na cidade deu origem à procura de um determinado ideal de cidade.

Le Corbusier, que constituiu a voz dos arquitectos do movimento moderno, chegou a propor a destruição do centro da grande cidade de Paris para ceder lugar a uma cidade livre de limites, adequando as condições de vida humana às mudanças mais céleres da cidade.



F.11 | Proposta Plan Voisin, Paris, França, 1925.

Fonte: [www.fondationlecorbusier.fr](http://www.fondationlecorbusier.fr).



F.12 | Proposta do centro histórico de Paris, Plano Voisin, 1925;  
Em baixo: Bairros que se projetam destruir;  
Em cima: Bairros que se projeta edificar em seu lugar.  
Fonte: Le Corbusier, *Maneira de Pensar o Urbanismo*. Lisboa; 2008, p.141.

Perante uma utopia como esta, <sup>(10)</sup> considerou-se que não existia qualquer relação entre as fundações de cidade ancestrais, cidade receptáculo, definida por muros que a delimitam conforme já foi abordado, apresentando-se sob uma forma indefinida de limites, acentuada pelo próprio “descolar” dos edifícios no terreno, libertando o conceito de limite e forma.

<sup>(10)</sup> “utopia” termo que deriva do grego (*ou-*, não + *tópos*, *ou*, lugar), vulgarizada através do latim tardio, adotada por Thomas More para nomear uma ilha ideal em *A Utopia* (1516).

O espaço urbano organiza-se em tipos diferentes e reconhecíveis: a rua, a praça, o beco, a travessa, entre outros. As relações dos diferentes elementos morfológicos distinguem-se pela sua coerência, interligação e dependência. Assim e por exemplo, a rua é definida pelos edifícios, constituindo uma unidade indissociável.

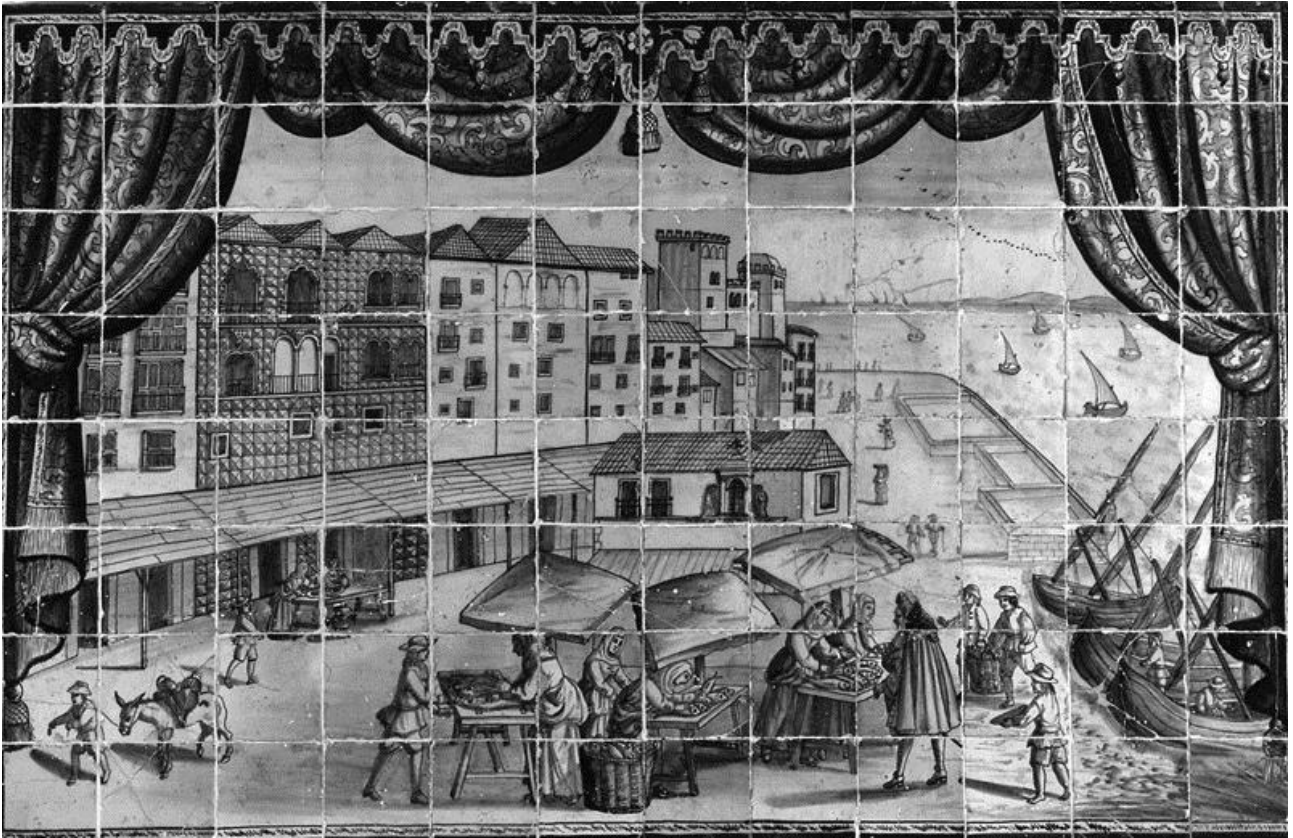
A rua é um espaço com função que compõe e estrutura a cidade, à qual associamos uma certa leitura do construído, definindo a forma e o limite do que é edificado e percorrível, revelando deste modo, através do seu desenho, a sua massa e a sua vida social.

“[...]o nosso homem caminha, desloca-se, entregue as suas ocupações, registando assim o desenrolar dos factos arquitectónicos que se vão sucedendo. Sente o seu efeito, fruto de comoções sucessivas. De tal modo que, postas à prova, as arquiteturas se classificam de mortas ou vivas, se a regra do caminhar não foi observada, ou se pelo contrário foi brilhantemente explorada.”<sup>(11)</sup>

A rua para o homem na época medieval, não invoca uma imagem espacial enquadrada formalmente por um conjunto de fachadas de edifícios urbanos, mas antes por uma oposição, sendo associada a um percurso que se enquadra na experiência vivida, onde o espaço e o tempo parecem indissociáveis.

A vida urbana da cidade medieval decorria entre as ruas que se apresentavam numa teia irregular, labiríntica e em constante descoberta, proporcionando locais com grande intensidade social, considerando o homem como observador e não como elemento interveniente. Sem o conceito moderno de espaço “indiferenciado”, o homem organizava as suas relações com a realidade vivenciada, através de locais vividos.

<sup>(11)</sup> Le Corbusier, *Conversa com os estudantes das escolas de arquitectura*, p. 51.



F.13 | Representação da Cidade Medieval antes do terramoto 1755.

Fonte: Coleções de Azulejaria, Museu da Cidade.

A praça formal não existe no legado islâmico, quanto muito as praças ocupavam os espaços vazios resultantes do cruzamento de ruas que se apresentavam com tamanhos irregulares ou localizados nas imediações dos bairros. A praça aparece lentamente, como local intencional de encontro. A permanência e a realização de atividades, como o mercado. <sup>(12)</sup>

A rua não tinha conotações com a tipologia formal, os termos azinhaga e beco têm no período medieval um significado de percursos particulares. O termo azinhaga era entendido como via particular e rural e o termo beco era entendido como rua sem saída, estruturando-se mais tarde na Época Moderna.

<sup>(12)</sup> Hélder Carita, *Lisboa Manuelina: e a formação de modelos urbanísticos da época Moderna*, p. 23.

“... mais que um espaço público, a azinhaga era, nestes casos espaço privado...”<sup>(13)</sup>

“... azinhaga que não tem saída...”<sup>(14)</sup>

A sistematização de tipologias urbanas é estruturada a partir do séc. XIV e ao longo do séc. XV, acompanhando uma progressiva capacidade de abstração do entendimento do espaço urbano, num percurso de conceptualização espacial. Os locais e as atividades principais vão herdando o seu nome e a rua que se constituía como uma nova entidade espacial.<sup>(15)</sup> “... é contra a morfologia da cidade tradicional que a urbanística moderna assesta as suas baterias e trava um combate sistemático. Nessa batalha, o quarteirão e a rua serão alvos principais, na medida em que constituem a sua expressão essencial...”.<sup>(16)</sup>

No entanto, as ruas perdem o seu carácter perante o fenómeno moderno da circulação automóvel. Os aspetos físicos e funcionais da cidade assim como, os edifícios são desenvolvidos com uma dimensão diferente. As ruas que eram percorridas pela multidão no séc. XIX passam a responder a um traçado do movimento modernista - cuja prioridade era a circulação automóvel.

No novo ordenamento são traçados objetivos como a sectorização que dividia o espaço urbano das residências, do trabalho, do lazer e da circulação. Visavam eliminar a mistura de atividades assim como, eliminar a grande afluência de pessoas que percorriam as ruas a pé.

<sup>(13)</sup> BEIRANTE, Maria Ângela: *Espaços Públicos nas cidades Portuguesas medievais Santarém e Évora*. Universidade Aberta; 1993, Volume II., p. 72.

<sup>(14)</sup> SEQUEIRA, Gustavo de Matos: *O Carmo e a Trindade de Lisboa*. Edições C.M.L.; 1939., p. 61.

<sup>(15)</sup> CARITA, Hélder: *Lisboa Manuelina: e a formação de modelos urbanísticos da época Moderna*. Lisboa, 1999., p. 26.

<sup>(16)</sup> LAMAS, José M. Ressano Garcia: *Morfologia urbana e desenho da cidade*. Lisboa; Fundação Calouste Gulbenkian, 2004., p. 346.

“... a aplicação exaustiva destes postulados conduziram à “cidade funcionalista”, com as funções bem arrumadas em lugares próprios, sem sobreposição – o contrário da cidade tradicional, com a mistura e promiscuidade funcional...” (17)

A rua das pessoas é substituída pelo termo rodovia dos carros, tornando-se uma das principais características da cidade formal, pensada a partir da otimização de espaços e fluxos e não para proteger a diversidade dos utilizadores.

“... As cidades, onde o automóvel apareceu, tornaram-se desertos de pedras e de asfaltos, no barulho e no tédio, com as condições da natureza abolidas e esquecidas...” (18)



F.14 | Representação da rua na cidade formal.

Fonte: Le Corbusier: *Os três estabelecimentos Humanos* 1979., P. 17

Assim, estamos perante duas formas de intervenção que coexistem e dão forma às cidades. Estes dois tipos de forma urbana, não mantêm necessariamente, uma relação de continuidade nem no espaço nem no tempo. Por um lado, a forma racional está associada à previsão, à regularidade e ao planeamento a longo prazo, por outro lado às geometrias naturais dos diferentes tipos de traçado.

(17) LAMAS, José M. Ressano Garcia: *Morfologia urbana e desenho da cidade*. Lisboa; Fundação Calouste Gulbenkian, 2004., p. 345.

(18) LE CORBUSIER: *Os Três Estabelecimentos Humanos*. São Paulo; Editora Perspectiva S.A., 1979., p. 18.

O movimento moderno tem como resultado a desagregação das comunidades, dando origem ao termo “urban sprawl” <sup>(19)</sup> consiste no alastramento da ocupação urbana para fora dos limites da cidade, sendo que as principais consequências são a grande dependência das redes viárias; a insuficiência de equipamentos e serviços públicos e a ausência de uma estrutura urbana interativa, causados pela limitação do desenho formal.

Consequentemente, as cidades tornam-se empobrecidas a nível económico e social, definidas por regras e normas não compatíveis com a qualidade de vida urbana. Sem história para contar, o abandono dos centros históricos conduz a novas formas de pensamento, enquanto forma de operar perante um projeto urbano, procurando caminhos inversos em relação aos modelos atuais.

A cidade orgânica consiste numa oposição ao desenho formal, com capacidade de gerar espaço e sensações, a partir de diferentes fatores, quer sejam individuais ou coletivos, em que as regras tectónicas de diferentes elementos acontecem como resposta a determinadas soluções.

A cidade informal possibilita ao homem ser o interveniente, à semelhança das cidades antigas, combinando a habitação, o trabalho, o lazer e a aprendizagem. Procurando solucionar problemas de fragmentação do tecido urbano atual, cria um sistema de cidade unitária e bem definida.

<sup>(19)</sup> O “urban sprawl” descreve a expansão das populações humanas relativamente às áreas urbanas centrais em direcção às comunidades monofuncionais e de baixa densidade dependentes do transporte automóvel, num processo que se designa de suburbanização. Muito embora o termo “urban sprawl” seja utilizado pela Agência Europeia do Ambiente, é mais corrente o emprego da expressão “peri-urbanização” na Europa Central.

## II COLINA DE SANT'ANA

Contexto Histórico

No seguimento da temática abordada no capítulo anterior, propõe-se uma reflexão centrada na colina de Sant'Ana que tem como objetivo compreender o sítio e a envolvente de intervenção do projeto, analisando os valores históricos presentes e a importância do seu posicionamento em relação à cidade.

Refletindo sobre estes paradigmas, começamos por uma leitura dos fatores estruturantes da colina de Sant'Ana, incidindo na importância dos conventos na consolidação dos aglomerados. Passamos inicialmente pela análise do Convento do Desterro que inclui toda uma evolução formal e programática no decurso dos tempos.

Torna-se essencial uma reflexão sobre o tema da Ordem de Cister, por se tratar de uma ordem ligada ao Convento, sendo desejável compreender e reconhecer os conceitos aplicados, bem como a lógica arquitetónica conventual.

Por último, iremos abordar um caso de estudo, o Convento La Tourette, reconstruído por Le Corbusier, o qual torna mais consistente nossa reflexão. Trata-se de uma intervenção num Convento da Ordem Dominicana que nos é útil pela forma interventiva na aplicação das regras.

“[...] A Forma urbana não pode ser desligada do seu suporte geográfico e este é um elemento tão importante como os factos construídos. O sítio contém já em muitos casos a génese e o potencial gerador das formas construídas, pelo apontar de um traçado, pela expressão de um lugar...”<sup>(20)</sup>

A posição central da colina de Sant'Ana em relação às sete colinas abrangidas por Olisipo<sup>(21)</sup>, beneficia do Tejo como ancoradouro. As águas do rio enchiam parte do vale largo da Baixa, os braços estendiam-se por Valverde e Vale da Mouraria, chegando a Arroios, separados pela colina de Sant'Ana.



F. 15 | Fragmento da Planta Morfologia de Lisboa.

Fonte: Museu da Cidade.



F.16 | Carta de Lisboa e Arredores, 1820.

Fonte: Centro de Cartografia da Faculdade de Arquitectura de Lisboa

<sup>(20)</sup> José M. R. G. Lamas: *Morfologia urbana e desenho da cidade*, p. 63.

<sup>(21)</sup> "Olisipo" era o nome dado pelos romanos à cidade de Lisboa.

As características morfológicas, a posição central e a proximidade face à Colina do Castelo conferiram à colina condições de ocupação e exploração humanas que se vieram a concretizar.

Para além do desenvolvimento próprio da colina, também o crescimento da cidade de Lisboa é um fator estruturante dos caminhos. As referidas condições proporcionaram e condicionaram a fixação da população em pequenos núcleos. <sup>(22)</sup>

A já referida construção da muralha que D. Fernando mandou construir no séc. XIV, promove a envolvência e o alargamento da cidade medieval, criando um novo limite no território. <sup>(23)</sup>



F. 17 | Cerca Nova, D. Fernando mandou construir, séc. XIV.

Fonte: Gabinete de Estudos Olisiponenses.

A muralha fernandina introduziu profundas alterações no território, nomeadamente terá obrigado à intervenção e reestruturação dos caminhos, em função das portas e postigos na cerca, obrigando a fazer a saída exclusivamente pelo novo postigo e caminho de Sant'Ana <sup>(24)</sup>.

<sup>(22)</sup> Ana Maria Salta, *Factores Estruturantes da colina de Sant'Ana em Lisboa; Séculos XIV a XVII*, p. 144.

<sup>(23)</sup> Idem, p. 146.

<sup>(24)</sup> Idem, p. 56.





F.19 | Planta Colina de Sant' Ana séc. XIV (1ª Metade).



F.20 | Planta Primeiros Quarteirões de Sant' Ana.



F.21 | Planta Lisboa séc. XVI até 1579.

Fonte: Ana Maria Salta: *Fatores Estruturantes da Colina de Sant'Ana em Lisboa; Séculos XIV a XVII*. ISCTE, 2001.

A colina atrai num intervalo de trinta anos (de 1561 a 1591) <sup>(26)</sup>, quatro congregações religiosas que constroem grandes edifícios, consagrando a definitiva requalificação deste território ao longo de três séculos. Cerca de uma dezena de conventos, igrejas e capelas enriquecem um interesse no “campus espiritual”. <sup>(27)</sup>

Os edifícios religiosos criaram uma terceira linha de defesa de Lisboa, com fundação no exterior do limite da cerca fernandina. Funcionam como elementos de continuidade nas estratégias históricas de defesa e como unidades autónomas, à margem do tecido urbano consolidado tornando-se referência na estrutura física e simbólica da cidade.

Tornaram-se fatores agregadores os seguintes edifícios de património: Convento Sant'Ana representado pela Ordem Terceira S. Francisco (1541/61); Mosteiro de S. Bernardo do Desterro da Ordem de Cister (1567), Hospital dos Capuchos da Ordem Franciscana (1570), Colégio de Santo Antão o Novo, da Ordem Jesuíta e o Convento das Comendadeiras (de Nossa Senhora da Encarnação, 1630), da Ordem de Avis.

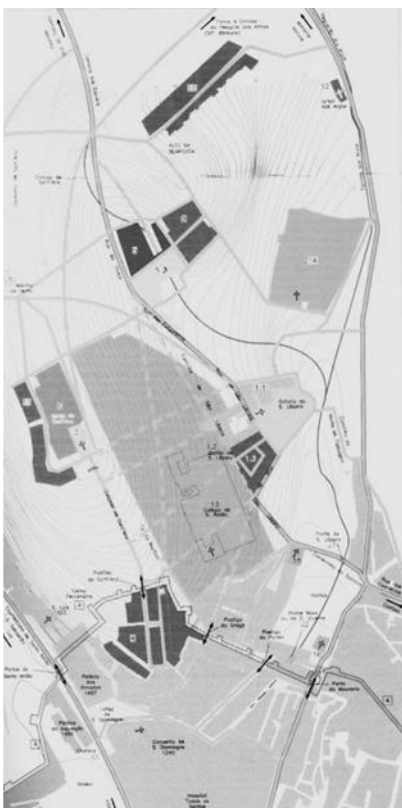
<sup>(26)</sup> Datas referentes aos conventos de Sant'Ana e de S. Bernardo do Desterro.

<sup>(27)</sup> Na sequência da expulsão das ordens religiosas este será transformado no “Campus Hospitalar”, que hoje conhecemos.

O grande desenvolvimento do processo urbano da colina de Sant'Ana foi conseguido com a construção de conventos e loteamentos habitacionais, mais precisamente na Calçada de Sant'Ana, no Bairro do Curral e na Bemposta, que se presume ter origem anterior a 1564. Resultante deste processo dá-se uma reestruturação da rede de caminhos em função das novas ocupações.

A muralha fernandina deixa de ter a função defensiva face ao crescimento da cidade, originando a necessidade de uma nova demarcação do perímetro e a construção de novas linhas de defesa. Os antigos postigos de Sant'Ana são demolidos ou transformados em arcos. Os cubelos e muralhas são aforados, propondo um novo método de defesa e criando uma rotura com as lógicas de desenvolvimento e construtivo de cidade.

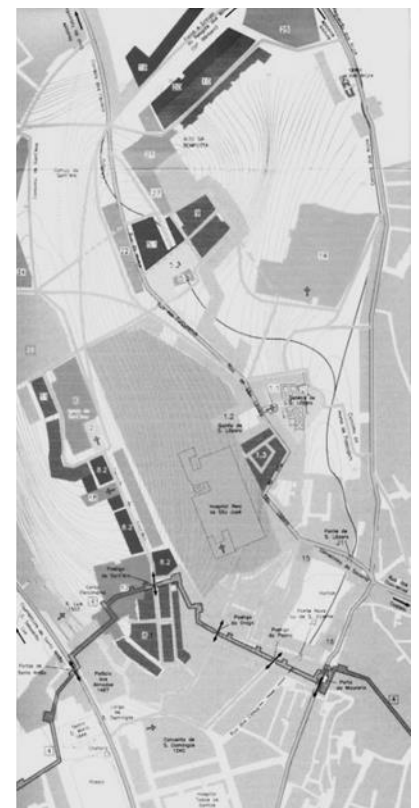
Tais condições de atratividade justificaram o grande impulso de desenvolvimento da colina de Sant'Ana no séc. XVI e mantiveram-se no séc. XVII, para ceder o lugar à implantação de vários palácios como o da Bemposta, o Palácio das Açaftas da Rainha, bem como a implantação de novos edifícios religiosos, o Convento das Comendadeiras e a Igreja da Pena, assim reforçando as linhas de defesa.



F.22 | Planta Colégio de S. Antão e Convento Desterro.



F.23 | Planta Lisboa 1630 – 1705, Bemposta.

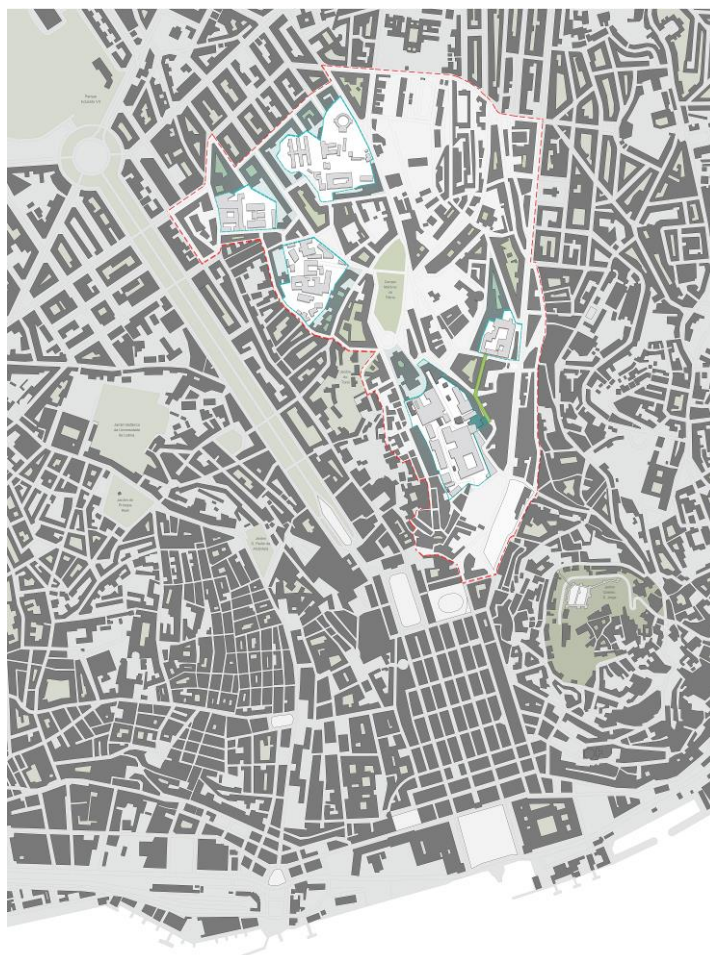


F.24 | Planta Final séc. XVII - Palácios.

Fonte: Ana Maria Salta: *Factores Estruturantes da colina de Sant'Ana em Lisboa; Séculos XIV a XVII*. ISCTE; 2001.

No final do séc. XVII, a qualificação urbana da colina de Sant'Ana está completamente consolidada e é reforçada pelas construções de palácios, mantendo-se a lógica de ocupação na sua expressão urbana e demográfica. A imponência destes conjuntos, dispares nos seus programas, localizados na periferia do campo e usufruindo de alguma autonomia, oferecia-nos uma visão diferente de desenvolvimento urbano.

Por um lado, apresentavam lógicas em contraponto à cidade histórica, por outro, revelavam-nos um desenvolvimento perfeitamente integrado e coerente com as características da restante cidade. Os fatores descritos levam-nos a concluir que a Colina de Sant'Ana participava na estruturação do território da cidade de Lisboa. A sua integração na cidade não se fez pela mera expansão, nem como mero núcleo autónomo progressivamente assimilado, mas desenvolveu-se com Lisboa, coexistindo uma estreita relação entre o seu núcleo e a sua identidade. <sup>(28)</sup>

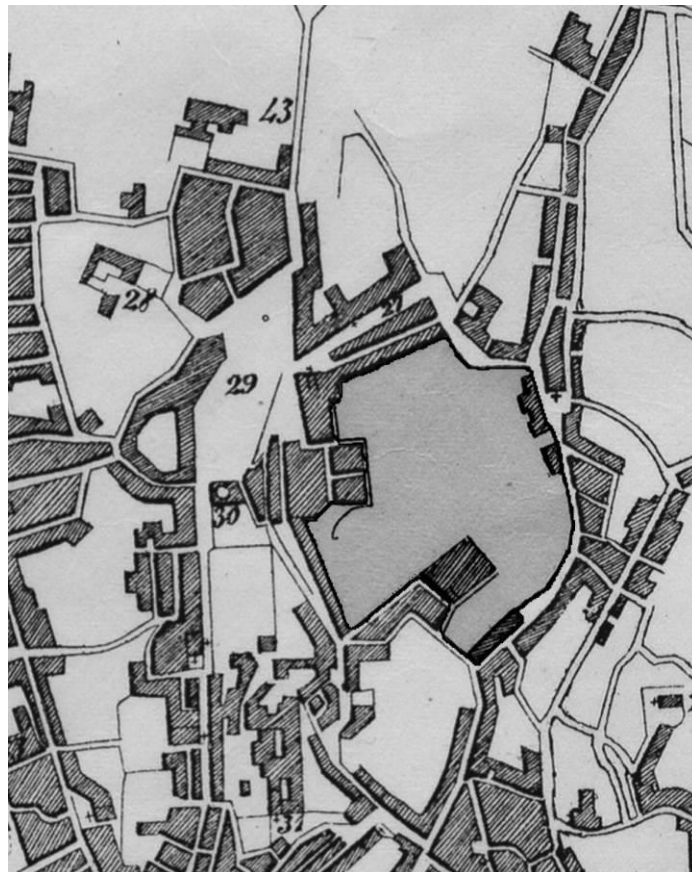


F.25 | Consolidação da colina de Sant'Ana: Hospital Miguel Bombarda; Hospital Santa Marta; Hospital Capuchos; Hospital S. José; Hospital Desterro.  
Fonte: Imagem do autor.

<sup>(28)</sup> Ana Maria Salta: *Factores Estruturantes da colina de Sant'Ana em Lisboa; Séculos XIV a XVII*. ISCTE; 2001., p. 149.

“... Há dois tipos de mosteiros: os de uma clausura tão rigorosa que não seja permitido aparecer em público, senão acaso no templo e nas procissões; os de clausura não tão estrita que vá ao ponto de impor o isolamento perpétuo. Em alguns deles vivem homens, em outros, mulheres...”<sup>(29)</sup>

A função do Convento na cidade histórica, definia-se como elemento de defesa singular, isolado do centro das cidades, ligado ao conceito de encarceramento assumido pela clausura de legado cisterciense, e remetendo-se para uma noção de “microcidade”, portadora de todos os recursos e elementos necessários para a sua subsistência.



F.26 | Fragmento Planta de autoria de A.C. Lemos; representa o convento e cerca.  
Fonte: Biblioteca Nacional Digital.

<sup>(29)</sup> ALBERTI, Leon Battista: *De Re Aedificatoria*. Lisboa; Fundação Calouste Gulbenkian, 2011., p. 333.

“[...] O edifício público ou o monumento como individualidade e como localização devem intervir em primeira mão na composição da cidade. Não se localizam em qualquer ponto. Têm o seu lugar marcado. Servem para compor a fisionomia urbana[...]”<sup>(30)</sup>

A sua presença era determinante no contexto da cidade, caracterizava o desenho urbano da área de intervenção e a sua envolvente, quer pelo seu valor determinante de elemento gerador de espaço quer pela sua imponente e imagem.

O Convento era um elemento morfológico individualizado pela sua tipologia arquitetónica muito própria, fundamentava o princípio das permanências, permitindo a consolidação de novos aglomerados, que persistiu no tecido urbano e resistiu a transformações.



F.27 | Fragmento Planta de 1855 representa a ligação entre os conventos Hospital do Desterro, 116; Hospital S. José, 102.  
Fonte: Museu da Cidade, Lisboa.

<sup>(30)</sup> Marcel Poète: *Introduction à L' Urbanisme*. Editions Anthropos. Paris; 1967. Vide José M. R. G. Lamas: *Morfologia urbana e desenho da cidade*. Lisboa; Fundação Calouste Gulbenkian, 2004, p. 104.

“ [...] Era de monges de S. Bernardo e eles mesmo o mandaram edificar. Teve princípio em 1591, lançando-se-lhe a primeira pedra em 8 d’ Abril d’ esse anno [...]” <sup>(31)</sup>

Após a construção da Ermida Nossa Senhora do Desterro, o projeto do Convento iniciou-se no reinado de D. João IV, edifício que não atingiu a grandiosidade inicialmente prevista. A configuração inicial do Convento assentava sob as lógicas ancestrais do legado cisterciense, conforme o que foi abordado no capítulo anterior sobre a Ordem de Cister.



F.28 | Fotografia, representação do claustro.

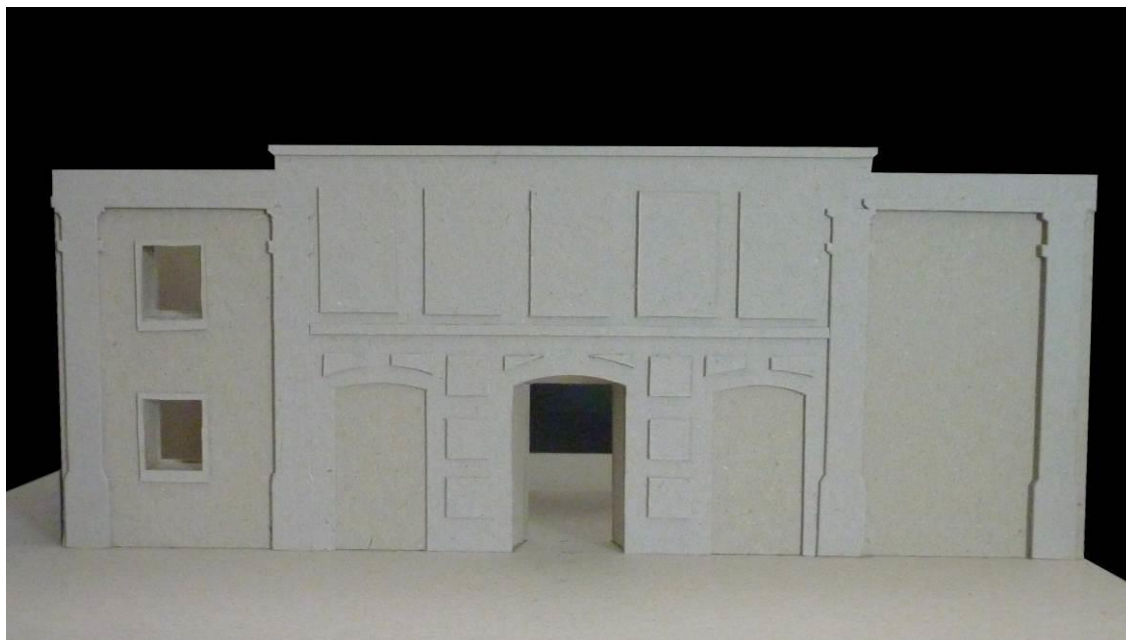
Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa, Núcleo Fotográfico.

<sup>(31)</sup> Leal Pinho: *Dicionário: Portugal Antigo e Moderno*.

A Ermida <sup>(32)</sup> “Spiritus” ocupava a parte poente com a fachada sul do convento, sofreu com os efeitos da catástrofe do terramoto de 1755, afetando as abóbodas deixando-as em ruínas, existindo hoje apenas, o andar inferior do vestíbulo.



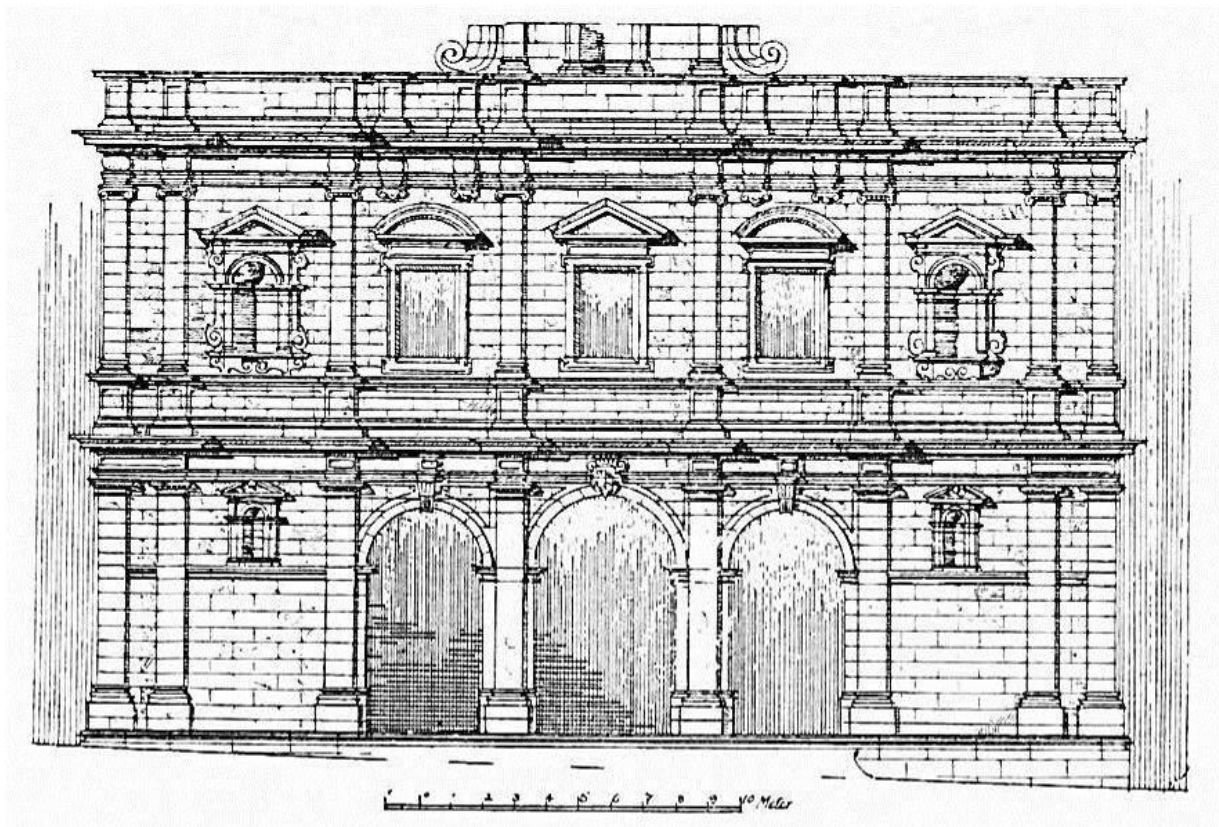
F.29 | Maquete da Fachada Principal; Santa Maria do Desterro.  
Fonte: Imagem do autor.



F.30 | Maquete da Fachada Interior; Santa Maria do Desterro.  
Fonte: Imagem do autor.

<sup>(32)</sup> A Ermida de invocação a Nossa Senhora do Desterro, remonta a 1591 de acordo com a inscrição na lápide encontrada junto a cerca do Hospital de S. Lazaro. De autoria desconhecida, os críticos inclinam-se a ligar a sua traça a Filippo Terzi, ao mesmo tempo que indica Baltazar Alves, como provável mestre de obra. Vide Albrecht Haupt, *Arquitectura da Renascença em Portugal*. Lisboa; 1924, p. 66.

A configuração assentava apenas em registos concebidos mentalmente, assemelhando-se á arquitetura da Igreja de Santo Antão, com capacidade de ocupação para mais de mil pessoas. <sup>(33)</sup>



F.31 | Fachada Santa Maria do Desterro

Fonte: Haupt, Albrecht: *Arquitectura da Renascença em Portugal*. Lisboa; 1924. P. 65.

O espaço conventual monástico apresentava uma tipologia constituída por três andares, <sup>(34)</sup> inserida numa linguagem arquitetónica própria da tipologia cisterciense, ostentando linhas sóbrias, simplicidade nos espaços, em que a busca da austeridade e do mínimo se torna evidente. Os elementos construtivos cumpriam com as funções estruturais e funcionais a que se destinavam.

<sup>(33)</sup> Luís Gonzaga Pereira: *Monumentos Sacros de Lisboa em 1833*. Lisboa; 1927, p. 53.

<sup>(34)</sup> A.J. Barros Veloso et al: *Hospitais civis de Lisboa: História e Azulejos*. Lisboa; Inapa; 1996, p. 27-28.



F.32 | Fotografia Interior Cozinha Hospital do Desterro

Fonte: Imagem do autor.

O processo de construção do convento tem pontos de semelhança com o processo de construção dos assentamentos ancestrais, construindo-se sempre o necessário para determinado período.

A forma não se encontra estática, evoluindo a mesma ao longo dos tempos. Os usos arquitetónicos foram submetidos a grandes alterações, devido à profunda reforma dos mosteiros. Tal veio a obrigá-los a uma extensão e multiplicação dos corpos dos edifícios habitacionais, superando em muito os limites da cerca dos conventos. <sup>(35)</sup>

<sup>(35)</sup> Miguel Ángel Gonzalez Garcia: *Las Reformas de las Abadías Orensanas del Cister*. 1994, p. 16.

Apesar de tudo, a forma procurava adaptar-se às características morfológicas existentes, chegando-se mesmo ao ponto, de se prescindir de parte do edificado, a favor da abertura de um grande eixo viário como foi a Avenida Almirante Reis.



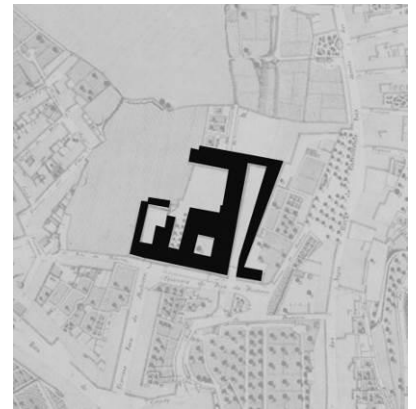
F. 33 | Diagrama forma do convento em 1755.

Fonte: Imagem do autor.



F. 34 | Diagrama forma do convento em 1837.

Fonte: Imagem do autor.



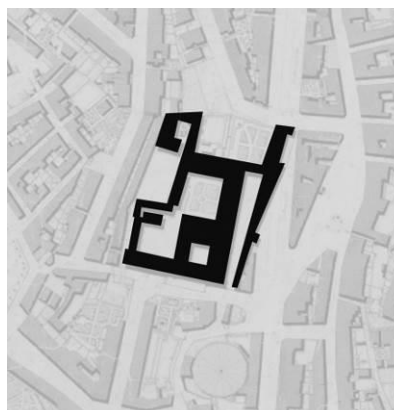
F. 35 | Diagrama forma do convento em 1858.

Fonte: Imagem do autor.



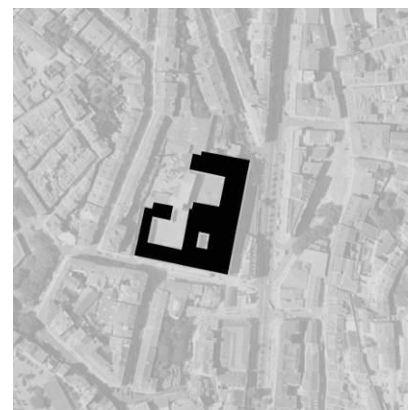
F. 36 | Diagrama forma do convento em 1871.

Fonte: Imagem do autor.



F. 37 | Diagrama forma do convento em 1904.

Fonte: Imagem do autor.



F. 38 | Diagrama forma do convento atual.

Fonte: Imagem do autor.

O convento tornava-se um elemento multifuncional, recebendo diferentes usos e funções e assumindo-se como um elemento resistente a configurações e a tipologias diferenciadas. Isto sucedeu superando na sua plenitude as lógicas ancestrais de conceção do legado cisterciense, enquanto elemento recetáculo e de clausura, com uma vida social muito acentuada.

Inicialmente serviu de habitação aos padres Bernardos; em 1750 aos doentes do Real Hospital de Todos os Santos; em 1789, funcionou como Hospital da Marinha. Entre 1807 e 1810, a Revolução Francesa deixou um nítido rasto de calamidade. O hospital recebeu então as famílias e crianças desfavorecidas, constituindo-se na “moderna casa pia de Lisboa”.<sup>(36)</sup>

Com a extinção das ordens religiosas, em 1834, o Convento passou para a posse do Estado e continuou a ter utilizações sucessivamente muito diversas. Serviu de albergue a doentes em fase terminal e, mais tarde, veio a receber os coléricos de epidemia. Em 1857, recebeu, ainda doentes com febre-amarela, ficando a administração do convento sob a tutela do Hospital de S. José.

Em 1906, o Largo do Intendente prolongava-se pela atual Rua da Palma, no ponto onde hoje se pode observar um chafariz. Neste período, ocorria o processo de expropriação dos terrenos adjacentes ao Hospital do Desterro, indispensáveis para a abertura da Avenida Rainha Dona Amélia (actualmente conhecida por Avenida Almirante Reis). Tal facto que conduziu a uma remodelação do Largo do Intendente.

<sup>(36)</sup> César da Silva: *Real Casa Pia de Lisboa: breve história da sua fundação, grandeza e desenvolvimento de 1870 até ao presente*. Lisboa; 1896.

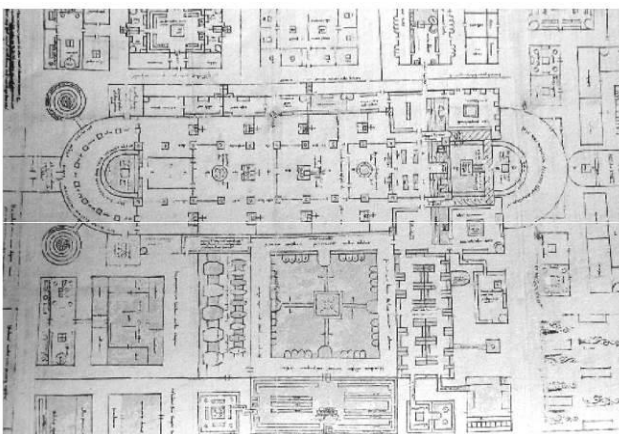


F.39 | Fotografia Lavadouro Publico, 1906.  
Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa, Núcleo Fotográfico.

“...A luz será recebida no interior do mosteiro através de uma área a céu aberto. Em torno dessa área, serão dispostos em lugares apropriados a colonata, o deambulatório, as celas, o refeitório, a sala do capítulo e os serviços segundo os mesmos princípios das residências particulares...”<sup>(37)</sup>

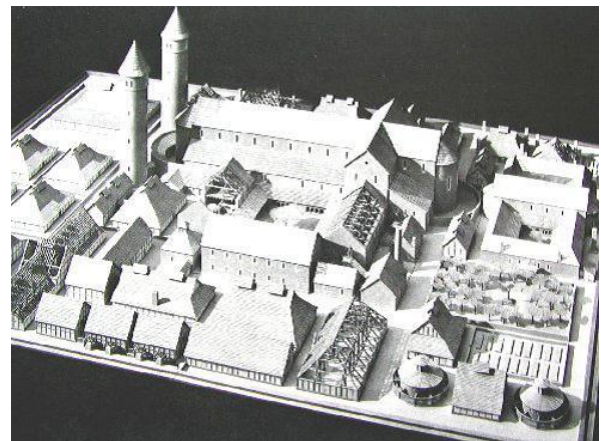
Ao olharmos para um mosteiro ou para um convento, os dois espaços que de imediato sobressaem são a Igreja e o claustro. A estrutura do claustro remonta ao século IX, época em que os complexos monásticos atingiam um grande desenvolvimento, compreendendo não só, os edifícios de culto, as habitações religiosas, as dependências destinadas a provisões, mas também as escolas e outros vários claustros cuja forma se foi aos poucos definindo.

Data deste mesmo período, a célebre planta do Mosteiro de Saint Gall (Suíça), que representa a vontade do Abade Gotzbert <sup>(38)</sup> de levar a cabo um plano perfeito e ideal, de acordo com as regras de ordem beneditina.



F.40 | Planta Saint-Gall.

Fonte: In BRAUNFELS, Wolfgang; Op. cit.; p.38.



F.41 | Maquete do Mosteiro ideal de Saint-Gall.

Fonte: In BRAUNFELS, Wolfgang; Op. cit.; p.38.

<sup>(37)</sup> Leon Battista Alberti: *De Re Aedificatoria*. Lisboa; Fundação Calouste Gulbenkian, 2011, p. 334.

<sup>(38)</sup> O Abade de Gotzbert dirigiu a abadia de Saint Gall entre 816 e 837. Em 830, iniciou as obras de reconstrução da Igreja; deduz-se, que o plano de Saint Gall se destinava a prepara uma nova abadia dirigida aos monges retirados do mundo e cuja existência se centrava no claustro e no altar.

Embora o projeto não se tenha construído, a elaboração do plano foi a concretização de um desejo de organização interna do espaço monástico. Evidenciando o claustro como elemento organizador de toda a estrutura do mosteiro, o mesmo tornava-se, juntamente com a igreja, o local mais importante do mosteiro. O aproveitamento para as diversas funções e a sua valorização surgiram apenas com a ordem de Cister <sup>(39)</sup>.

“[...] Se possível for, deve o mosteiro ser construído de forma a ter de portas a dentro tudo o necessário a saber: água, moinho, horta, oficinas onde se exerçam os diversos ofícios, para que os monges não tenham necessidade de andar lá por fora, o que não é nada conveniente para as suas almas [...]” <sup>(40)</sup>

Segundo a regra de S. Bento, o mosteiro deveria dar resposta às necessidades materiais e espirituais dos monges, baseando-se no princípio da autossuficiência. Deste modo, o mosteiro assumiu-se como uma unidade independente introvertida, sem depender dos serviços exteriores. Procurou o reflexo de um ideal que deveria ser encarado como uma cidade “amuralhada”, sendo dotado de todos os elementos necessários à subsistência.

“[...] A unidade genética, que é a da ordem, deve a arte cisterciense a sua própria unidade, que marca com um ar familiar as suas arquitecturas, [...]. No entanto, os mosteiros não são cópias e a construção cisterciense não é monótona. Cada edifício ajusta-se à mesma “forma” exemplar. Mas é deixado espaço para alguma singularidade [...]”<sup>(41)</sup>

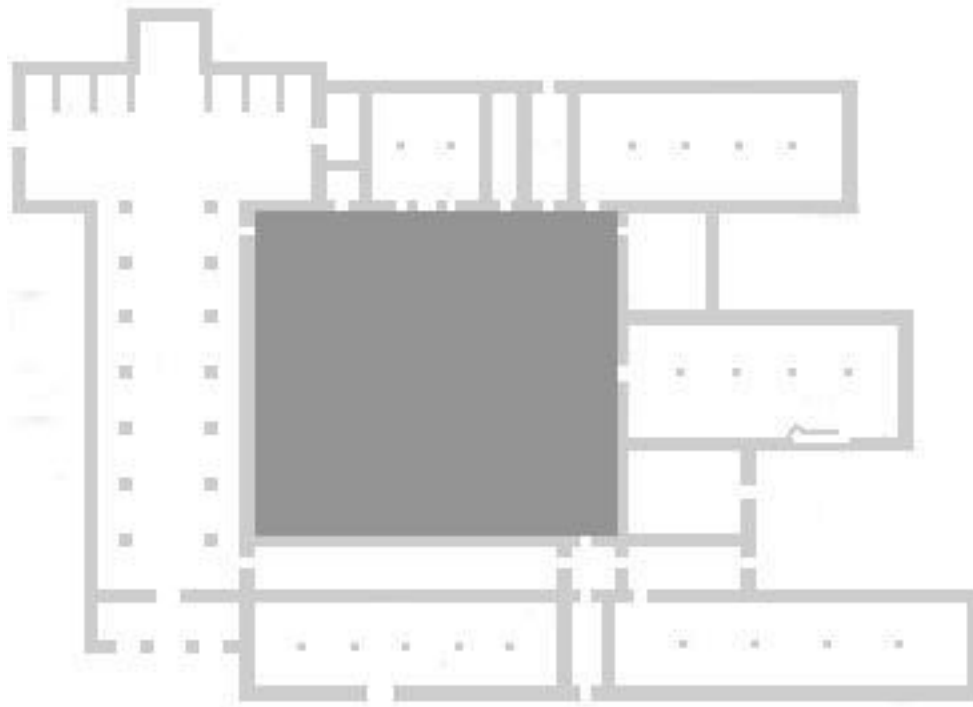
O espaço monástico apresentava uma linguagem arquitetónica própria, segundo plantas-tipo, linhas sóbrias, simplicidade e luz. A luz caracteriza o espaço, servindo de elemento de orientação para chegar aos espaços de contemplação.

<sup>(39)</sup> Congresso A Nova Lisboa Medieval. Lisboa; Edições Colibri, 2004., p. 153,154.

<sup>(40)</sup> Regra do Patriarca S. Bento, Cap. LXVI; traduzido e anotado do latim pelos Monges de Singeverga; Edições “Ora & Labora”: Mosteiro de Singeverga. Singeverga; 1992, 2 ed.

<sup>(41)</sup> Georges Duby: *São Bernardo e a Arte Cisterciense*. Porto; Edições Asa, 1997., p. 108-109.

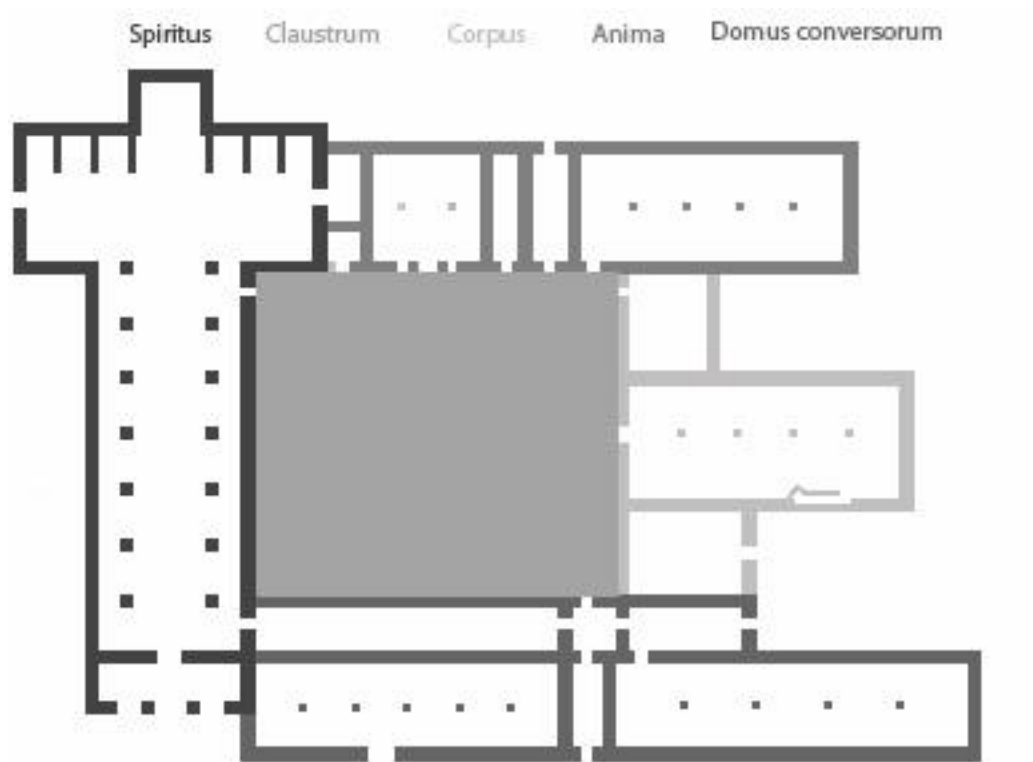
A importância do elemento claustro, como centro organizador de toda a estrutura do espaço monástico, corresponde a três dos seus lados que por sua vez corresponde a três funções essenciais: Spiritus (Igreja) a norte, Anima (sacristia, sala do capítulo, salas de trabalho intelectual) a este, Corpus (cozinha, calefatório, refeitório, latrinas) a sul e o quarto lado do Claustro, a este, é aberto aos conversos, é o Domus Conversorum (celeiro, dormitório, refeitório, latrinas).



F.42 | Diagrama Claustro elemento gerador de espaço circundante; baseado na Planta Tipo de Dom Maur Cocheril.

Fonte: Imagem do autor.

A diferença de significados, em oposição ao lado Spiritus e ao lado Corpus, surgiu a dicotomia terra-céu e matéria-espírito. As estruturas sociais da Ordem de Cister albergavam dois grupos bastante díspares: os monges e os conversos. Assim, os mosteiros apresentavam uma divisão em dois sectores distintos. Para o bom funcionamento da comunidade, estas duas vivências não se cruzavam fisicamente, mas dependiam inteiramente uma da outra.



F.43 | Diagrama de distribuição do programa com base na Planta Tipo de Dom Maur Cocheril.

Fonte: Imagem do autor.

As regras de construção cistercienses apresentavam uma familiaridade de “um espírito de austeridade e desnudamento levado ao extremo” <sup>(42)</sup>, que se materializou em edifícios de uma simplicidade e austeridade, de calma e de plenitude, na procura do “mínimo” <sup>(43)</sup>, recusando a ornamentação excessiva. Estas características são responsáveis por influenciar muitos arquitetos contemporâneos que procuravam a simplicidade da forma como John Pawson e Claudio Silvestrin e Le Corbusier merecendo deste a seguinte apreciação:

“[...] Cada elemento da construção é aqui (em Cister) um valor criador de arquitectura. O conjunto, como o pormenor, são um [...] A luz e a sombra são os altifalantes desta arquitectura de verdade, de calma, de força[...] Na hora do cimento bruto, bendito, benvindo e louvado seja, em meio do caminho, tão admirável encontro[...].” <sup>(44)</sup>

<sup>(42)</sup> Júlio Santos Moreira: *Reintegração paisagística do património de Cister*. in *Cister: Espaços, Territórios, Paisagens*; Vol.2 MC/IPPAR; 2000., p.600.

<sup>(43)</sup> John Pawson: *Minimum*. Phaidon Press Limited, 1996.

<sup>(44)</sup> François Cali: *La plus grande aventure du monde: L'architecture mystique de Citeaux*. Paris; 1956; citação de Dom Maur Cocheril: *Abadias Cistercienses Portuguesas.*, p.24.



F.44 | Fotografia da Nave Lateral da Igreja, Mosteiro Santa Maria de Alcobaça.  
Fonte: Imagem do autor.



F.45 | Fotografia Dormitório dos Monges, Mosteiro Santa Maria de Alcobaça.  
Fonte: Imagem do autor.

A construção deste tipo de edifícios serve de inspiração para muitos arquitetos que estabelecem um paralelismo com a arquitetura cisterciense, pela durabilidade dos materiais e o modo como se inserem na construção e na obra arquitetónica.

#### CONVENTO de La Tourette

No convento La Tourette, da Ordem Dominicana, reconstruído por Le Corbusier, estão bem patentes algumas das influências já referidas.

“[...] Temos uma obra fundamentalmente da arquitectura contemporânea como o convento La Tourette de Le Corbusier; esta obra apresenta uma síntese extraordinária da arquitectura romana e de determinada arquitectura do século XVIII, por exemplo Boullée, e talvez constitua a obra máxima de um artista que em tempos os aspectos desenvolveu uma pesquisa unitária [...]”<sup>(45)</sup>

Le Corbusier fez uma reinterpretação das organizações espaciais históricas no campo da arquitectura, respeitando a configuração de espaço monástico introvertido e as respectivas funções. O projeto foi desenvolvido no sentido da arquitectura histórica, readaptado. Apresenta uma linguagem arquitetónica própria, com linhas puras, simples e acrescidas do elemento luz como preponderante.

O Convento de La Tourette permitiu a unidade do tempo de trabalho e do tempo de repouso, a vida coletiva e a vida em solitário. Este conceito aparece evidente nas unidades de habitação do próprio convento. A cela é o modelo mínimo que se torna a forma simbólica, de ligação entre o espaço interior solitário e o exterior coletivo.

Os materiais são um fator importante, visto que a construção cisterciense aplicava a “pedra nua”. Em aproximação a esta realidade o arquiteto Le Corbusier aplicou o “betão cru”, procurando a uniformidade e homogeneidade dos materiais.

<sup>(45)</sup> Aldo Rossi: *Para una arquitectura de tendencia*, Escritos 1956-1972. Barcelona; Edições Gustavo Gili, S.A., 1977, p. 217.



F.46 | Vista dos Altares da Capela, Convento Santa Maria La Tourette.  
Fonte: Le Corbusier, Oeuvre complète 1957-1965, p.48.



F.47 | Vista da "Cela", Convento Santa Maria La Tourette.  
Fonte: Le Corbusier, Oeuvre complète 1957-1965, p.48.

### III A CASA

A Ligação

A habitação constitui uma das mais interessantes áreas de investigação no âmbito da arquitetura, pela proximidade com a própria vida, pela tradição, os costumes e a memória.

A construção de uma casa, um abrigo é uma condição natural, pela ligação ao Homem. O papel da arquitetura é a transformação dessa condição mínima, na exploração das possibilidades, evidenciando o resultado de uma resposta única que reforça a qualidade do habitar e da vida.

O nosso tema,- a habitação,- propõe algumas relações entre o espaço público e o privado, definindo-se igualmente as diversas conceções da casa que se habita.

Como ponto de partida de análise comparativa, entre o percurso da casa histórica e a casa modernista, registam-se diferentes modos de operar e de organizar limites da casa.

A antiguidade abrangeu uma sequência de civilizações pré-clássicas e clássicas de aproximadamente quatro milénios da vida humana, sendo o período histórico mais longo. Alguns povos desapareceram, enquanto outros persistem e encontram-se completamente enquadrados na vivência do habitar contemporâneo.

Destas civilizações destacam-se, particularmente as culturas: grega, etrusca e a romana. A civilização grega releva, pelo desenvolvimento filosófico, científico e literário e pela influência que trouxe do oriente até á cultura ocidental. A etrusca importa pela própria sobrevivência dos elementos asiáticos que vieram a transmitir aos romanos.

Dos grandes tratadistas da arquitetura no decorrer dos tempos, evidenciamos Marcus Vitruvius Pollio, (c.70 a.C. - c.25 a.C.) com o seu tratado *De Architectura*, escrito no Séc. I a.C. e Leon Battista Alberti, (1404 – 1472), autor de *De re aedificatoria* (1485).

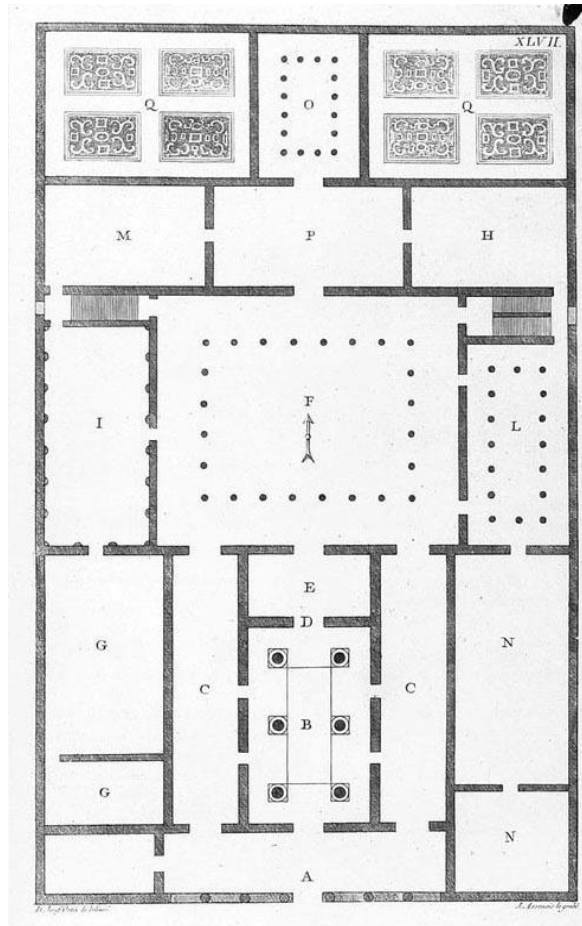
Ambos os tratados sugerem teorias de arquitetura baseadas em processos diferenciados. Vitruvius teve uma considerável disseminação no séc. XVI, possibilitando uma interpretação filosófica da antiguidade clássica, especialmente das ruínas romanas, enquanto Alberti defendeu um método de construção que permitiu a construção, e não a reprodução, ou seja, uma nova linguagem na arquitetura <sup>(46)</sup>.

O percurso de Alberti em relação à antiguidade clássica sugere, na sua obra *De re aedificatoria*, uma análise histórica dos edifícios antigos, sistematizada numa forma tripartida sob o ponto de vista da construção, comodidade e beleza, com a finalidade de fundamentar uma prática construtiva não demolidora.

O *De re aedificatoria* configura-se não como a maioria dos tratados do Renascimento, mas como um texto redigido que visa todas as classes<sup>(47)</sup>, à semelhança do que sucede com os *Dez Livros da Arquitetura* de Vitruvius na antiguidade clássica.

<sup>(46)</sup> Leon-Battista Alberti: *De Re Aedificatoria*. Lisboa; Fundação Calouste Gulbenkian, 2011, p. 19.

<sup>(47)</sup> Idem, p. 23.



F.48| Planta de Casa Romana segundo Vitruvius.

Fonte: Pollio, Marcus Vitruvius: Tratado de Architectura, Livro VI, p.245.



F. 49 | Alçado Palazzo Rucellai em Florença / Itália. Arq. Leon Battista Alberti.

Fonte: TAVERNOR, Robert. On Alberti and the Art of Building, p. 84.

Alberti descreve os princípios que se aplicam aos aspectos que compõe a arquitetura da *necessitas*, da *commoditas* e da *voluptas* (da necessidade, da comodidade e do prazer), não coincido com as dimensões “vitruvianas” da *firmitas*, da *utilitas* e da *venustas* (a saber: solidez, utilidade, e beleza) (48).

A distinção entre edifícios públicos e privados é transformada segundo Alberti. Os edifícios são pensados com fins universais e particulares, sistematizando as características baseadas na diversidade de usos, enquanto as ordens arquitetónicas de Vitruvius são apresentadas de forma unitária.

“[...] Ora se a cidade é, na opinião dos filósofos, uma casa em ponto grande, inversamente, a casa é uma cidade em ponto pequeno (49), porque não se há-se dizer que as partes mais pequenas das casas são habitações em ponto pequeno?[...]” (50)

Alberti apresenta no seu discurso a relação entre dimensão local e a global, tornando-se mais amplo o relacionando do edifício com a cidade. Considerando este, o edifício, uma pequena cidade, em que a sua construção deve ter em conta tudo aquilo que a cidade apresenta, contrariamente ao discurso disciplinar de Vitruvius que considera o habitar como um elemento compartimentado.

“[...] Os Gregos, porque não usam nem constroem átrios, abrem, para quem vem da entrada, passagens de largura apertada tendo de um lado as cavalariças e do outro as celas para os porteiros, seguindo-se imediatamente as portas interiores [...]” (51)

(48) Marcus Vitruvius Pollio: *Tratado de Arquitectura*. 2009, p. 41.

(49) Dictum que relaciona a casa e a cidade, mencionado por Platão, inúmeras vezes citado na literatura, que sublinha a continuidade entre arquitectura e urbanismo, como parte do todo.

(50) Leon Battista Alberti: *De Re Aedificatoria*. Lisboa; Fundação Calouste Gulbenkian, 2011., p. 170.

(51) Marcus Vitruvius Pollio: *Tratado de Arquitectura*. 2009., p. 236.

“[...] Para Vitruvius uma casa era uma casa; a questão técnica que a ele se punha era a de saber a melhor maneira de a fazer. Para nós hoje uma casa é um *objecto arquitectónico* [...]” <sup>(52)</sup>

A casa para Vitruvius representa um invólucro delimitador, assegurado pelo traçado regulador, a norma, o padrão, o número e a lei que constituía a rotura entre edifício e a cidade, definindo bem o que é espaço público e privado, pontuado apenas na relação com o exterior pelo acesso, sempre encarado como um refúgio e abrigo dos que o habitam. A casa é vista simbolicamente como um castelo, uma fortaleza, um lugar de defesa contra as agressões externas, constituindo um habitar interior vivenciado.

Alberti relaciona a compartimentação interior com a organização dos espaços construídos da cidade, considerando o pátio ou átrio enquanto “seio da casa” <sup>(53)</sup>, ou seja o elemento de maior importância, gerador de espaço e onde convergem os restantes compartimentos, numa analogia com praça pública do edifício.

<sup>(52)</sup> Manuel Tainha, *Arquitectura em Questão*; Lisboa, 2003., p. 123.

<sup>(53)</sup> A relação edifício-corpo é assumida por Alberti ao designar a parte mais importante da casa como sinus (seio). Vide Leon Battista Alberti: *De Re Aedificatoria*. Lisboa; Fundação Calouste Gulbenkian, 2011., p. 361.

O ato de edificar era configurado como entidade individualizada e quase autónoma, que utilizava interiormente uma grande diversidade de soluções na ocupação do espaço e sistemas construtivos, dotados de uma autonomia interna, saída da lógica racional de ordenamento.

A casa, para o homem medieval, localizava-se pela proximidade de outro local identificável. As Igrejas ocupavam o lugar primordial e ponto de referência, ligadas a elementos neutros e homogêneos ou a certos limites topográficos.

A casa islâmica, com prevalência de piso térreo e andar sobranceiro à rua, proporcionava a existência de alpendres, algumas com pátio que se pode interpretar como uma sobrevivência do apego árabe ao jardim primitivo interior. Apesar de apresentar dimensões pequenas, permitiam algumas árvores e com um pequeno poço ou espelho de água. <sup>(54)</sup> As fachadas tinham pequenas janelas decoradas e protegidas com persianas fixas, ou rótulas pequenas de madeira, permitindo observar a vida exterior da casa a partir do seu interior, sem que o contrário acontecesse.

<sup>(54)</sup> ALVES, Adalberto: *Em Busca da Lisboa Árabe*. Ed. CTT, de Portugal, Lisboa, 2007., p.23 e 24.

## CASA EXISTENCIALISTA

“[...] A linguagem é a casa do Ser. Em seu lugar, o homem a habita [...] A casa existencial é o reino do interior, mas não do espaço interior, e sim do homem interior, apegado a um modelo de profundidade em seu modo de se realizar [...]” <sup>(55)</sup>

A casa existencialista de Heidegger apresentava-se sob a forma de cabana. Residia numa pequena casa, erguida entre as montanhas da Floresta Negra de Todtnauberg na Alemanha, cedida pela própria Universidade de Friburgo, como forma de agradecimento à sua função de reitor, em 1933.



F.50 e 51 | Cabana de Heidegger

Fonte: ÁBALOS, Iñaki: *A boa-vida*, 2008, p. 42 e 43.

Esta casa influenciou significativamente alguns ensaios, entre os quais o “Construir, Habitar e Pensar”. Propondo repensar do habitar, voltando ao sentido existencial do passado, confrontado a tecnologia moderna, banalizando o pensamento, entre construir e o habitar, propondo um regresso às raízes, a origem, acedendo a um habitar autêntico <sup>(56)</sup>.

<sup>(55)</sup> Iñaki Ábalos: *A Boa-Vida*; Visita guiada as casas da modernidade. Ed. Gustavo Gili, 2008., p. 44-55.

<sup>(56)</sup> Idem p. 47

A casa existencial está num lugar concreto, introvertido, sem relação com a envolvente (natureza). Com um sistema hierárquico autoritário, em que a organização espacial se desenvolve em torno de um ponto central (“A casa da fumaça”) <sup>(57)</sup> a lareira torna-se o elemento central dominante que cumpre as funções de lugar de reunião familiar.

A casa é o elemento definidor de um lugar privado, habitada por alguém amarrado ao lugar, sem que tenha ação exterior, considerando o mundo uma ameaça, sem representações públicas para festas ou convidados, para não romper com a organização interna da família. A negação do espaço exterior concebe ao conceito de lar (casa), uma barreira entre a relação do interior com o exterior, conferindo apenas importância ao seio da família.

Perante tais factos, está implícito considerar que a casa existencialista se manifesta contra a extensão matemática e algébrica, *a res extensa cartesiana* <sup>(58)</sup> da modernidade, esquecendo as tradições. A casa é o lugar do *autêntico*, <sup>(59)</sup> contra a banalidade do cosmopolitismo.

<sup>(57)</sup> ÁBALOS, Iñaki: *A boa-Vida*; Visita guiada as casas da modernidade. Ed. Gustavo Gili, 2008., p. 51.

<sup>(58)</sup> Idem, p. 48.

<sup>(59)</sup> Idem, p. 52.

“[...] a sociedade moderna, após cem primeiros anos de conquistas, de debates, de desordem, chega à conclusão que fixa definitivamente o carácter de uma civilização: a constituição de uma nova habitação [...]”.<sup>(60)</sup>

Perante esta realidade, Le Corbusier repõe o homem no centro da preocupação arquitetónica. Refletindo sob os elementos mínimos do alojar das civilizações, *abrigando-os das intempéries e dos ladrões, mas sobretudo organizar a sua volta a paz de um lar, fazendo tudo o que é preciso para que a existência decorra em harmonia, sem transgressão perigosa das leis da natureza*<sup>(61)</sup>.”

Contrariamente a forma moderna das habitações especulativas monetárias que colocam o homem a margem de uma vida decente, em que os seus dias de vida são passados em espaços incaracterísticos desagradáveis dentro de salas e quartos desde que nascem até aos seus últimos dias de vida.

Em 1920, Le Corbusier dá à casa a sua importância fundamental, qualificando-a de “ *máquina de habitar* ”<sup>(62)</sup>. Exigindo uma resposta nos paradigmas do habitar, repondo o homem no centro das preocupações arquitetónicas através dos dispositivos das artes, proporcionado ao homem felicidade retirando-o da precaridade até então vivida.

<sup>(60)</sup> LE CORBUSIER: *Conversa com estudantes das escolas de arquitectura*; Lisboa; 2003., p. 53.

<sup>(61)</sup> Idem p. 33.

<sup>(62)</sup> “*Máquina de Habitar*”, segundo o dicionário máquina vem do latim e do grego com o significado de arte e manha – aparelho organizado para produzir certos efeitos; LE CORBUSIER: *Conversa com estudantes das escolas de arquitectura*; Lisboa; 2003., p. 34.

Nas suas publicações de 23 livros e três revistas,<sup>(63)</sup> repõe sempre a habitação no centro das preocupações arquitetónicas e urbanísticas. A criação de uma habitação não se centra apenas em questões racionais e funcionais, atribui uma nova consciência no ato de construir, evidencia dois campos adversos *Habitação ou domismo* <sup>(64)</sup> *colocando o homem em cena, um homem normal; natural e razoável.* <sup>(65)</sup>

“[...] a Architectura é o jogo sábio, correcto e magnifico dos volumes organizados sob a luz [...]” <sup>(66)</sup>

O ato de cálculo e a técnica são meios percursos de um modo de vida desequilibrada, propondo a sucessão natural dos acontecimentos, um urbanismo tradicionalista. A proposta só poderá ser consumada com um pensamento no ato de construir libertador.

“[...] A boa arquitetura caminha-se e percorre-se por dentro e por fora. É a arquitetura viva. A má arquitetura é estática em torno de um ponto fixo, irreal, factícia, estranha a lei humana [...]” <sup>(67)</sup>

Le Corbusier atribui à casa um conjunto de propriedades materiais, com objetivo de realizar a ideia de variação do percurso, obrigando a experiência do objeto arquitetónico em diferentes posições e pontos de vista e variando constantemente a relação entre o objeto e o utilizador. O percurso organiza a arquitetura; a visão e a luz são referências arquitetónicas que propõem a valorização do percurso e ordenam tanto o interior como o exterior da casa.

<sup>(63)</sup> L’Esprit Nouveau, Plans e Prélude; Le Corbusier: *Conversa com estudantes das escolas de arquitectura*; Lisboa; 2003, p. 91.

<sup>(64)</sup> Domismo – ciência arquitetónica da habitação; ao fazê-lo, mostra que não nos conhecemos e quão mal nos conhecemos, separados por desconfianças e por fantasmas, de resto alimentados e mantidos por quem com eles lucra; Le Corbusier: *Conversa com estudantes das escolas de arquitectura*; Lisboa; 2003., p. 35.

<sup>(65)</sup> Idem p. 36.

<sup>(66)</sup> Idem p. 36.

<sup>(67)</sup> Idem p. 53.

A rutura com os hábitos e técnicas do passado conduz a novos paradigmas na conceção da habitação. A revolução arquitetónica propõe nos sistemas construtivos a separação dos elementos de suporte, pilar e viga, a “ossatura” <sup>(68)</sup> independente, sem recurso aos elementos tradicionais muros de fundação maciços.

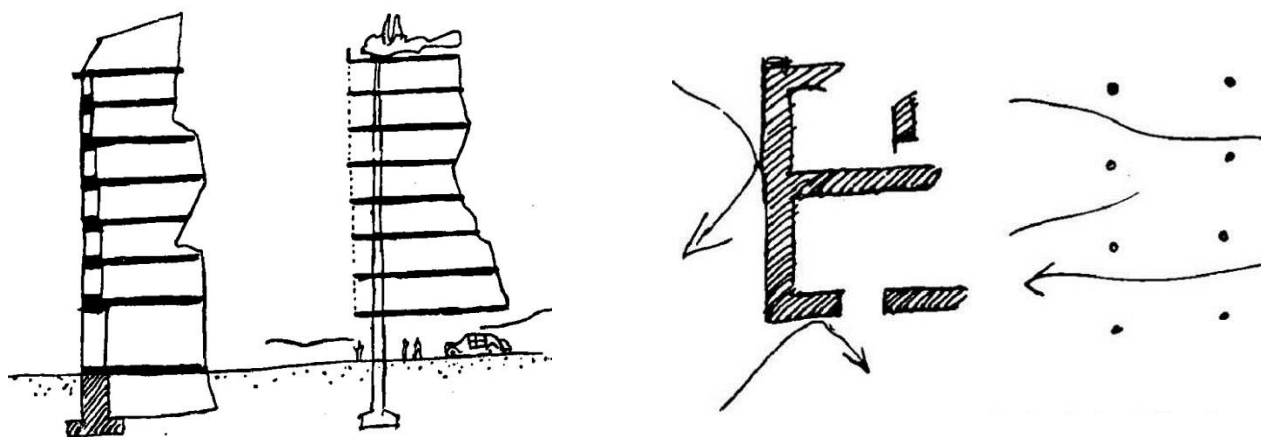
A fachada não possui já a função das paredes portantes espessas, sendo considerada como uma simples membrana que separa o exterior do interior.

A “ossatura” independente permite a suspensão de todo o espaço de envasamento do edifício, contrariamente a total ocupação do solo, deixando espaço livre sob o imóvel e permitindo a facilidade de mobilidade de acesso pedestre ou automóvel.

A convencional cobertura constituída por armações de madeira dos telhados é substituída por terraços planos acessíveis e ajardinados.

O interior das construções apresenta uma flexibilidade de compartimentação, inteiramente livre de divisórias verticais, sem que seja necessária a sobreposição de piso para piso, contrariamente ao emprego das paredes ancestrais.

As técnicas modernas são a base desta revolução arquitetónica, apresentando diversas vantagens na resolução de distintos problemas técnicos.



F.52 | Diagrama de estrutura independente, fachada livre, solo libertado e conquistado sob a construção.

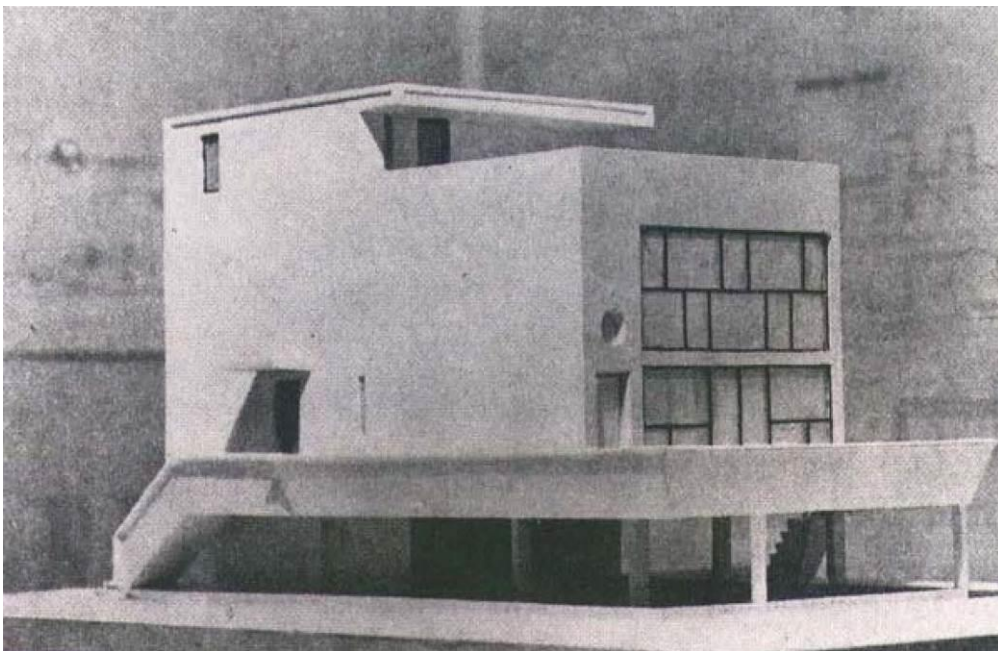
Fonte: LE CORBUSIER: *Os Três Estabelecimentos Humanos*, p. 29.

<sup>(68)</sup> Le Corbusier: *Maneira de Pensar o Urbanismo*; Lisboa, 2008, p. 25

Maison Citrohan 1922

“[...] E, finalmente, chegou a casa. O refugiar-se e o defender-se transformaram-se no habitar. E o homem, uma vez dominado o espaço definido pelos planos correspondentes, concebeu a possibilidade de o controlar. De o proporcionar. E viu que, com a luz, podia tencioná-lo. Assim, dominando a gravidade e a luz de forma já mais consciente, aperfeiçoou a Arquitectura que se tornou mais uma manifestação, talvez a mais humana, da cultura. Dessa cultura que vai destilando o pensamento do homem ao longo dos tempos. [...]” <sup>(69)</sup>

O caso de estudo é um claro manifesto de regeneração do habitar, em que a arquitetura para Le Corbusier, tinha que construir uma revolução de mentalidades, representando um sonho materializado, descobrindo uma maneira de utilizar os novos materiais de construção para compor uma nova linguagem, um novo modelo, que permitisse que todos tivessem direito à arquitetura. O seu desenho é um manifesto genial na tentativa de encontrar a forma de edificar a cidade moderna com lugar para o Homem.



F.53| Maquete em Gesso para o Salão de Outono.

Fonte: Le CORBUSIER: *Obras y Projectos*; Barcelona, 2008. P. 23

<sup>(69)</sup> Alberto Campo Baeza: *A Ideia construída*; abril, 2013, p. 59

Em 1927, a casa Citrohan é edificada em Estugarda na Weissenhofsiedling, sendo o resultado dos estudos de 1920, 1921 e 1922 <sup>(70)</sup>. Estes antecipam alguns dos cinco pontos da nova arquitetura, sugeridos na publicação dos *5 pontos da "arquitetura moderna"*.

O projeto de uma habitação é um objeto da mesma natureza que o de um automóvel, <sup>(71)</sup> procurando-se a forma de uma casa funcional, não já a de uma casa com entidade arcaica, enraizada no solo pelas fundações. A casa não será mais um palácio que pretende desafiar os séculos, acrescida de objeto de riqueza, à semelhança de um *museu ou mausoléu* <sup>(72)</sup> com costumes e hábitos permanentes, em que o homem tinha as suas atividades equilibradas. Os hábitos familiares e as relações sociais foram alterados, constituindo um novo modo de habitar. A casa representa as novas condições espaciais de habitação, sendo parte irredutível da cidade e comunica com a forma de vida dos que a habitam.

O projeto é um prisma regular, uma caixa habitável elevada do solo sobre *pilotis*, que cria fluidez dos espaços e liberta a superfície para o uso dos moradores, em que *a natureza foi novamente tomada em consideração* <sup>(73)</sup> e devolvida ao homem.

O volume fechado já não existe, o espaço construído é tão aberto e direcionado como o natural. O projeto apresenta a liberdade espacial sugerida nos desenhos, destacando-se a hierarquia dos espaços íntimos – expansivos (ver figura 54) no percorrer dos pisos, liberta a área social num espaço amplo.

A escada sugere a continuidade do percurso exterior da casa para o seu interior, vencendo todos os pisos e atingindo a cobertura, através da sobreposição de lances, construída no limite do fogo, como se de uma "sandwich" se tratasse.

A cobertura é plana, acessível, espaço ao ar livre que pertence à casa, desempenhando um papel importante no contexto das casas da cidade. Recebe luz direta, podendo assumir a forma de um terraço ou jardim, dando a sensação de viver em casa com jardim.

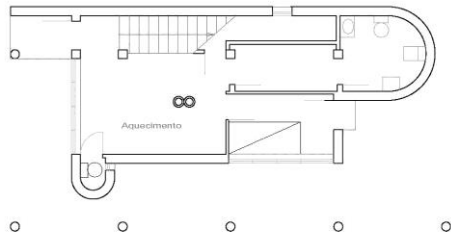
<sup>(70)</sup> Le Corbusier: *Obras y Projectos*; Barcelona, 2008, p. 22.

<sup>(71)</sup> Le Corbusier: *Por uma arquitetura*; São Paulo; Editora Perspectiva S.A., 1981, p. 166.

<sup>(72)</sup> Alberto Campo Baeza: *A Ideia construída*; abril, 2013, p. 60,61.

<sup>(73)</sup> Le Corbusier: *Os Três Estabelecimentos Humanos*. São Paulo; Editora Perspectiva S.A., 1979., p. 30.

## Plantas Maison Citrohan

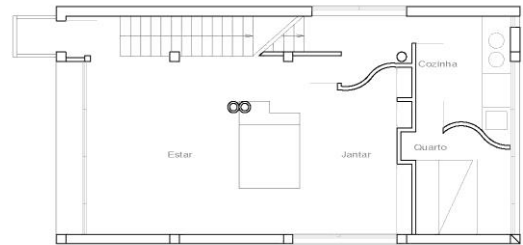


Piso 0

F. 54 | Planta Maison Citrohan 1927; escala 1\_200.

Fonte: Imagem do autor com base extraída

Le corbusier Obras y proyectos p. 48.

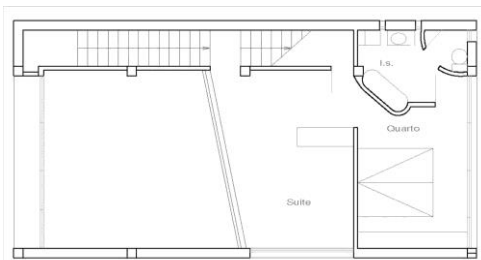


Piso 1

F. 55 | Planta Maison Citrohan 1927; escala 1\_200.

Fonte: Imagem do autor com base extraída

Le corbusier Obras y proyectos p. 48.

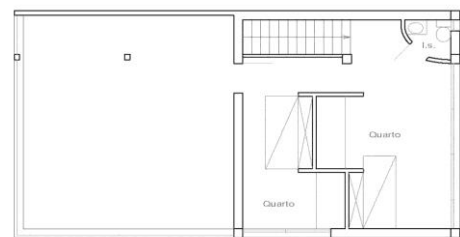


Piso 2

F. 56 | Planta Maison Citrohan 1927; escala 1\_200.

Fonte: Imagem do autor com base extraída

Le corbusier Obras y proyectos p. 48



Piso 3

F. 57 | Planta Maison Citrohan 1927; escala 1\_200.

Fonte: Imagem do autor com base extraída

Le corbusier Obras y proyectos p. 48.



F. 58 | Perspectiva Maison Citrohan 1927.

Fonte: Imagem do autor com base nas plantas de

Le corbusier Obras y proyectos p. 48.

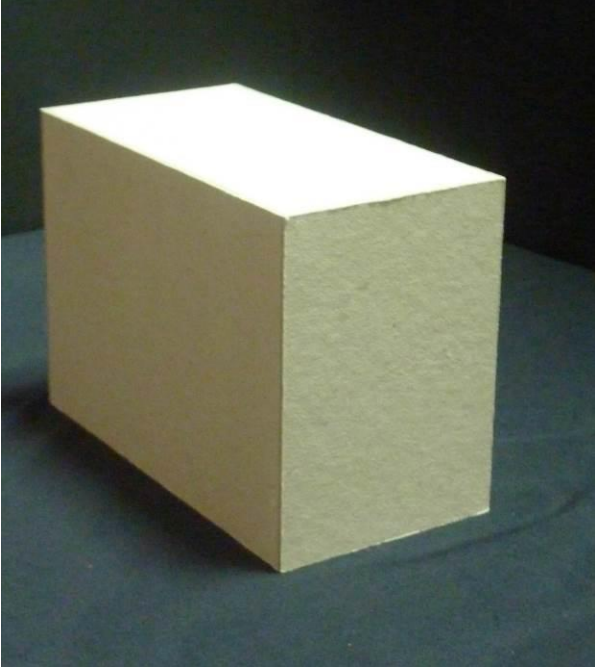


F. 59 | Corte axonometrico Maison Citrohan 1927.

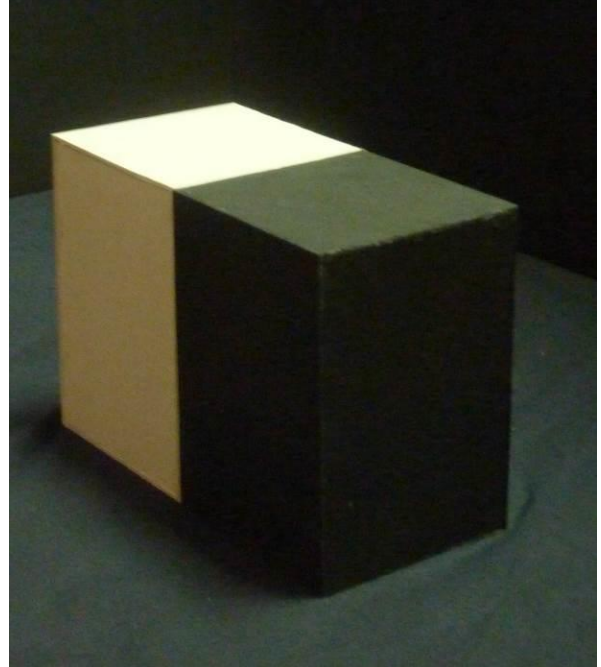
Fonte: Imagem do autor com base nas plantas de

Le corbusier Obras y proyectos p. 48.

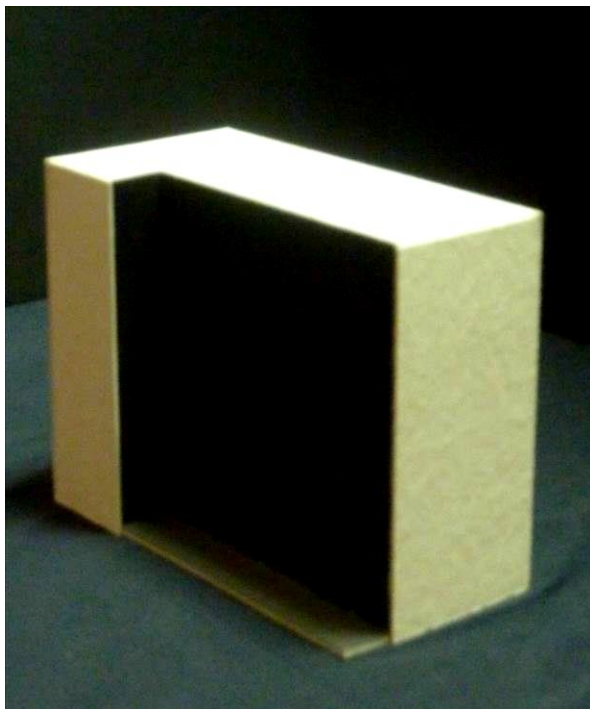
## Diagrama Concetual Maison Citrohan



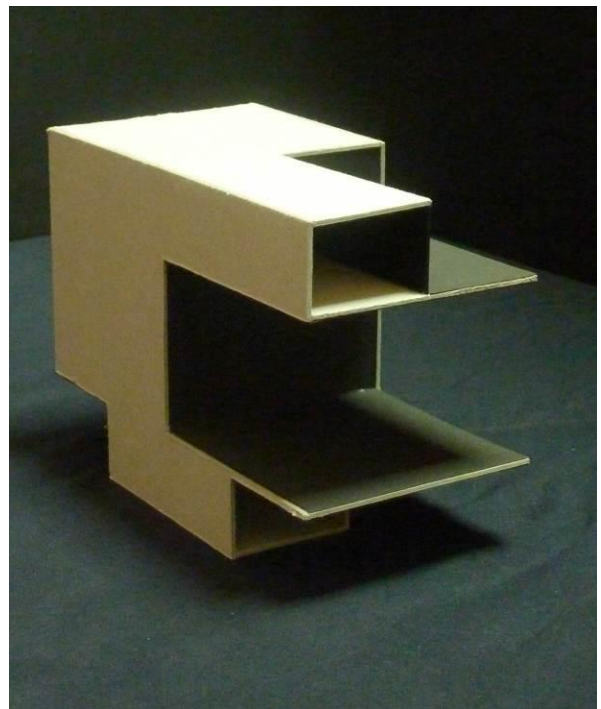
F. 60 | Maquete volume "Maison Citrohan 1927".  
Fonte: Imagem do autor.



F. 61 | Maquete "Maison Citrohan 1927", area íntima e area expansiva.  
Fonte: Imagem do autor.



F. 62 | Maquete "Maison Citrohan 1927", area de acessos verticais "sandwich".  
Fonte: Imagem do autor.



F. 63 | Maquete "Maison Citrohan 1927", area expansiva em duplo pé direito.  
Fonte: Imagem do autor.

## IV PROJETO

Lógicas de Ligação Ancestrais



F. 64 | Fotografia aérea do limite da Colina de Sant'Ana.  
Fonte: Google Earth, Imagem do autor.

O tema *construir no construído* reflete a sobreposição do tecido histórico e as consolidações efetuadas no decorrer dos tempos, percebendo a multiplicidade de realidades encontrados no local da intervenção. A sua reconstituição permite retratar realidades completamente distintas no decorrer dos tempos com diferentes realidades e escalas quer monumentais quer domésticas.

O crescimento em mancha de óleo provocado pela dispersão territorial da cidade na segunda metade do século XX “urban sprawl”,<sup>(74)</sup> introduziu significados e valores distorcidos da qualidade de vida urbana que incidiram sobre a dificuldade de planeamento e desenvolvimento da cidade, assim como, originou o abandono dos centros urbanos e o aumento do fluxo pendular de transporte dos habitantes das áreas limítrofes e periféricas.

Tais fatores têm tido consequências diretas e imediatas no quotidiano das pessoas, como a falta de tempo, o empobrecimento económico, refletindo-se na perda de qualidade de vida.

Perante estas constatações, propõe-se como reação, o retorno à cidade na lógica da compactação e densificação urbana - cidade compacta, encurtando as distâncias na trilogia: habitar, trabalho e lazer.

O projeto desenvolvido da componente prática deste trabalho situa-se, conforme expusemos já, numa das mais importantes colinas da cidade histórica de Lisboa, a Colina de Sant’Ana. Enquadra-se na geografia, situando-se entre dois vales centrais de Lisboa.

A área de intervenção do projeto desenvolvido fixa-se sobre o caso de estudo Hospital do Desterro que faz parte do conjunto de 5 estruturas hospitalares atualmente desativadas (ver figura25).

<sup>(74)</sup> O “urban sprawl”, conforme referimos já, consiste no alastramento da ocupação urbana para fora dos limites da cidade, sendo que as principais consequências são a grande dependência das redes viárias; a insuficiência de equipamentos e serviços públicos.

O edifício torna-se parte integrante de objeto de projeto, na perspetiva da sua importância histórica, usos anteriores importância funcional, dimensão construtiva, tipologia programática e, também, pelo papel que desempenha na transformação da cidade.

O procedimento de trabalho não pretende estabelecer uma rutura com o passado ou com a história do lugar, pelo contrário, a proposta evolui com as pré-existências, quer pelas suas características simbólicas, quer pelo seu estado de conservação, criando um elemento de ligação entre o antigo e o novo, conferindo algum benefício à cidade que se pretende contínua, contemporânea e valorizada.

O projeto pretende abrir o território do convento ao tecido urbano da cidade, propondo uma cidade contínua que assenta na proximidade e densidade, com a otimização dos espaços existentes e o repensar das tipologias arquitetónicas. A nossa proposta apresenta, no seu programa de projeto, elementos de resposta a múltiplas configurações.

O local de intervenção foi ao longo dos tempos sofrendo sucessivas sobreposições de realidades, a diferentes níveis (ver figura 33 a 38). Entre elas destaca-se a evolução do seu edificado histórico, na qual alguns exemplos persistem até aos dias de hoje, como é o caso de estudo, o Hospital do Desterro e a Ermida Nossa Senhora do Desterro (ver figura 29), sacrificada pelo terramoto de 1755, apresentando hoje em dia apenas o andar inferior da fachada principal.

A realidade desta zona é caracterizada em parte pela circulação de transportes e por áreas de comércio heterogéneo de diferentes culturas e costumes que contrastam a poente com o carácter doméstico definido pela Rua Capitão Renato Baptista, que atinge a cota mais elevada da área de intervenção. A Avenida Almirante Reis, eixo viário de ligação da cidade histórica à saída norte de Lisboa, define a cota mais baixa da nossa intervenção.



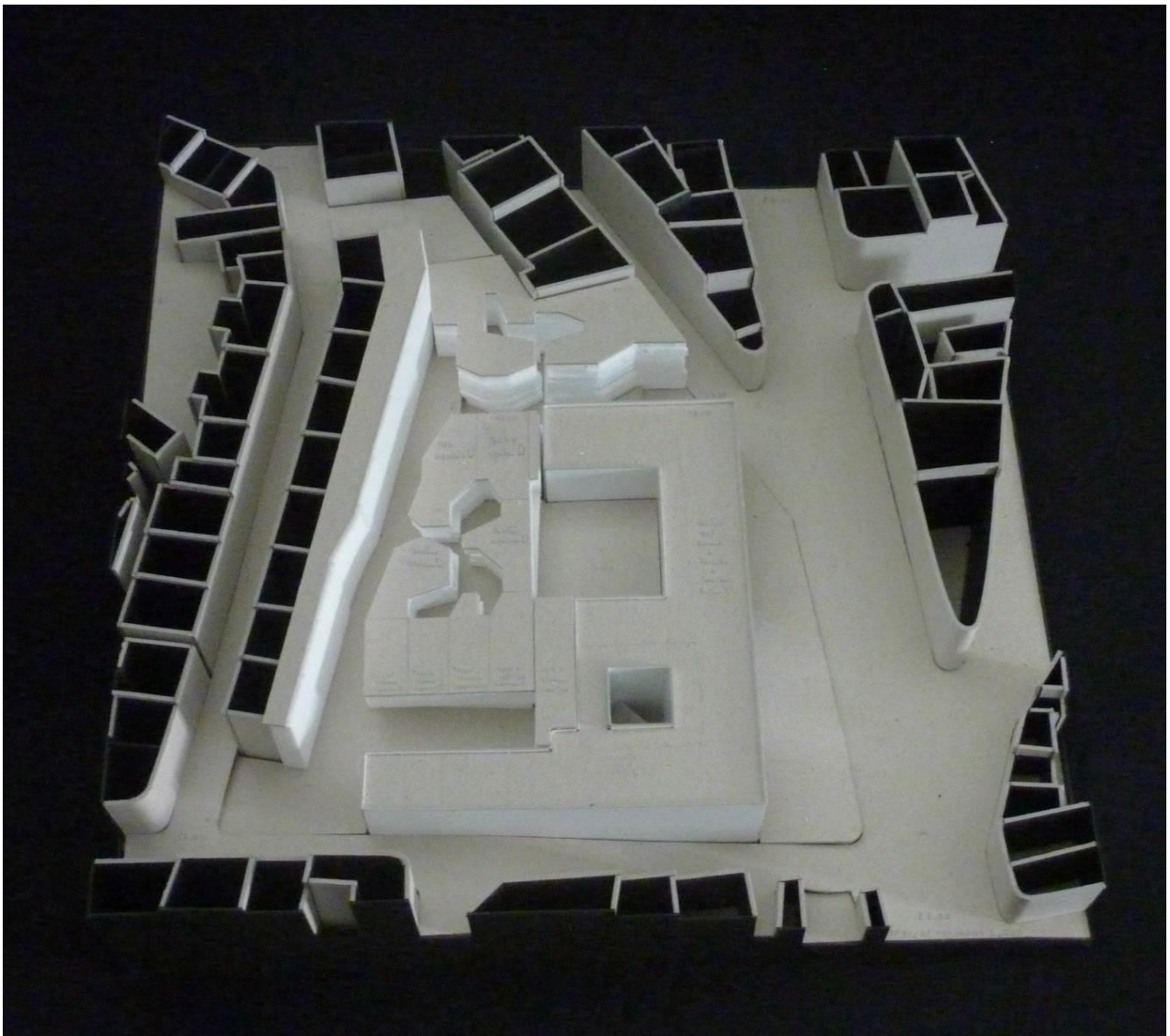
F. 65 e 66 | Maque de perfis esc. 1\_1000, representa o espaço natural da área em estudo.  
Fonte: Imagem do autor.



F. 67 | Fotografia aérea da área de intervenção.  
Fonte: Google Earth, Imagem do autor.

Lisboa tem problemas de desertificação, que podem ser ultrapassados. Revitalizando os espaços urbanos e criando no seu interior novas valências exercem-se novas formas de atração e condições para os utentes.

O valor atribuído aos vestígios históricos da Ermida do Desterro (ver figura 29 e 30) encontra-se diretamente ligado com a frente de Rua do Desterro, proporcionando uma nova realidade a emergir do contexto do lugar, permitindo estabelecer a mediação entre o novo e o antigo.



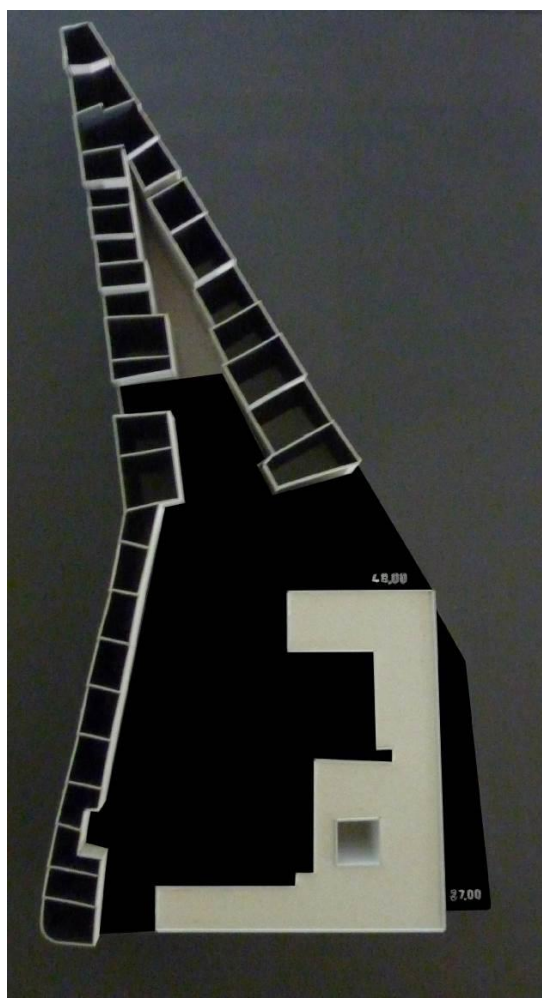
F. 68 | Maquete 1\_500, intervenção no interior do vazio urbano.

Fonte: Imagem do autor.

## ABORDAGEM

A proposta de trabalho caracteriza-se pela oportunidade de construir sobre um construído, adicionando uma nova *layer* a cidade, uma nova realidade, assente nas premissas de densidade, proximidade, intimidade, porosidade, ligação e fluidez, que potencia novas formas de apropriação e cria um sentido de urbanidade contemporâneo.

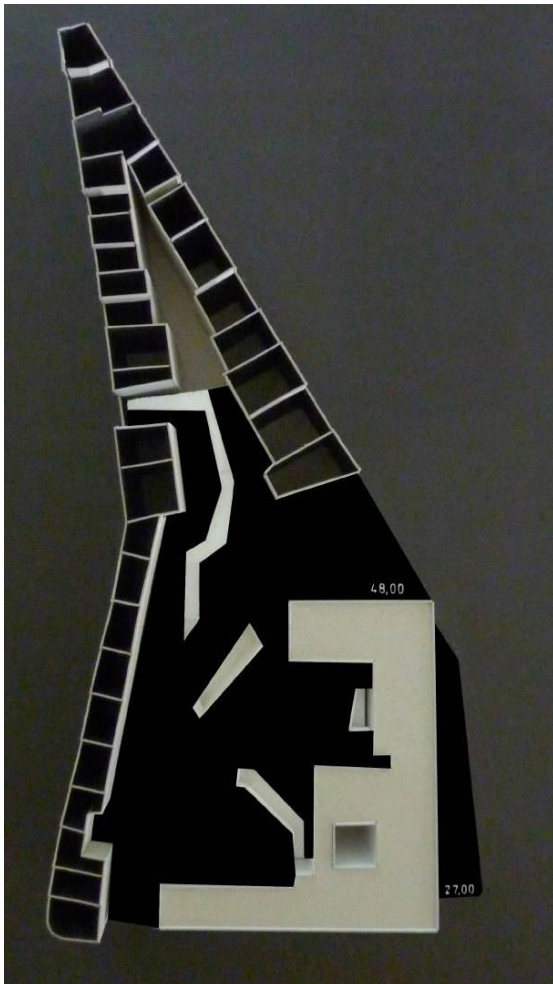
O procedimento interventivo na abordagem ao plano urbano passa por construir o vazio envolvente ao convento. Assegurando o preenchimento homogéneo da área de intervenção com um volume maciço (nivelado à cota dos 48 metros acima do nível do mar), definida pela cércea máxima do convento do Desterro e pela cota mais elevada da Rua Capitão Renato Baptista, respeitando as pré-existências, irá resultar um polígono habitável.



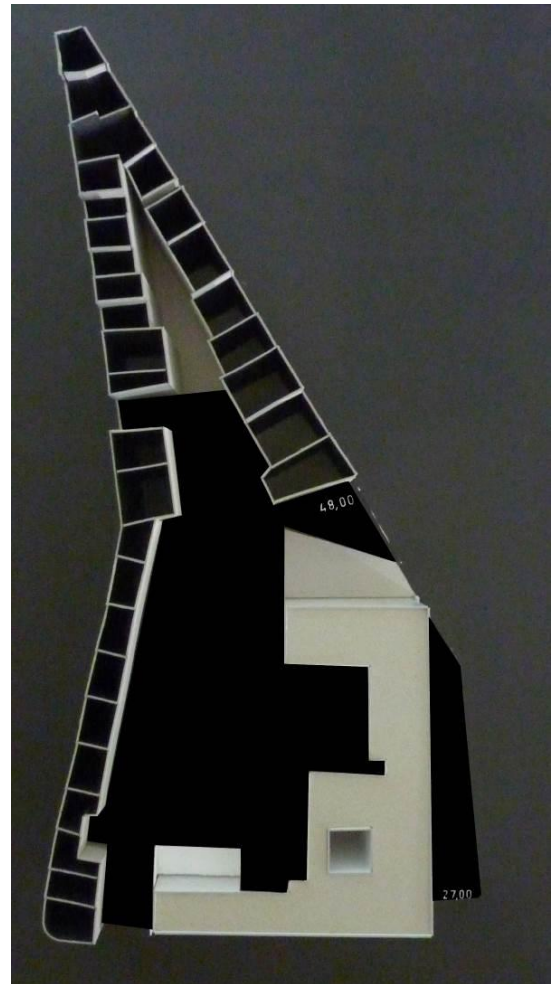
F. 69 | Maquete 1\_500, volume maciço à cota do convento.

Fonte: Imagem do autor.

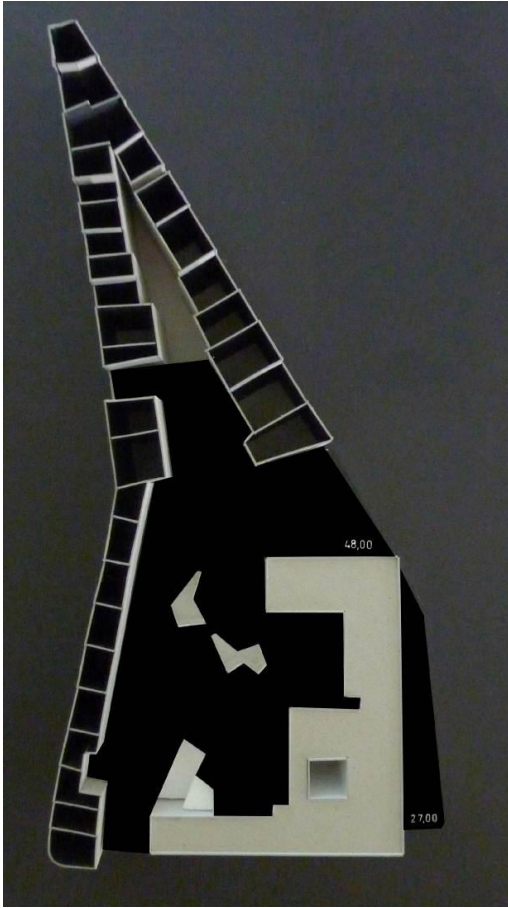
O método do trabalho interventivo é contrário ao procedimento convencional, em que se confere primazia ao espaço edificável. Este parte assim da criação de um volume interventivo (massa), definindo-se a forma do espaço público, que é entendido segundo os seguintes pressupostos: percursos, espaços universais de encontro (praças), *cluster*, espaços locais de intimidade e isolamento, percursos de mobilidade, espaços de enquadramento visual e ligações estratégicas. A articulação e sobreposição destes fatores resultarão na definição da forma urbana.



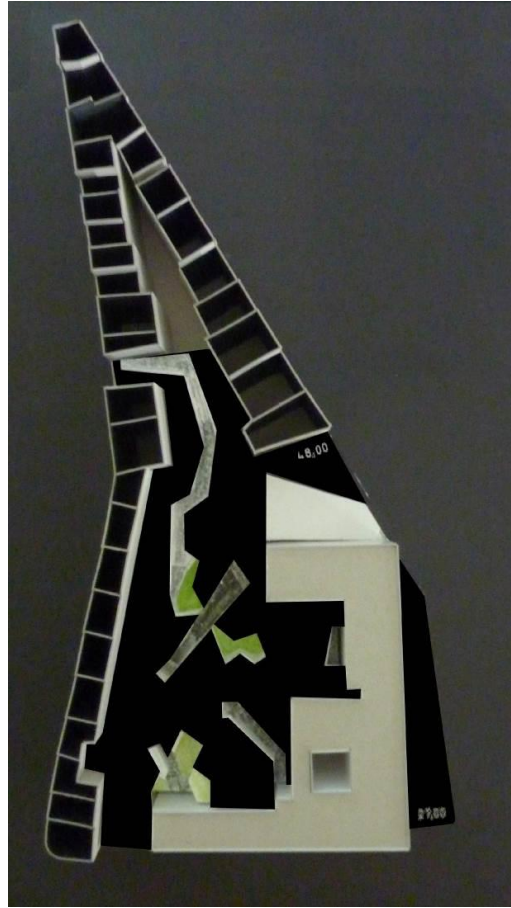
F. 70 | Maquete 1\_500, volume Percursos.  
Fonte: Imagem do autor.



F. 71 | Maquete 1\_500, volume Praças.  
Fonte: Imagem do autor.



F. 72 | Maquete 1\_500, volume *cluster*.  
Fonte: Imagem do autor.



F. 73 | Maquete 1\_500, Sobreposição de volumes.  
Fonte: Imagem do autor.



F. 74 | Maquete 1\_500, Proposta do volume maciço no contexto Urbano.  
Fonte: Imagem do autor.

O termo “Cluster” – *clusters ou encadeamentos*, foi introduzido no CIAM 10 em 1956, tendo surgido de uma evolução formal das articulações e intersecções da arquitetura moderna, com o objetivo de compreender os novos padrões de associação humana, em que a construção passa por criar sistemas formais complexos e em grande escala, capazes de compreender e responder ao que é necessário para a consolidação de uma comunidade individualizada.



F. 75 | *Cluster*, concurso Berlin Hauptstadt, Alemanha, 1957.

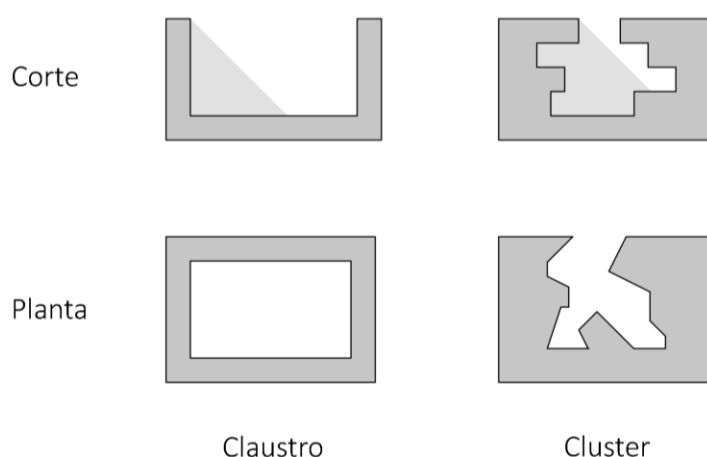
Fonte: Montaner, Josep Maria: *Sistemas arquitetônicos contemporâneos*, p. 93.

“[...] A CARTA DE ATENAS dos CIAM proclama: ”“[...] As matérias-primas do urbanismo são o sol, o espaço, o verde[...]”“. Ela manifesta assim o desejo dos CIAM de reintroduzir, na existência dos homens, as “condições da natureza”, abandonadas, perdidas, esquecidas. [...]”<sup>(75)</sup>.

Dos temas desenvolvidos na prática do projecto, o que nos despertou maior interesse foi o *cluster*, partindo do pressuposto de que conformava um local público, propiciando intimidade e isolamento, um espaço verde natural de refúgio, sugerindo um determinado espaço urbano, de forma inesperada. Os *clusters*, no contexto da proposta, surgem de modo integrada no ambiente construído, assemelhando-se a espaços característicos da cidade antiga, pela sua sinuosidade e falta de planeamento. *Cluster*, com forma não regrada, à escala do indivíduo, é considerado um espaço informal orgânico que serve de refúgio às artérias delineadas pela cidade moderna.

Propondo uma nova forma de habitar com múltiplas vivências, o *cluster* promove o habitar sendo que, no seu núcleo, nos sentimos num espaço construído de proximidade e tranquilidade, em contacto com as vivências das pessoas. Poderemos citar como exemplo o Pátio do Sacramento na Baixa de Lisboa de Álvaro Siza Vieira.

A dicotomia *cluster/claustro* é evidente no aspeto de fazer cidade. O claustro aparece como elemento tectónico, com uma forma rígida com uma geometria regrada e aberta, um espaço com luz incidente constante. Contrariamente o *cluster* é um espaço irregular na sua composição geométrica, onde o confronto com o espaço natural ocorre.



F. 76 | Diagrama de oposição Claustro Cluster.

Fonte: Imagem do autor.

<sup>(75)</sup> Le Corbusier: *Os Três Estabelecimentos Humanos*. São Paulo; Editora Perspectiva S.A., 1979, p. 72

## PROGRAMA

### Definição

O programa proposto para responder a este espaço de cidade, tem como objetivo responder a várias necessidades, integrando diferentes valências no quotidiano das pessoas. Apresenta diferentes realidades programáticas necessárias, a fim de estabelecer uma ligação com a cidade histórica. Fornece benefício a unidade compacta que possa por si mesma ser autossuficiente, propõe tipologias com as dimensões inscritas no habitar, trabalhar e no lazer. À semelhança dos princípios defendidos por Le Corbusier, *casa-trabalho-qualificação* <sup>(76)</sup>.



F. 77 | Maquete 1\_500, Diagrama do programa em geral.

Fonte: Imagem do autor.

<sup>(76)</sup> Le Corbusier: *Os Três Estabelecimentos Humanos*. São Paulo; Editora Perspectiva S.A., 1979, p. 75.

A habitação proporciona três dos quatro tipos diferentes modos de habitar, adequando-se às mais diversas fases da vida do indivíduo.

As tipologias convencionais, são habitadas por modelos de famílias tradicionais, localizados no topo poente do quarteirão. Propõem-se a ampliação destes edifícios pré-existentes para o interior da intervenção, ocupando a cota mais elevada da área em estudo (48 m), que se prolongam até ao remate da Rua do Desterro (37 m).



F. 78 | Maquete 1\_500, Diagrama das tipologias convencionais.

Fonte: Imagem do autor.

As tipologias temporárias de média duração apresentam características mais flexíveis, com dimensões do habitar comum. Sendo a antítese as *townhouses*, procuram assegurar as permanências do Hotel por um tempo mais prolongado; este tipo de habitação, apresenta paradigmas alternativos ao habitar no Hotel. As mesmas procuram explorar vivências e experiências que o hotel não proporciona, principalmente na relação interior/exterior, “casa/espço exterior /cluster.



F. 79 | Maquete 1\_500, Diagrama das tipologias temporárias.  
Fonte: Imagem do autor.

As *townhouses* ou moradias urbanas, funcionam como habitações citadinas, à semelhança do modelo característico da habitação em Lisboa. Servem para definir o claustro do convento e relacionam-se diretamente com o vestíbulo pré-existente. Apresentam-se com dimensões generosas e de múltiplos pisos, com acesso direto à praça e ao *cluster*, para além de compreenderem no piso térreo áreas de trabalho e terraço acessível.



F. 80 | Maquete 1\_500, Diagrama das tipologias *townhouses*.  
Fonte: Imagem do autor.

O Convento, elemento que sobressai no contexto urbano pela sua linguagem arquitetónica, resistente aos tempos e usos diversificados, como já se verificou no capítulo sobre a Colina de Sant'Ana e nos subcapítulos sobre o Convento. Torna-se elemento de maior relevância, a sua recuperação, assegurando-se a revitalização de todo o espaço arquitetónico existente, no intuito de dinamizar e valorizar o edificado.



F. 81 | Maquete 1\_500, Diagrama da tipologia conventual.

Fonte: Imagem do autor.

Os equipamentos públicos destinados ao trabalho e lazer, procuram dinamizar as vivências do quarteirão, - relacionando-se diretamente com a Av. Almirante Reis, - este volume proposto encontra-se direccionado para dar resposta à população em geral, sendo composto por terciário e equipamento, com escritórios, infantário e centro comunitário, podendo este último funcionar independentemente, acompanhando todas as faixas etárias, em resposta as necessidades da população em geral.



F. 82 | Maquete 1\_500, Diagrama dos equipamentos públicos.

Fonte: Imagem do autor.

O espaço público, na qualidade do espaço interior procura relacionar-se com o espaço exterior vivenciado, através das atividades presente na proposta, com dinâmicas e atividades diversificadas, permite a definição de espaço público um lugar de partilha e de convívio. Os percursos definidos tiveram como pressupostos três premissas, poética (sensações), estética (forma) e programática (funcional). As duas praças apresentam-se como um elemento tectónico de geometria cartesiana, relacionam-se com os edifícios de maior importância, convento e vestíbulo. O *cluster*, tema já definido anteriormente, é um espaço à escala do peão de natureza intimista, apresenta uma atmosfera própria de bairro, serve de refúgio aos ritmos da cidade.

O convento, do ponto de vista geográfico, apresenta uma localização favorável no contexto da cidade de Lisboa, sendo a sua presença determinante no contexto da fisionomia urbana e propondo a ligação desta unidade monástica a cidade. Com uma tipologia arquitetónica muito própria, fundamenta o princípio das permanências. Teve um papel determinante na fixação de novos aglomerados, servindo de elemento de recetáculo de urbanidade.

A descativação desta unidade é presente nos nossos dias, tornando-se um desafio à sua revitalização e recuperação. Recebe com grande facilidade novos usos, devido a sua estrutura tipológica, tema anterior analisado.

O edifício é composto por cinco pisos, com um claustro pouco definido. A metodologia interventiva passa por respeitar a configuração do espaço monástico, propondo o remate do claustro com novo programa que delimite a tectónica do claustro, evidenciando a configuração do espaço monástico.

A intervenção passa pela atribuição de um novo uso, respeitando o seu significado original, preservando os elementos estruturais, evidenciando as linhas puras e simples bem como a uniformidade e homogeneidade dos materiais.

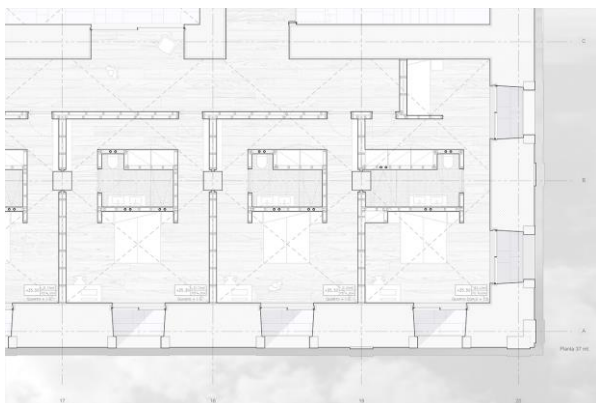
Ao analisar o edificado existente, procede-se à demolição de partes do existente, libertando o vazio; recupera-se e define-se o claustro; substitui-se a cobertura de duas pendentes que apenas servem como áreas técnicas e de arrumos. A estrutura histórica é destituída de recantos, recusando a ornamentação excessiva; tal procedimento permite a leitura do edifício enquanto estrutura e reunião de dois tempos numa resposta unitária, adicionado do valor memória e identidade. Deste modo, o convento irá receber o programa de Hotel, segundo a lógica ancestral do espaço conventual.

Neste sentido, a proposta visa a hierarquização de espaços e funções consoante o uso a que se destina. Recebe programa social nos dois primeiros pisos, e parte do último piso. À cota 27, no piso 0, encontram-se as galerias expositivas. Optou-se por esta localização devido ao acesso imediato ao exterior e da artéria principal (através da Av. Almirante Reis), de acesso a cidade.

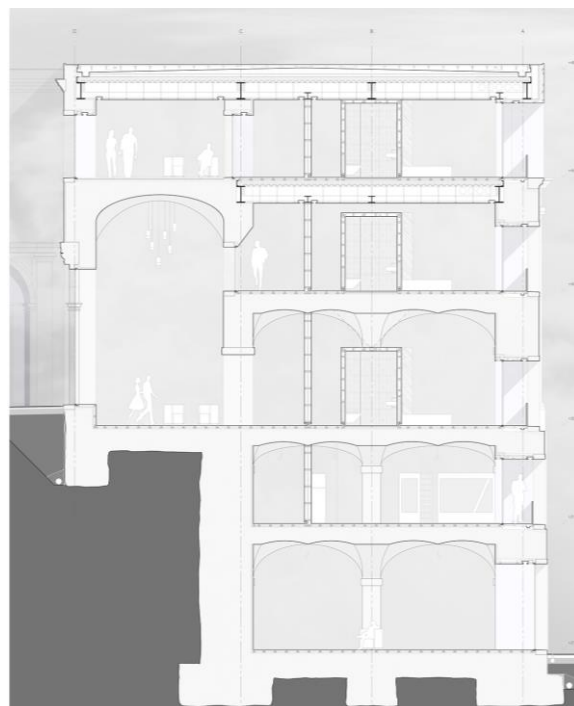
No piso 1, o Convento recebeu as funções de *Hostel* e *Cowork*, proporcionando a “ligação” ao binómio trabalho-descanso. Nos pisos 3 e 4, encontra-se o Hotel e Bar, relacionando-se com o claustro redefinido. No último piso, à cota 44, fica situado o Restaurante com Bar, e a Livraria, que se relacionam com o claustro interior e servem de miradouro sobre a cidade e o rio.

A habitação de curta duração é representada por quartos de Hotel, optando-se por esta tipologia, devido à permanência ser prevista por curtos períodos.

Os materiais escolhidos ligam a memória e a identidade do convento ao sistema construtivo dos quartos de hotel. São executados com um sistema de construção aligeirada, tabique e ripado de madeira natural, permitindo a menor interferência na estrutura do convento pré-existente. As circulações são marcadas com o pavimento em pedra de lioz, em harmonia com a pedra pré-existente. As superfícies verticais brancas permitem a continuidade estereotómica das superfícies horizontais e abóbodas.



F. 83 | Planta do ambiente construído hotel.  
Fonte: Imagem do autor.



F. 84 | Corte do ambiente construído convento.  
Fonte: Imagem do autor.

A área de implantação escolhida para o desenvolvimento aprofundado das *Townhouses*, localiza-se, pela proximidade do vestíbulo inferior da igreja, na zona sul do vazio urbano do Convento, junto à Ermida de Nossa Senhora do Desterro, nas imediações da Rua Nova do Desterro. A intervenção é considerada relevante, por se tratar de requalificar o vestíbulo existente que serve de “pórtico” de entrada ao existente vazio urbano interior.

A habitação proposta tem como reflexão o caso de estudo “maison citrohan”, tema abordado no capítulo a casa. As mudanças de paradigmas sociais fazem com que as famílias muitas vezes se adaptem a novas soluções e se tornem instáveis, logo possuindo necessidades diferentes.

A habitação convencional não proporciona este tipo de flexibilidade. Um tal tipo de habitação surge de forma distinta das tipologias presente nas imediações, organizada em múltiplos pisos com a particularidade de se dispor junto ao vestíbulo existente (ver fig. 30).

Propondo uma relação de proximidade entre o espaço público e privado, em que a compartimentação interior é organizada com os espaços exteriores construídos na proposta, considerando a praça e o *cluster* como “seio da casa”<sup>(77)</sup>, consegue-se um amplo relacionamento do edifício com a cidade<sup>(78)</sup>, um repensar do habitar, ligado com o sentido existencial e o passado, propondo um retorno as raízes, acedendo a um habitar autêntico<sup>(79)</sup>.

<sup>(77)</sup> A relação edifício-corpo é assumida por Alberti ao designar a parte mais importante da casa como sinus (seio). Leon Battista Alberti: *De Re Aedificatoria*. Lisboa; Fundação Calouste Gulbenkian, 2011, p. 361.

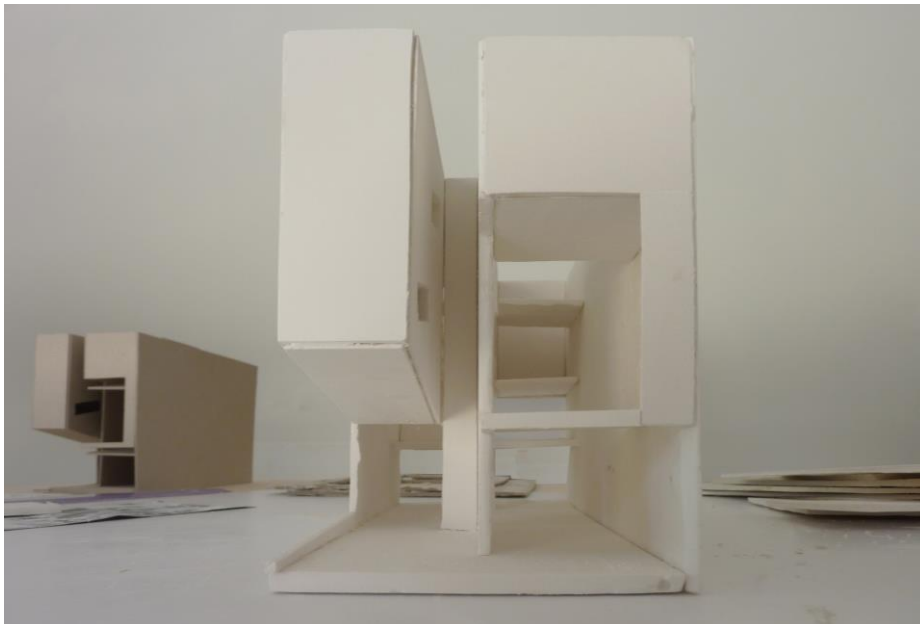
<sup>(78)</sup> “[...] Ora se a cidade é, na opinião dos filósofos, uma casa em ponto grande, inversamente, a casa é uma cidade em ponto pequeno[...].” Leon Battista Alberti: *De Re Aedificatoria*. Lisboa; Fundação Calouste Gulbenkian, 2011, p. 170.

<sup>(79)</sup> Iñaki Ábalos: *A Boa-Vida*; Visita guiada as casas da modernidade. Ed. Gustavo Gili, 2008, p. 47

A configuração distributiva em termos de programa, permite conciliar o habitar com o trabalho e lazer, composto por 4 pisos acima da cota de soleira e 1 piso à cota inferior. Esse funciona como elemento de lazer, sala de cinema e adega. Acima do solo, o piso 0 dá resposta à actividade do trabalho. Os pisos 1, 2 e 3 assentam na premissa do “habitar”, desenvolvendo-se de uma forma tripartida: circulações, área íntima e área expansiva, conceitos defendidos no caso de estudo a casa.

Os acessos verticais funcionam em forma de “sandwich”, libertando as restantes áreas, a zona expansiva: a sala e a biblioteca são caracterizadas por um duplo pé-direito, em contacto com a praça. A luz caracteriza o espaço servindo de elemento de transição entre o trabalho e o descansar. A zona íntima proporciona um local introvertido, de recato, relacionada com o *cluster*.

A materialização é elaborada com um espírito de austeridade e desnudamento levado ao extremo, semelhante ao Convento, monolítico e acrescido da simplicidade das formas. Nele, a “pedra nua” é substituída pelo “betão cru”, procurando-se a simplicidade, na procura do mínimo,<sup>(80)</sup> o revestimento exterior das *townhouses* é composto por elementos pétreos, em continuidade a materialidade do vestíbulo. A estrutura interior é configurada por uma construção ligeira, de elementos de madeira.



F. 84 | Maquete em Gesso casa tipo townhouses.

Fonte: Imagem do autor.

<sup>(80)</sup> John Pawson: *Minimum*. Phaidon Press Limited; 1996.

Com base nos elementos analisados nesta dissertação, é possível concluir que o tema desenvolvido das “lógicas de ligação ancestrais” (cidade-convento-casa), nos diferentes campos de investigação, prende-se com o cruzamento das diferentes áreas de conhecimento. As quais têm por base o espaço físico da cidade; ao confrontarmo-nos com estes elementos, torna-se indispensável analisar não só a história, mas também a geografia.

A construção de cidade, em determinado lugar, cria e ganha forma, no decorrer dos tempos. Sendo palco de todo o tipo de acontecimentos, tradições, costumes e crenças, permite, que a arquitetura conceda ao Homem a atribuição de diferentes valores que assentam em respostas inovadoras

Tal processo de formação diferenciada serve de base para a compreensão da estrutura urbana. Contextualizando diferentes *lógicas* de composição e intervenção na cidade, permite-se o entendimento do espaço público e da vida urbana.

Do estudo da evolução da colina de Sant’Ana, depreende-se que a implantação de vários edifícios monásticos foi fundamental para a consolidação dos aglomerados na estruturação da colina em causa. O nosso objecto de estudo do Convento Nossa Senhora do Desterro, de acordo com o que foi estudado nesta investigação, influenciou em muito, todos os processos de ocupação do território urbano. Tratou-se de um elemento *ancestral* atrativo, gerador e dinamizador, que assegurou o princípio das permanências. Um outro aspeto foi a condição histórica, que localizou o convento num determinado tempo e espaço, sendo o convento, o elemento vital para a compreensão e interpretação do lugar.

O estudo da arquitetura ancestral da Ordem de Cister permite identificar e compreender a lógica conventual, bem como os conceitos aplicados, materializando-se na pureza das formas, linhas sóbrias, simplicidade na procura do *mínimo*. Conforme já afirmámos, ao olharmos para um Convento, de imediato dois espaços sobressaem, a Igreja e o claustro.

Assim, no exercício do projecto, aplicam-se estes conceitos, o de definir o claustro, e de reabilitar o convento, bem como a área envolvente, oferecendo novos usos e funções, através da aplicação da lógica conventual histórica. Desta forma, a conceção das tipologias do habitar procura extrair alguns paradigmas dos conceitos depreendidos nas “lógicas ancestrais”, e aplica-os. As dimensões da arquitetura: cidade, convento, casa e materialidade podem ser potenciadas pela sua leitura, em que se quebram paradigmas e se atribuem novas significações à sociedade.

Conclui-se que a arquitetura proporciona respostas às funções da vida humana, representa o espaço físico. Neste sentido esta dissertação permitiu definir o conceito das “Lógicas de Ligação Ancestrais”, que permite aprofundar as diversas noções tratadas, não só com o objetivo de obter maior conhecimento mas sobretudo com o intuito de se refletir mais, sobre a arquitetura e a sua relação com o indivíduo, ou seja o sujeito utente.

- A NOVA LISBOA MEDIEVAL: *Congresso A Nova Lisboa Medieval*. Lisboa; Edições Colibri; 2004.
- ÁBALOS, Iñaki: *A boa-Vida*; Visita guiada as casas da modernidade. Ed. Gustavo Gili; 2008.
- ALBERTI, Leon Battista: *De Re Aedificatoria*. Lisboa; Fundação Calouste Gulbenkian; 2011.
- ALDO Rossi: *Para uma arquitectura de tendência*, Escritos 1956-1972. Barcelona; Edições Gustavo Gili, S.A.; 1977.
- ALVES, Adalberto: *Em Busca da Lisboa Árabe*. Ed. CTT, de Portugal, Lisboa; 2007.
- AUGÉ, Marc: *Não-Lugares: introdução a uma antropologia da sobre modernidade*. Venda Nova, Editora Bertrand; 1994.
- BAEZA, ALBERTO CAMPO: *A Ideia construída*; abril; 2013.
- BEIRANTE, Maria Ângela: *Espaços Públicos nas cidades Portuguesas medievais Santarém e Évora*. Universidade Aberta; 1993, Volume II.
- CALI, François: *La plus grande aventure du monde: L'architecture mystique de Citeaux*. Paris; 1956;
- CARITA, Hélder: *Lisboa Manuelina: e a formação de modelos urbanísticos da época Moderna*. Lisboa; 1999.
- DUBY, Georges: *São Bernardo e a Arte Cisterciense*. Porto; Edições Asa; 1997.
- FRANÇA, José Augusto: *Lisboa: Urbanismo e Arquitectura*, Lisboa; 2005.
- GARCIA, Miguel Ángel Gonzalez: *Las Reformas de las Abadías Orensanas del Cister*.; 1994.
- GOMES, Saúl António: *Visitações a mosteiros cistercienses em Portugal. Séculos XV e XVI*, Lisboa, IPPAR; 1998.
- HAUPT, Albrecht: *Arquitectura da Renascença em Portugal*. Lisboa; 1924.
- HOLL, Steven: *Urbanisms – Working with doubt, New York*, Princeton Architectural Press, 2009.
- LAMAS, José M. Ressano Garcia: *Morfologia urbana e desenho da cidade*. Lisboa; Fundação Calouste Gulbenkian; 2004.
- LE CORBUSIER: *Maneira de Pensar o Urbanismo*; Lisboa; 2008.
- LE CORBUSIER: *Obras y Projectos*; Barcelona; 2008.
- LE CORBUSIER: *Oeuvre complète de 1910-1920*; Les Éditions d'Architecture. Zurich; 1995.

- LE CORBUSIER: *Oeuvre complète de 1929-1934*; Les Éditions d'Architecture. Zurich; 1995.
- LE CORBUSIER: *Oeuvre complète de 1957-1965*; Les Éditions d'Architecture. Zurich; 1995.
- LE CORBUSIER: *Os Três Estabelecimentos Humanos*. São Paulo; Editora Perspectiva S.A., 1979.
- LE CORBUSIER: *Por uma arquitetura*; São Paulo; Editora Perspectiva S.A.; 1981.
- LE CORBUSIER: *The radiant city: elements of a doctrine of urbanism to be used as the basis of our machine-age civilization*, New York, The Orion; 1967.
- MONTANER, Josep Maria: *As formas do século XX*. Barcelona, Editorial Gustavo Gili; 2002.
- MONTANER, Josep Maria: *Sistemas arquitectónicos contemporâneos*, Barcelona; 2009.
- MOREIRA, Júlio Santos: *Reintegração paisagística do património de Cister*. in Cister: Espaços, Territórios, Paisagens; Vol.2 MC/IPPAR; 2000.
- MURTEIRA, Helena: *Lisboa da Restauração às Luzes*. Lisboa; Editorial Presença, 1999.
- NORBERG-Schulz, Christian: *Genius Loci: paesaggio, ambiente, architettura*. 3ªed. Milão: Editora Electa, 1996.
- Ora & Labora: Mosteiro de Singeverga*. Singeverga; 1992.
- PAWSON, John: *Mínimum*. Phaidon Press Limited; 1996.
- PEREIRA, Luís Gonzaga: *Monumentos Sacros de Lisboa em 1833*. Lisboa; 1927.
- PINHO, Leal: *Dicionário: Portugal Antigo e Moderno*. (Gabinete de Estudos Olisiponenses, Lisboa).
- POÈTE, Marcel: *Introduction à L' Urbanisme*. Editions Antropos. Paris; 1967.
- POLLIO, Marcus Vitruvius: *Tratado de Arquitectura*; 2009.
- ROSSI, Aldo: *A arquitetura da cidade*, Transc. J.C. Monteiro, Cosmos,Lisboa; 1977.
- SALTA, Ana Maria: *Factores Estruturantes da colina de Sant'Ana em Lisboa; Séculos XIV a XVII*. ISCTE; 2001.
- SEQUEIRA, Gustavo de Matos: *O Carmo e a Trindade de Lisboa*. Edições C.M.L.; 1939.
- SILVA, Augusto Vieira: *Plantas topográficas de Lisboa*, Lisboa CML; 1950.
- SILVA, César da: *Real Casa Pia de Lisboa: breve história da sua fundação, grandeza e desenvolvimento de 1870 até ao presente*. Lisboa; 1896.

SIZA, Álvaro: *Álvaro Siza: a reconstrução do Chiado, Lisboa*, Porto, ICEP; 1997.

SIZA, Álvaro: *Imaginar a evidência*. Lisboa, Edições 70; 1998.

TAINHA, Manuel: *Arquitectura em Questão*; Lisboa; 2003.

TÁVORA, Fernando: *Da organização do espaço*. 3ª ed. Porto, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto; 1996.

VELOSO, A.J. Barros e Outro: *Hospitais civis de Lisboa: História e Azulejos*. Lisboa; Inapa; 1996.

VIDAL, Angelina: *Lisboa antiga e Lisboa moderna: elementos históricos da sua evolução*, 2ª edição, Lisboa; 1994

## CONSULTAS

Arquivo Municipal de Lisboa- Núcleo Fotográfico.

BNP – Biblioteca Nacional Portuguesa.

Centro Cartográfico da Faculdade de Lisboa.

Gabinete de Estudos Olisiponenses.

Museu da Cidade.

ANEXOS

**Peças Desenhadas****Localização**

A 001 Planta de Localização, Campus Hospitalar escala 1:5000 (reduzida 1:10000)

**Plano Urbano - Programa**

B 101 Planta programa à cota 30.00 m. escala 1:500 (reduzida 1:1000)

B 102 Planta programa à cota 33.00 m. escala 1:500 (reduzida 1:1000)

B 103 Planta programa à cota 37.00 m. escala 1:500 (reduzida 1:1000)

B 104 Planta programa à cota 40.00 m. escala 1:500 (reduzida 1:1000)

B 105 Planta programa à cota 43.00 m. escala 1:500 (reduzida 1:1000)

B 106 Planta programa à cota 46.00 m. escala 1:500 (reduzida 1:1000)

B 107 Planta programa cobertura. escala 1:500 (reduzida 1:1000)

B 201 Alçados programa Nascente Av. Almirante Reis. escala 1:500 (reduzida 1:1000)

## Peças Desenhadas

## Convento

C 001	Diagrama de esquemas, Fogo Tipo Convento.	
C 101	Planta Convento piso 0 + estacionamento à cota 30.00 m.	escala 1:200 (reduzida 1:400)
C 102	Planta Convento piso 1 + <i>Townhouses</i> piso -1 à cota 33.00 m.	escala 1:200 (reduzida 1:400)
C 103	Planta Convento piso 2 + <i>Townhouses</i> piso 0 à cota 37.00 m.	escala 1:200 (reduzida 1:400)
C 104	Planta Convento piso 3 + <i>Townhouses</i> piso 1 à cota 40.00 m.	escala 1:200 (reduzida 1:400)
C 105	Planta Convento piso 3 + <i>Townhouses</i> piso 2 à cota 43.00 m.	escala 1:200 (reduzida 1:400)
C 106	Planta Convento piso 4 + <i>Townhouses</i> piso 3 à cota 46.00 m.	escala 1:200 (reduzida 1:400)
C 107	Planta Convento + <i>Townhouses</i> cobertura.	escala 1:200 (reduzida 1:400)
C 201	Alçado e Corte Longitudinal Convento.	escala 1:200 (reduzida 1:400)
C 301	Cortes Transversais Convento.	escala 1:200 (reduzida 1:400)
C 302	Corte Transversais Claustro / Cluster.	escala 1:200 (reduzida 1:400)
C 401	Pormenor Convento (planta/alçado/corte).	escala 1:50 (reduzida 1:100)
C 501	Pormenor, Fachada Convento (planta/alçado/corte).	escala 1:20 (reduzida 1:40)
C 502	Pormenor, Fogo tipo hotel (planta/alçado/corte).	escala 1:20 (reduzida 1:40)

## Peças Desenhadas

### Town House

D 001 Diagrama de esquemas, Fogo Tipo *Townhouse*.

D 101 Planta *Townhouse*, piso -1 e 0. escala 1:50 (reduzida 1:100)

D 102 Planta *Townhouses*, piso 1 e 2. escala 1:50 (reduzida 1:100)

D 103 Planta *Townhouses*, piso 3 e cobertura. escala 1:50 (reduzida 1:100)

D 201 Alçado Praça / Cluster *Townhouse*. escala 1:50 (reduzida 1:100)

D 301 Corte *Townhouse*, acessos verticais. escala 1:50 (reduzida 1:100)

D 302 Corte *Townhouse*, habitação escala 1:50 (reduzida 1:100)

D 303 Corte *Townhouse*, área expansiva. escala 1:50 (reduzida 1:100)

D 401 Pormenor construtivo fachada *Townhouse*. escala 1:20 (reduzida 1:40)

### Argumentações Visuais

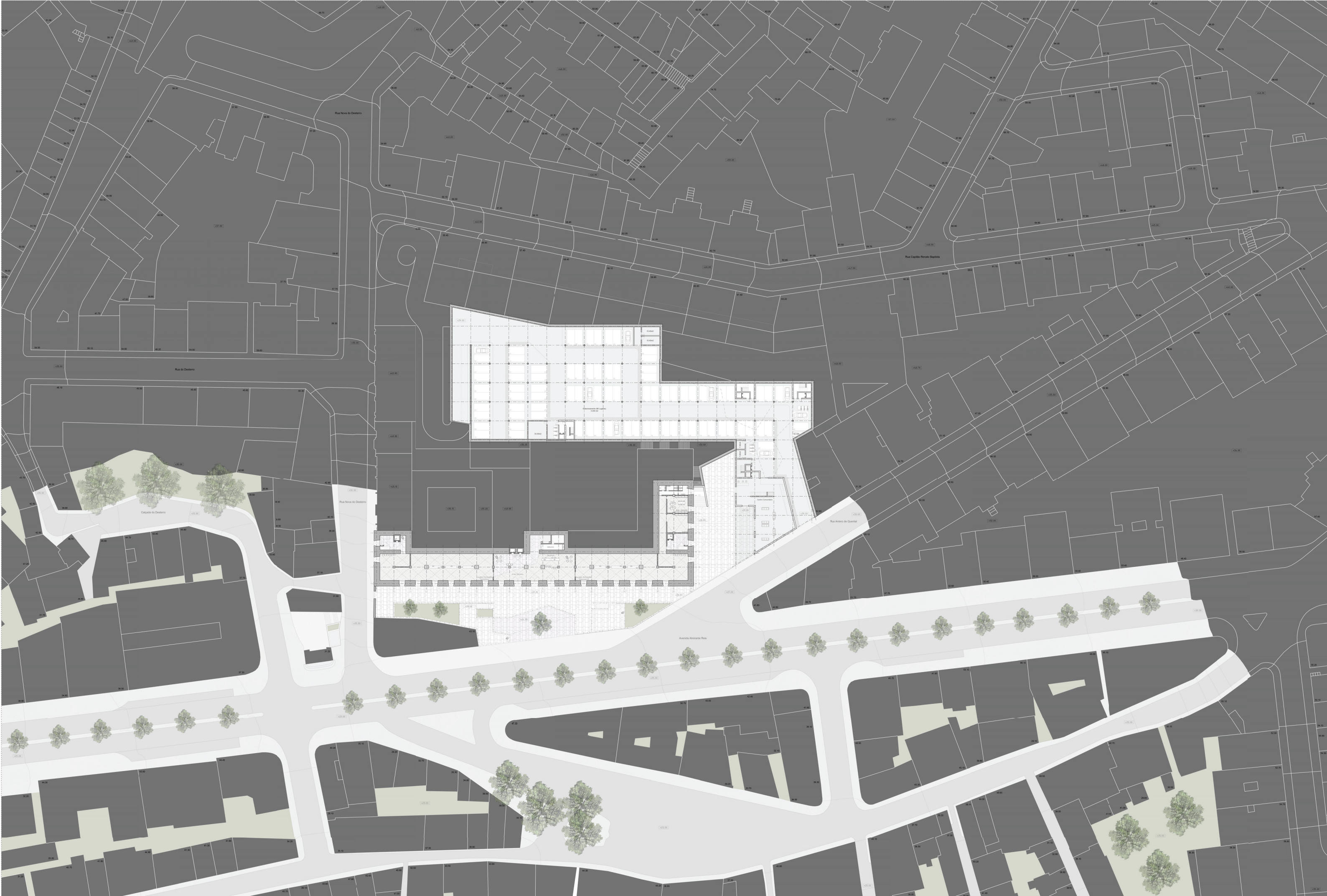
E 001 Argumentação visual claustro Convento.

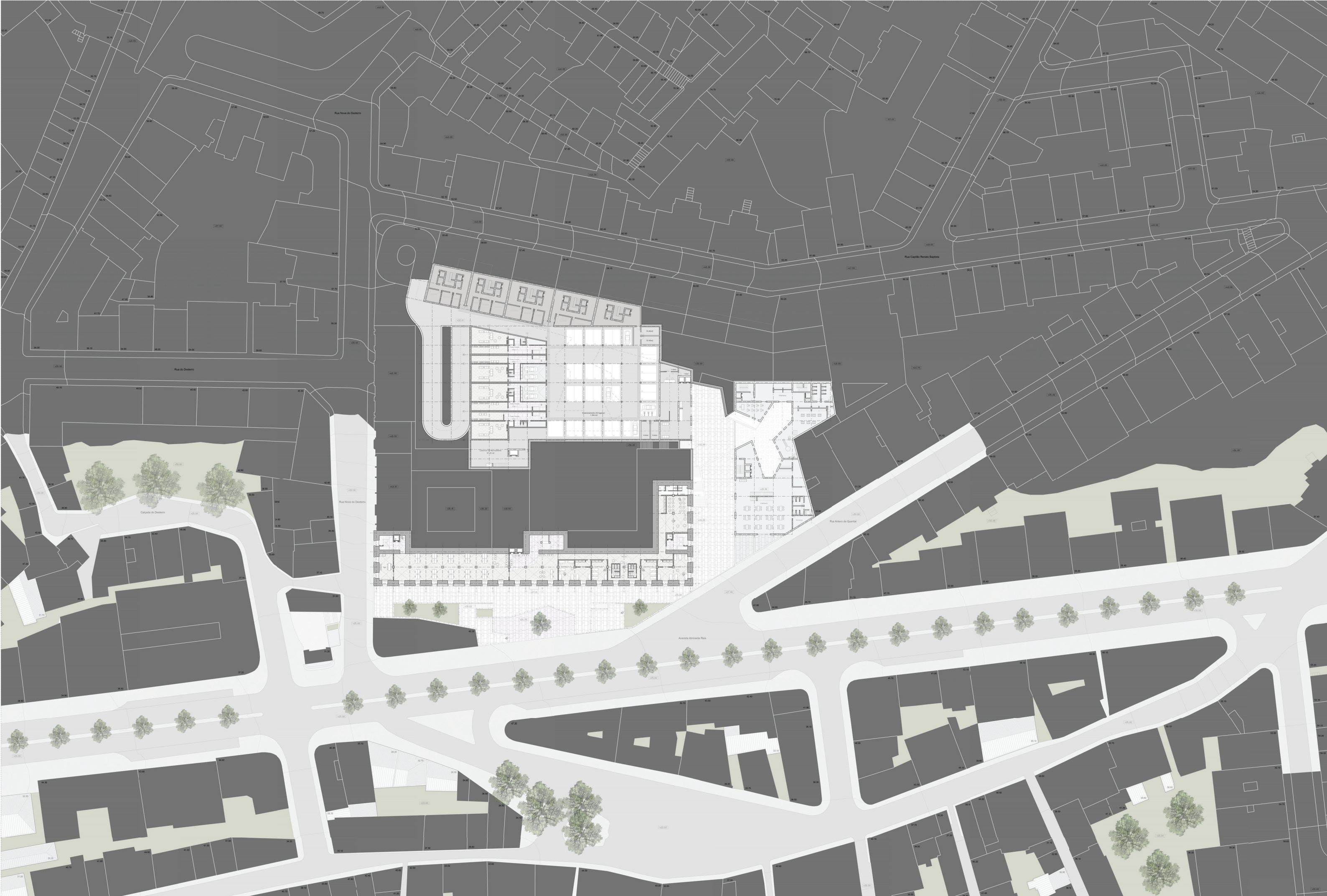
E 002 Argumentação Visual Cluster *Townhouse*.

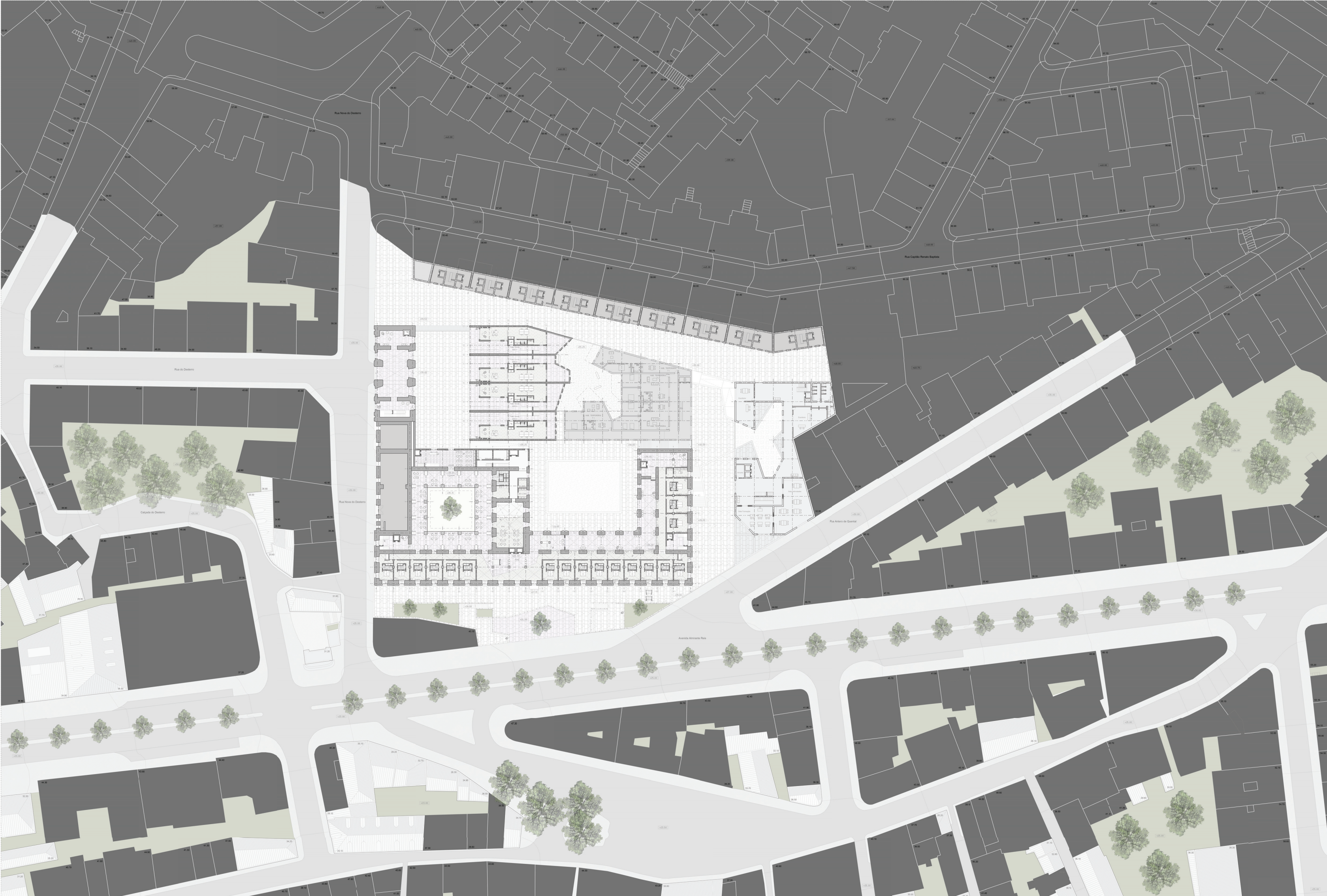


— Cerca velha   
 — Cerca Fernandina   
 ■ Séc. XII   
 ■ Séc. XIV   
 ■ Séc. XVI   
 ■ Séc. XVII   
 ■ Séc. XVIII   
 ■ Edifício Existente   
 Planta dos Conventos 1\_10000

— Colina de Santana   
 — Cerca dos Conventos   
 ■ Campus Hospitalar   
 ■ Edifício Conquistado   
 ■ Percurso de Ligação   
 Planta Colina Santana 1\_5000





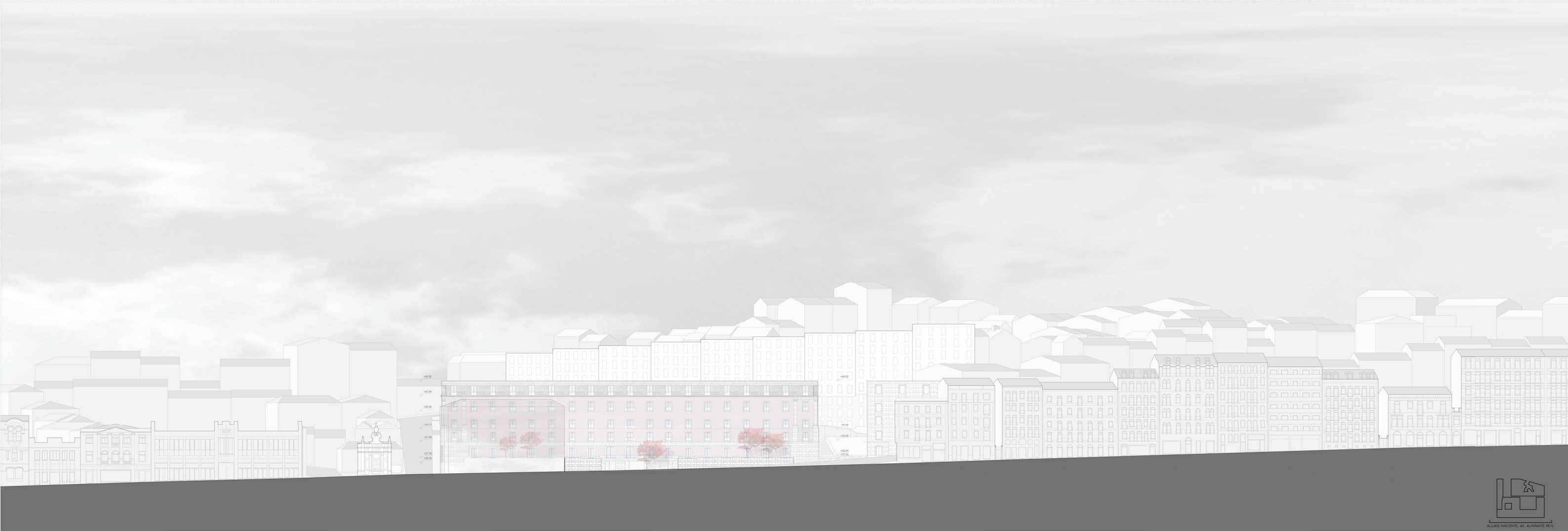




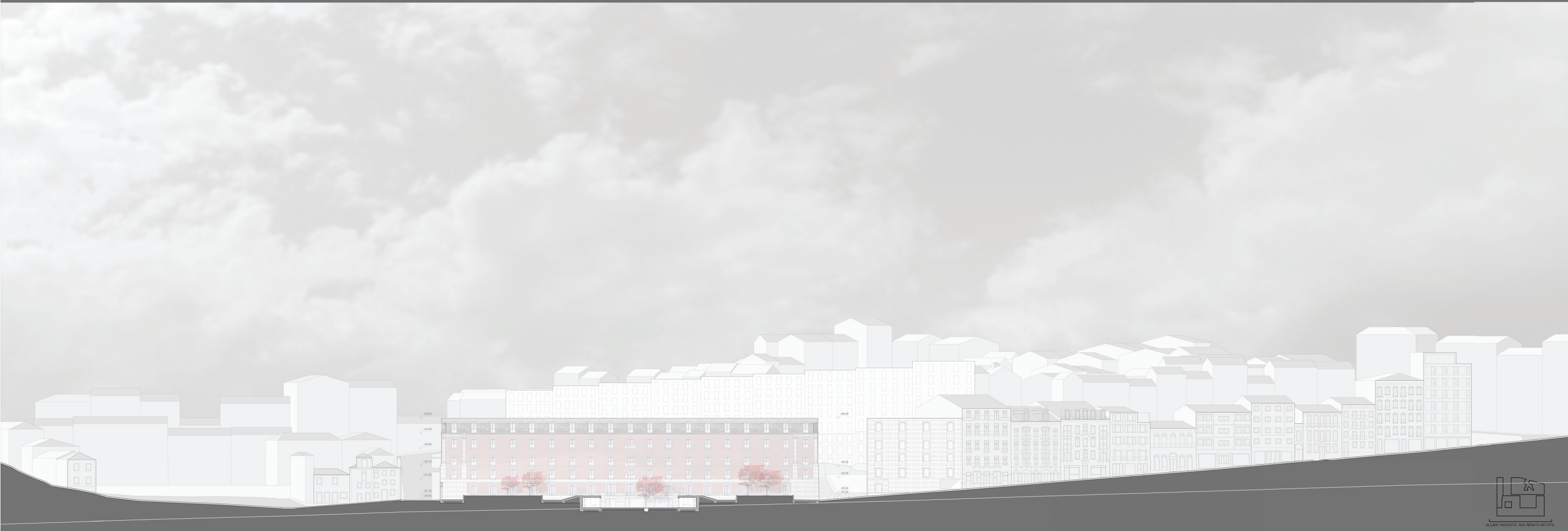




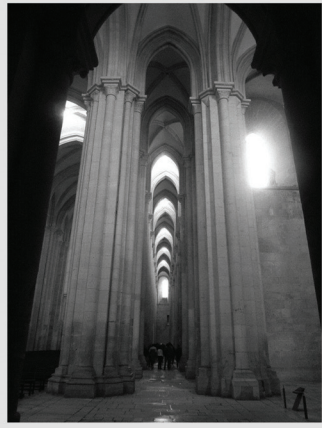




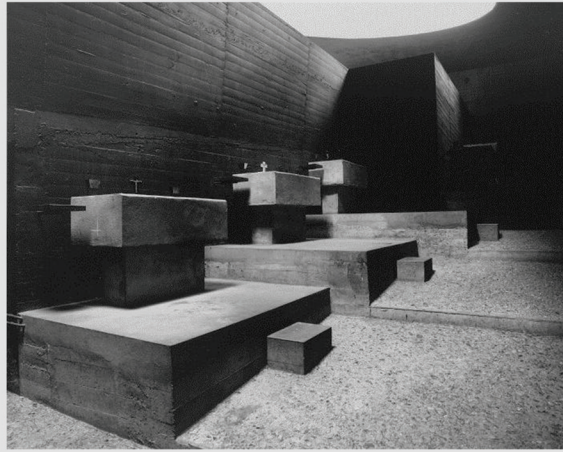
ALÇADO NASCENTE, AV. ALFONSO REIS



ALÇADO NASCENTE, RUA RENEATO BATISTA



ESPIRITO DE AUSTERIDADE E DESNODAMENTO LEVADO AO ESTREMO.  
 MOSTEIRO SANTA MARIA DE ALCOBACA.  
 FONTE: AUTOR DA DISSERTAÇÃO.

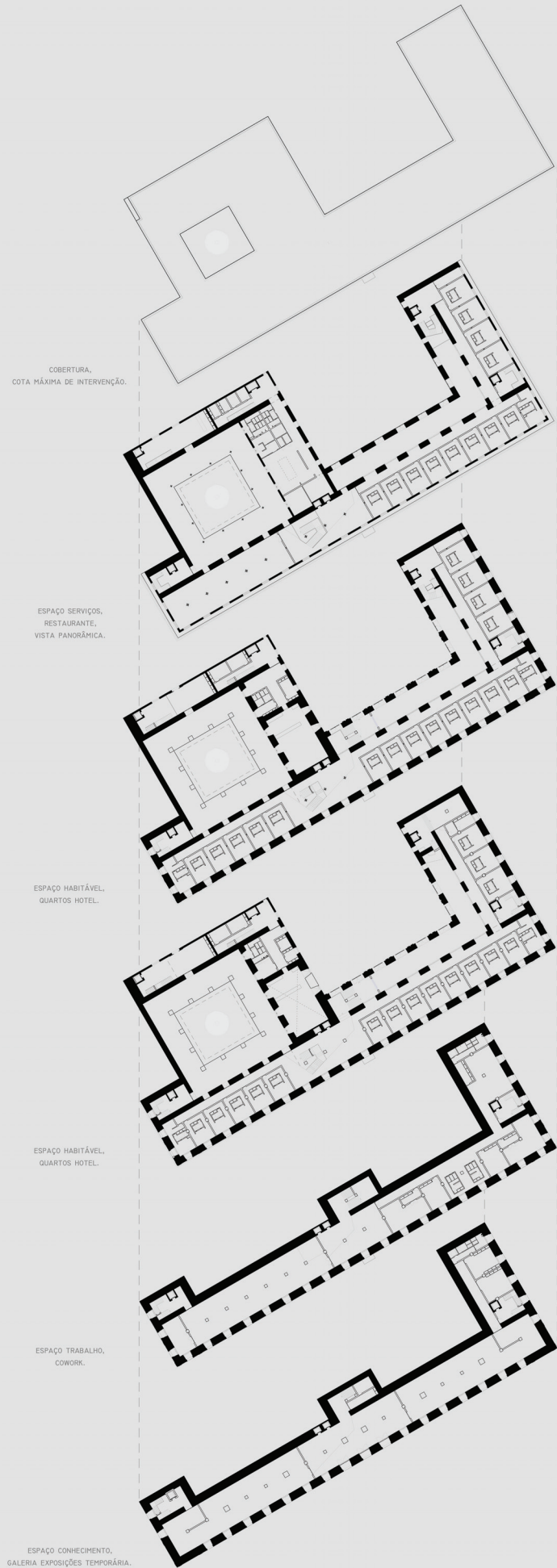


A CONSTRUÇÃO CISTERCIENSE APLICA A "PEDRA NUA", LE CORBUSIER APLICA O "BETÃO CRU",  
 PROCURANDO A UNIFORMIDADE E HOMOGENEIDADE DOS MATERIAIS.  
 CONVENTO SANTA MARIA LA TOURETTE, RHÔNE, FRANÇA.  
 FONTE: LE CORBUSIER, OUVRE COMPLÈTE 1957-1965, P.48.



CALMA E SIMPLICIDADE NA PROCURA DO "MINIMO", RECUSANDO A ORNAMENTAÇÃO EXCESSIVA.  
 ABADIA DE NOSSA SENHORA DE NOVÝ DVŮR, BOHEMIA, REPUBLICA CHECA, 1999 - 2004.  
 FONTE: [HTTP://JOHNPAWSON.COM/WORKS/ABBEY-OF-OUR-LADY-OF-NOVY-DVUR.](http://johnpawson.com/works/abbey-of-our-lady-of-novy-dvir/)

INTERPRETAÇÃO DAS LÓGICAS ANCESTRAIS,  
 ESTUDO ORDEM CISTER.



COBERTURA,  
 COTA MÁXIMA DE INTERVENÇÃO.

ESPAÇO HABITÁVEL,  
 QUARTOS HOTEL.

ESPAÇO SERVIÇOS,  
 RESTAURANTE,  
 VISTA PANORÂMICA.

ESPAÇO HABITÁVEL,  
 QUARTOS HOTEL.

ESPAÇO HABITÁVEL,  
 QUARTOS HOTEL.

ESPAÇO HABITÁVEL,  
 QUARTOS HOTEL.

ESPAÇO HABITÁVEL,  
 QUARTOS HOTEL.

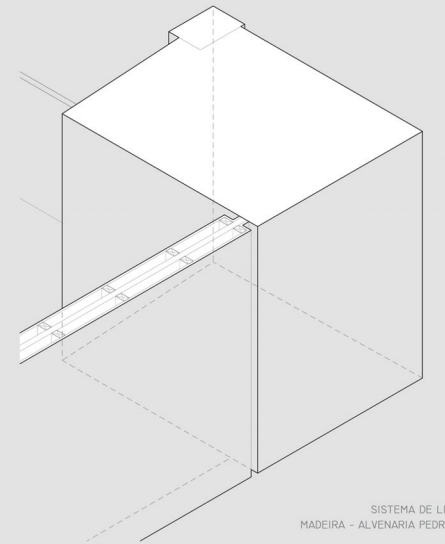
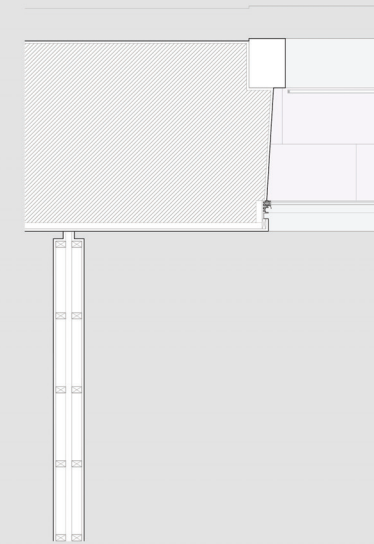
ESPAÇO HABITAR,  
 HOSTEL.

ESPAÇO TRABALHO,  
 COWORK.

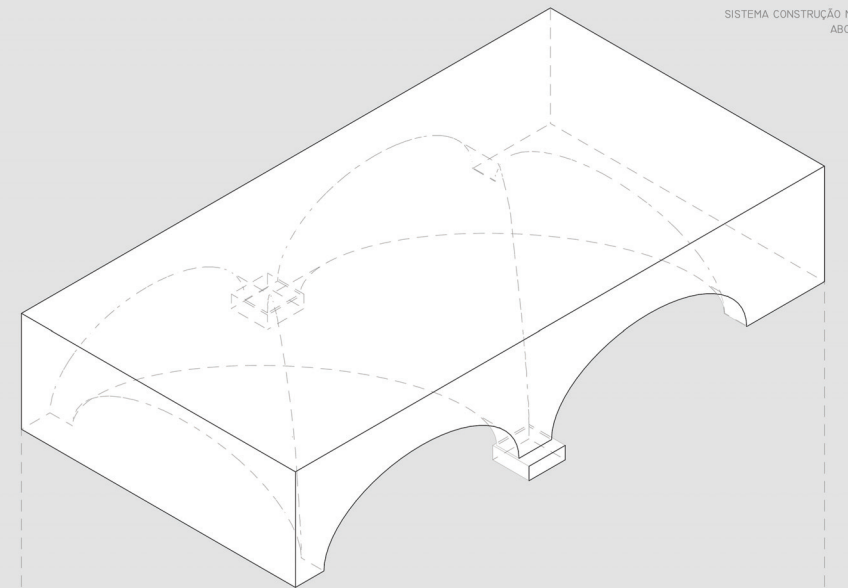
ESPAÇO CONHECIMENTO,  
 GALERIA DE EXPOSIÇÕES PERMANENTE,  
 ACESSO EXTERIOR.

ESPAÇO CONHECIMENTO,  
 GALERIA EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIA.

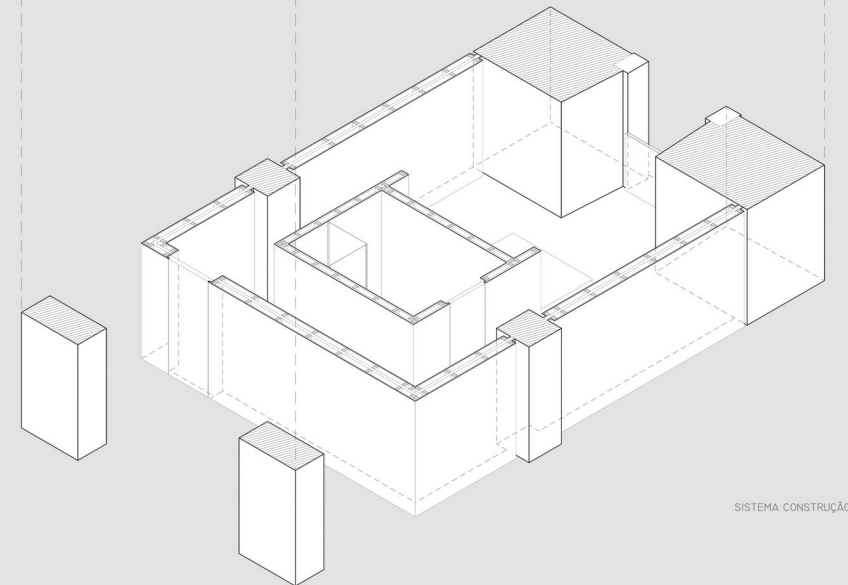
DIAGRAMA CONVENTO.



SISTEMA DE LIGAÇÃO,  
 MADEIRA - ALVENARIA PEDRA RIJA.



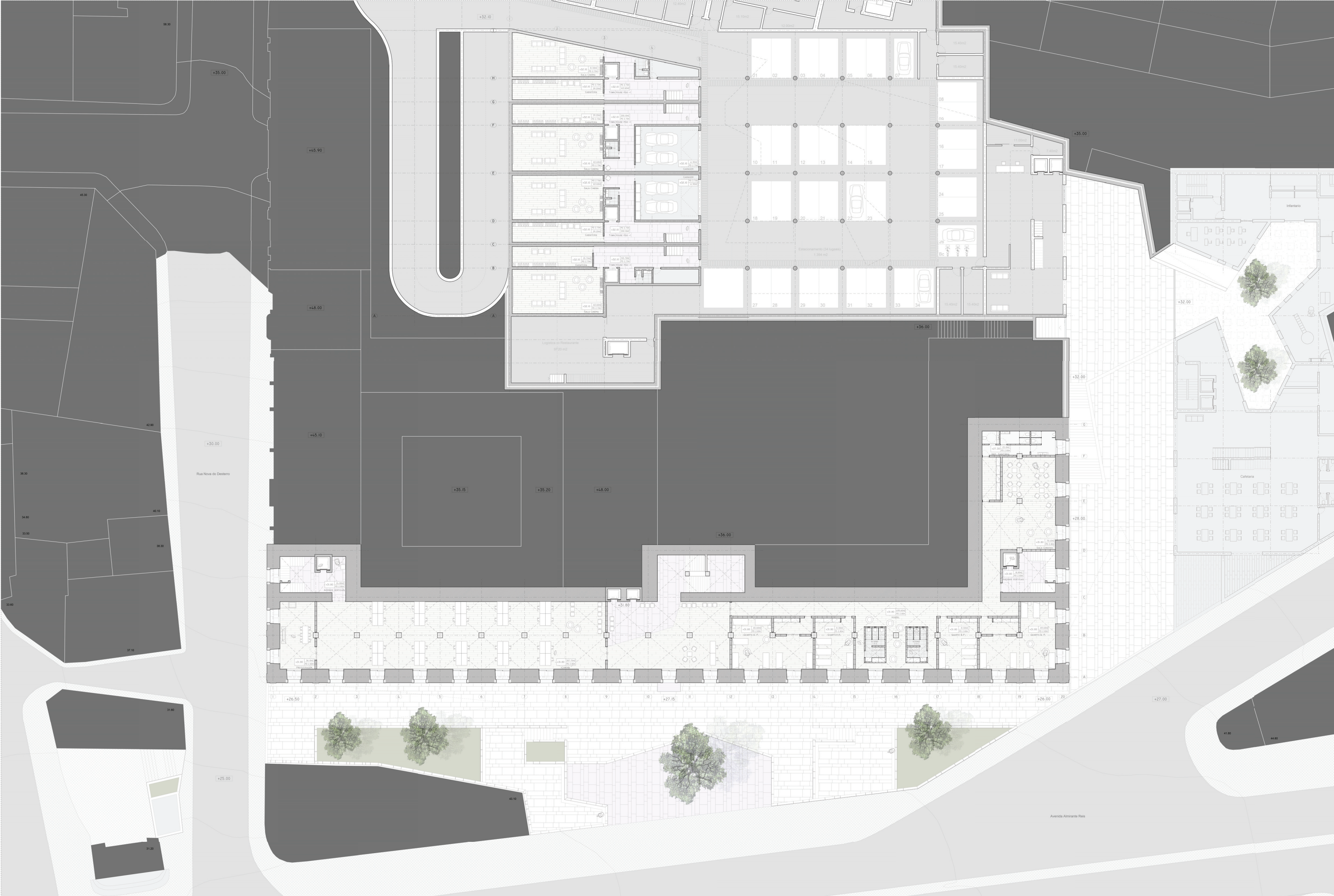
SISTEMA CONSTRUÇÃO MACIÇA,  
 ABÓBODAS.



SISTEMA CONSTRUÇÃO FOGO.

ESQUEMA APLICAÇÃO MATERIAIS







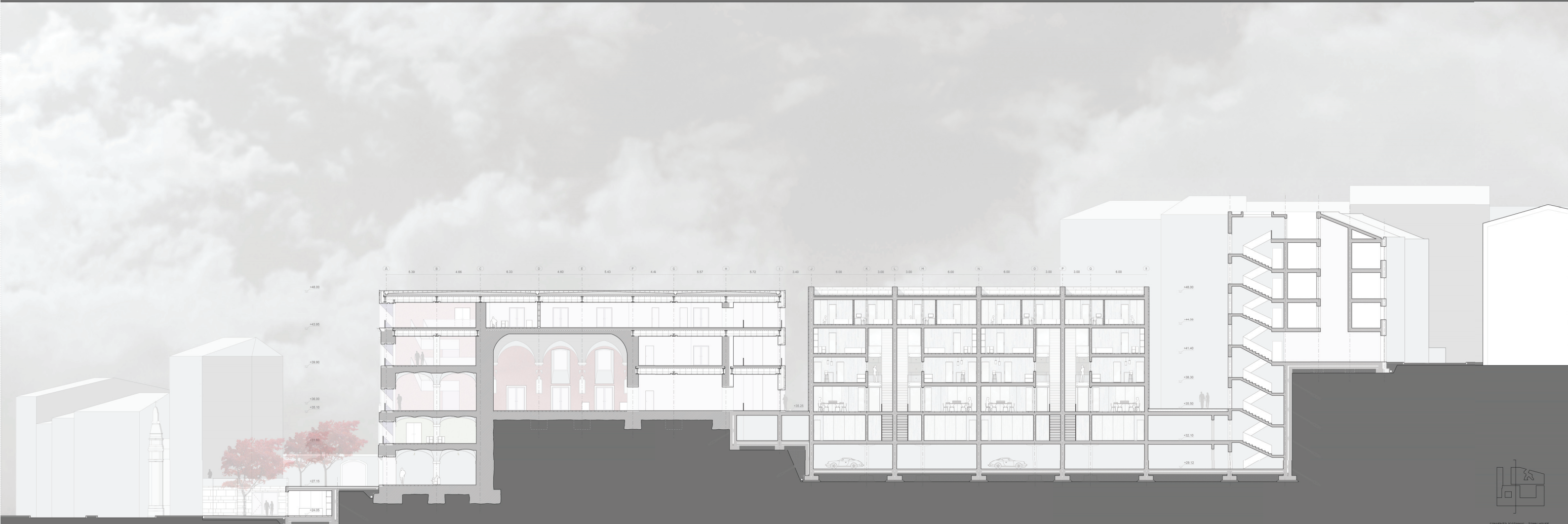


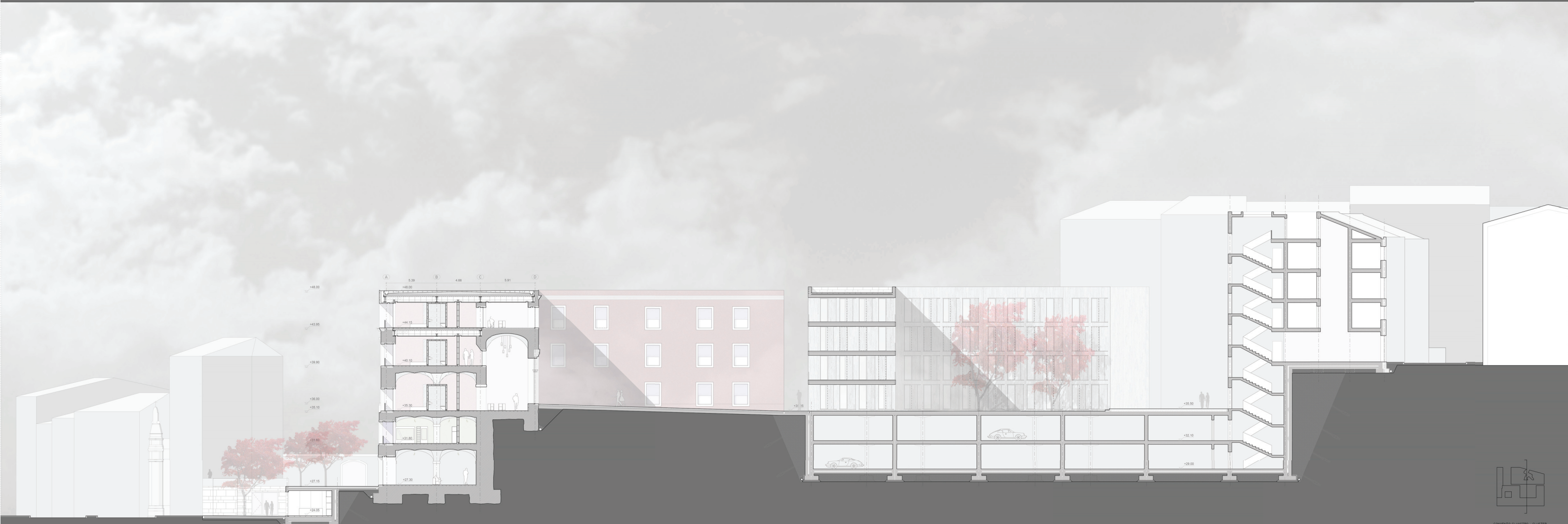
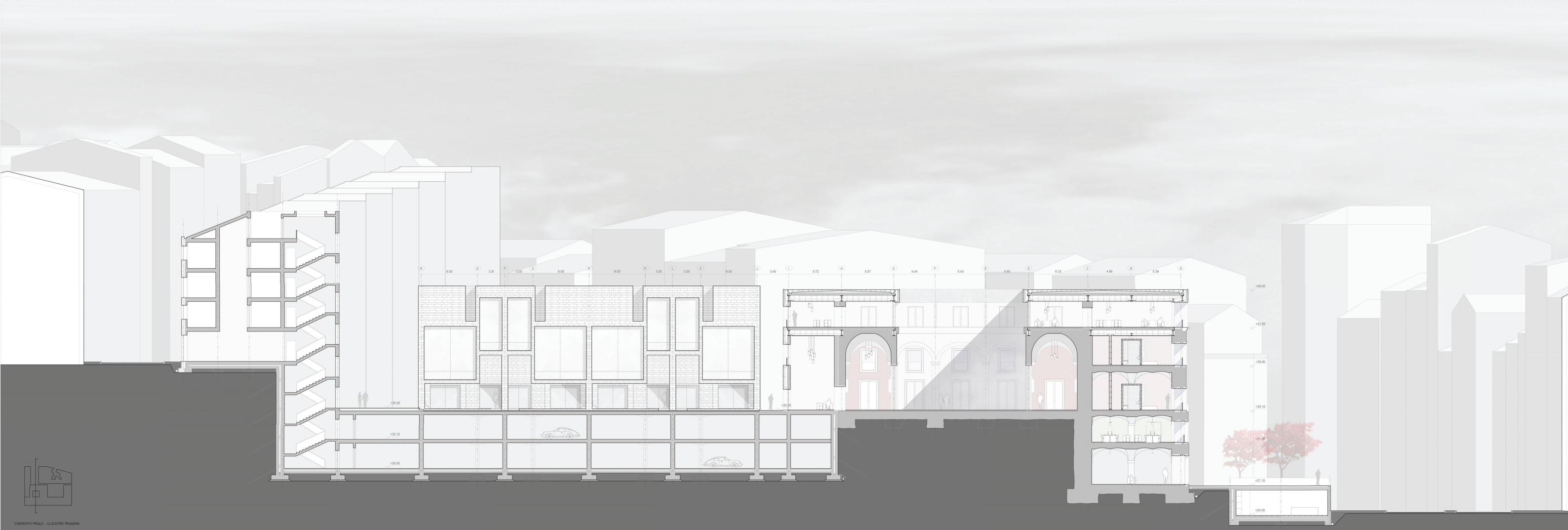


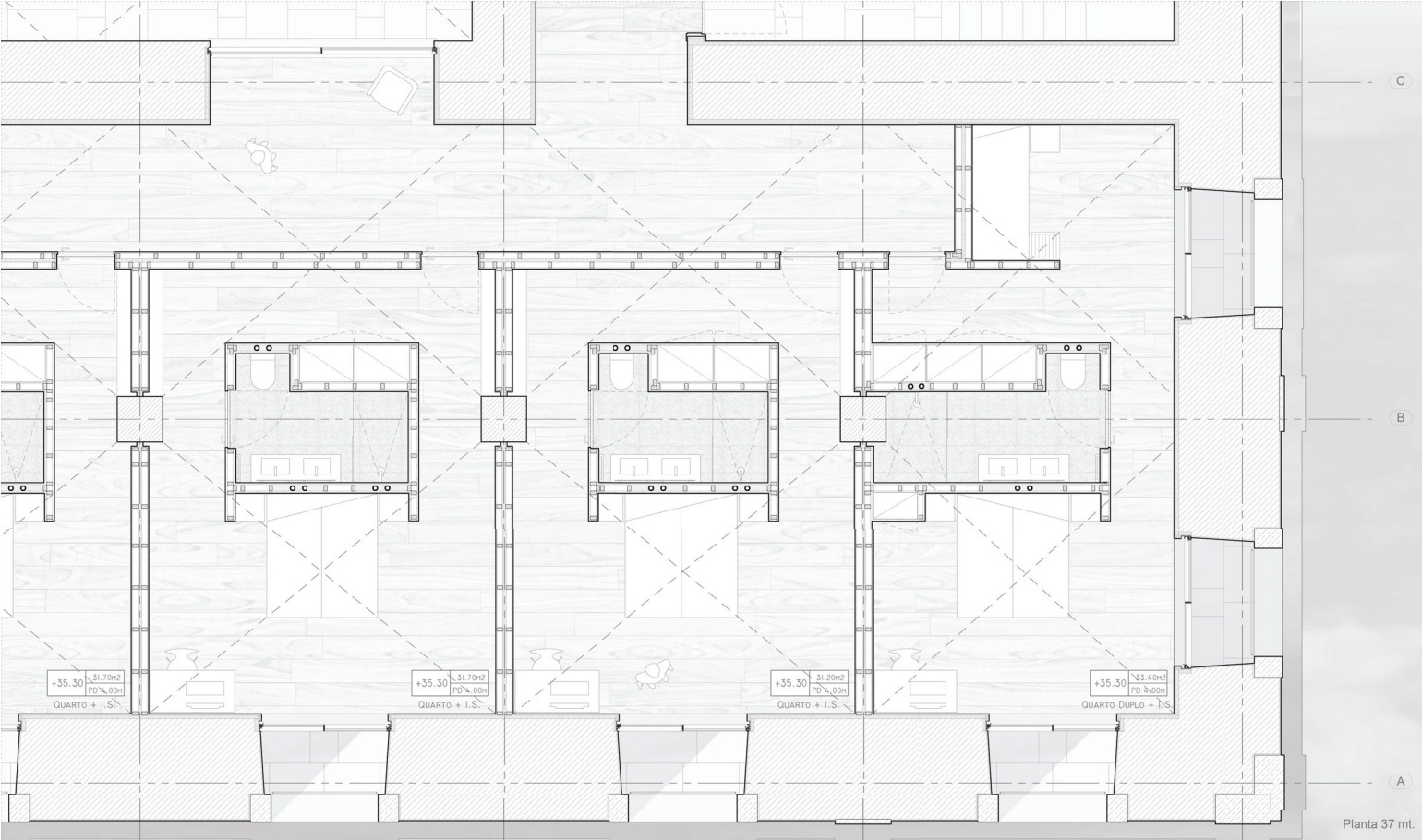








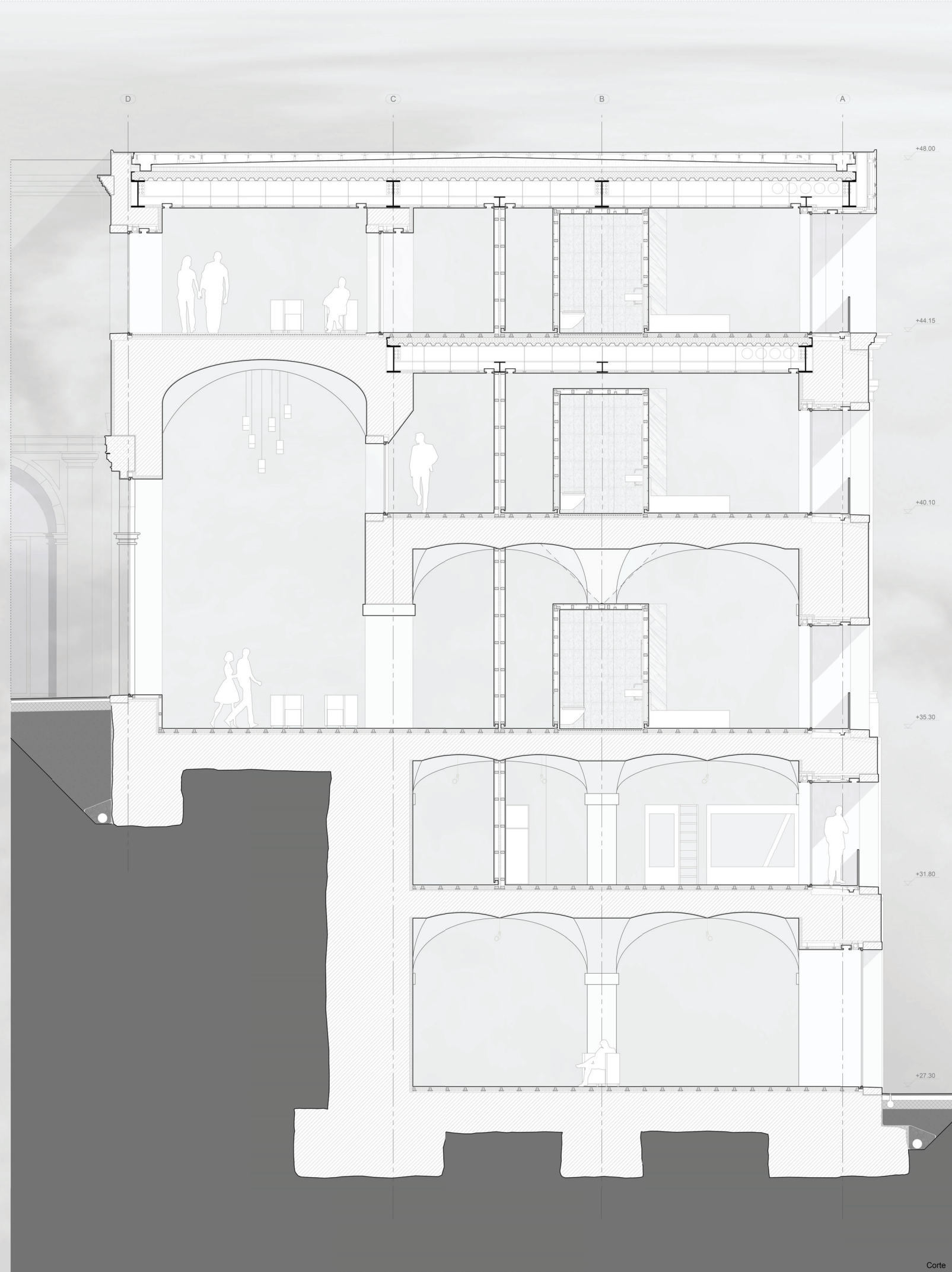




Planta 37 mt.



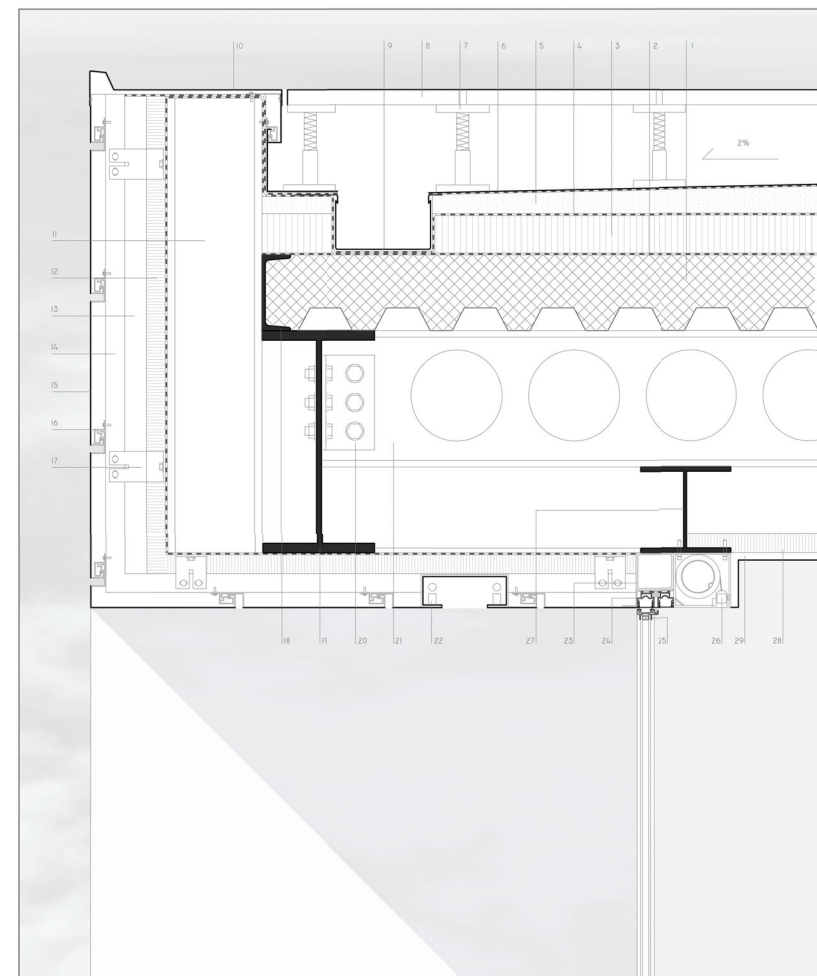
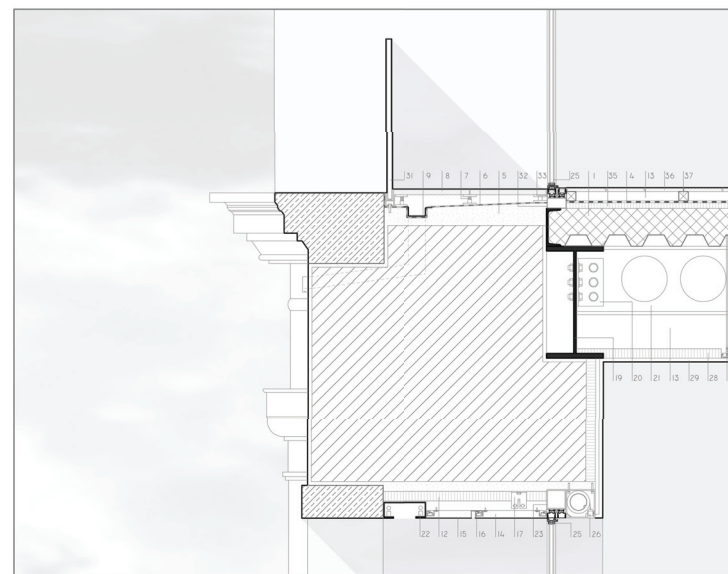
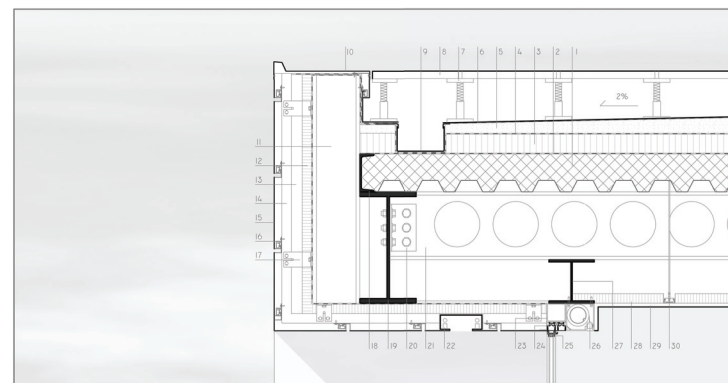
Alçado Principal



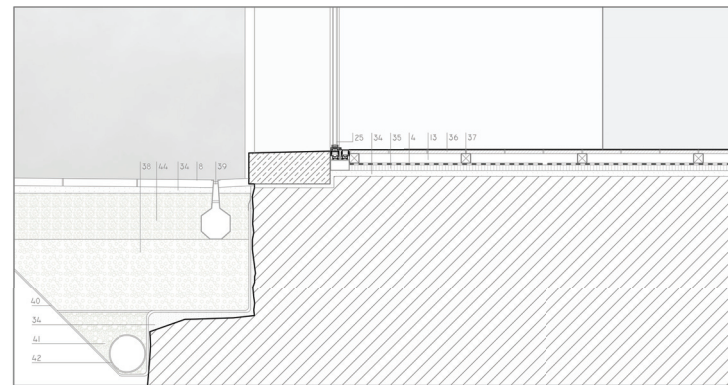
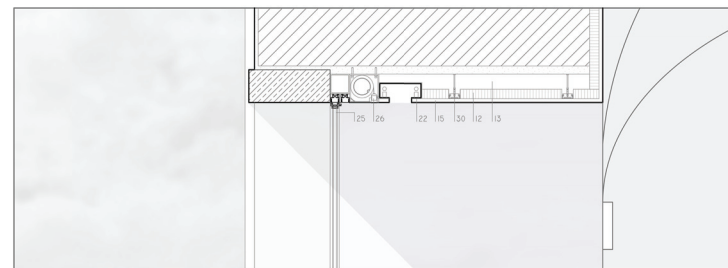
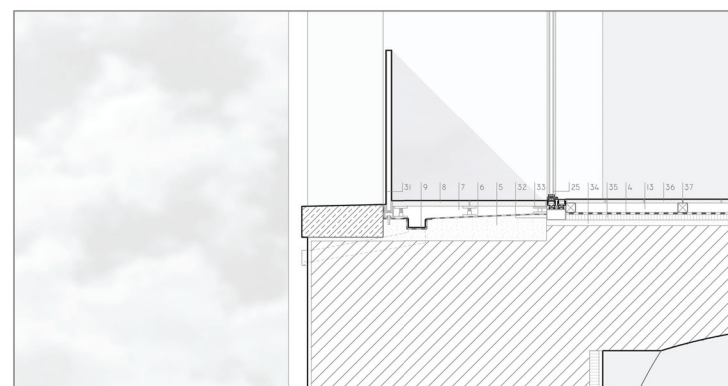
Corte



ALÇADO  
Escala 1\_20.

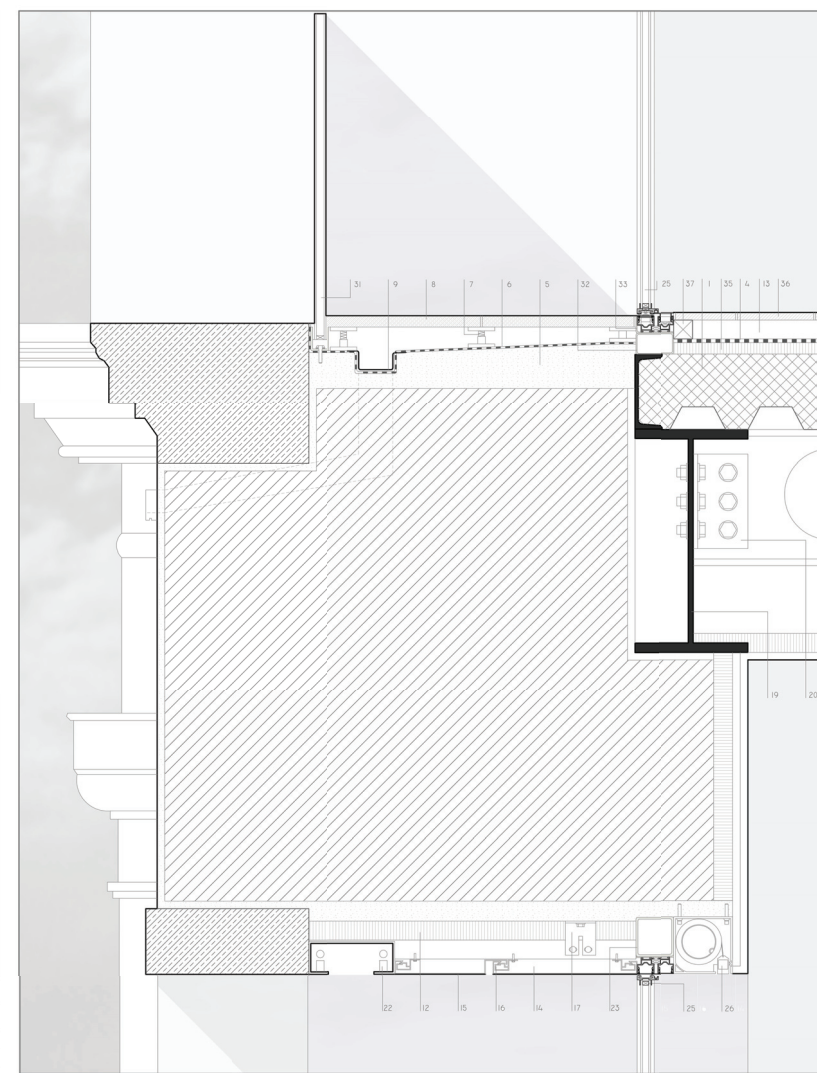


PLANTA  
Escala 1\_20.



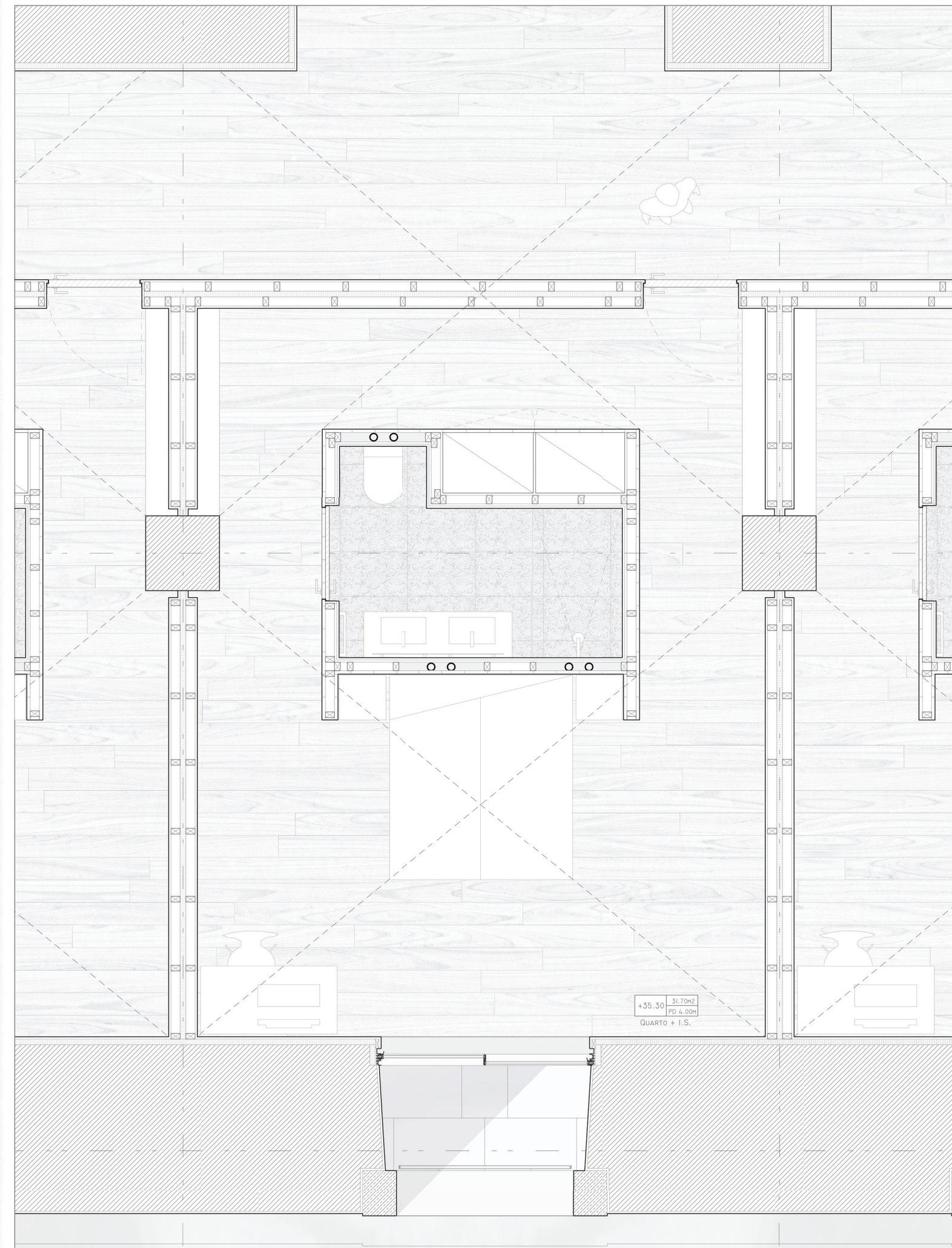
LEGENDA

CORTE FACHADA  
Escala 1\_20.

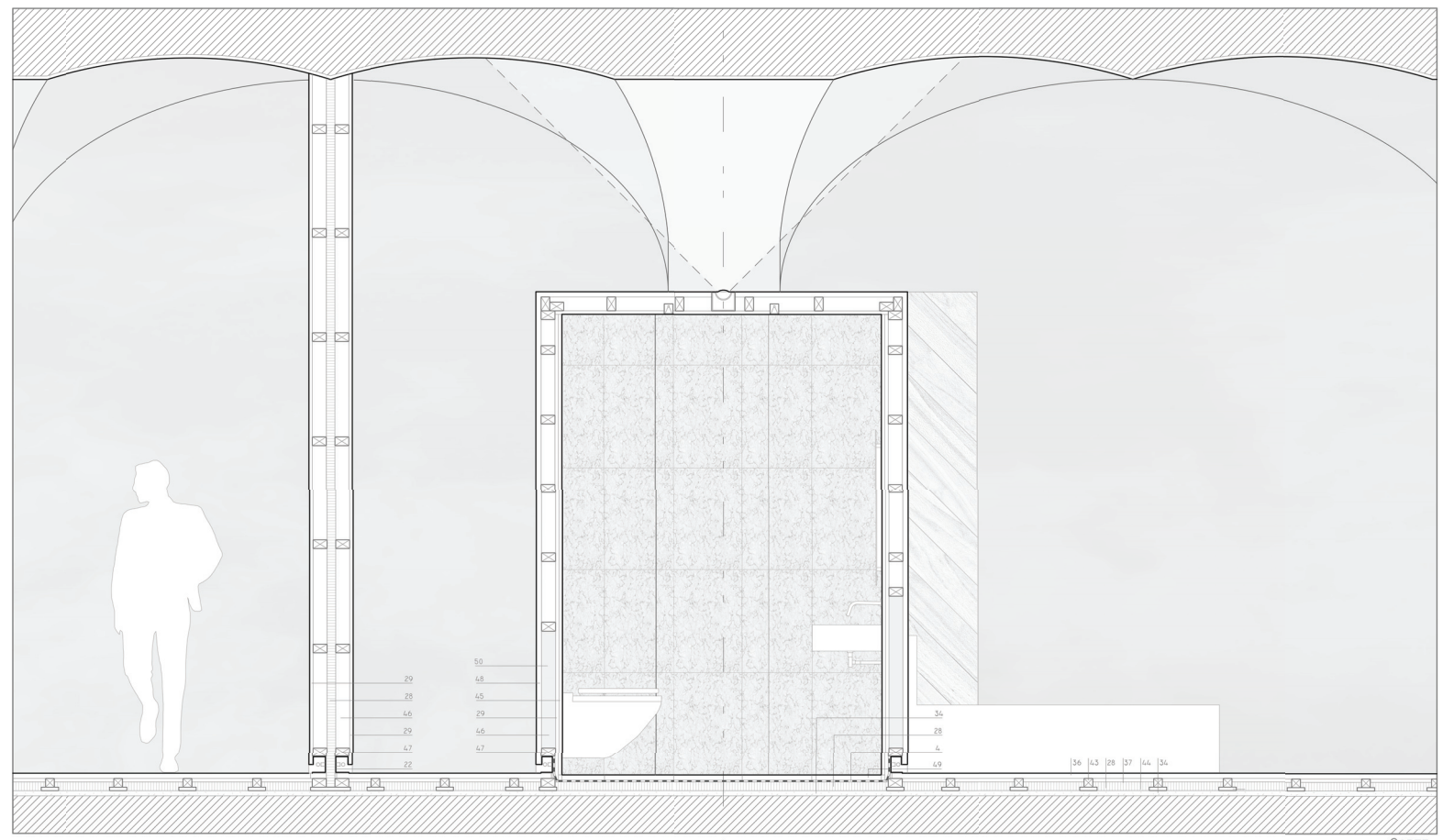


CORTE FACHADA  
Escala 1\_20.

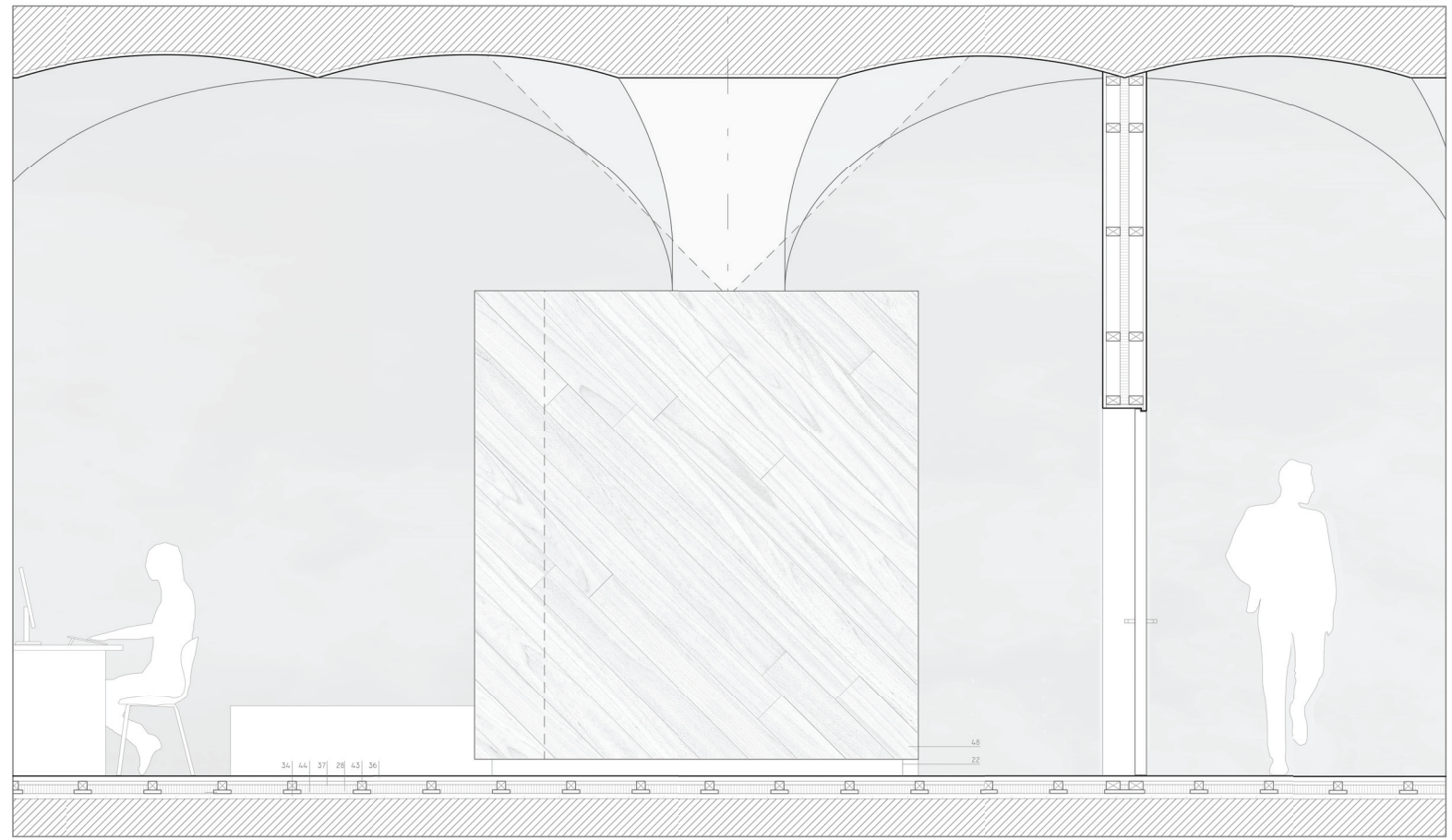
1 - LAJE DE BETÃO COMPOSITO, CHAPA METÁLICA E BETÃO ARMADO. 2 - BARREIRA DE VAPOR, PINTURA BETUMINOSA. 3 - ISOLAMENTO TÉRMICO, POLIESTIRENO EXTRUDIDO TIPO ROOFMATE 100MM. 4 - MEMBRANA IMPERMEABILIZANTE EM PVC. 5 - CAMADA DE FORMA EM BETONILHA DE REGULARIZAÇÃO COM PENDENTE DE 2%. 6 - SELANTE EM MEMBRANA ASFÁLTICA. 7 - SUPORTE DE PAVIMENTO EM PVC AJUSTAVEL. 8 - PAVIMENTO EM LAJETAS DE PEDRA LIOZ 500 x 500 E= 40MM. 9 - CALEIRA EM LATÃO MOLDADO. 10 - CAPEAMENTO EM ZINCO E= 2MM. 11 - PERFIL I HEB 250 EM AÇO GALVANIZADO. 12 - ISOLAMENTO TÉRMICO, POLIESTIRENO EXTRUDIDO TIPO ROOFMATE 50MM. 13 - CAIXA DE AR 50MM. 14 - SUPORTE T EM ALUMÍNIO 50MM. 15 - REVESTIMENTO EM CHAPA DE ZINCO 3000 x 40 E= 2MM, APLICADA NA HORIZONTAL TIPO RHEINZINK. 16 - SUPORTE DE FIXAÇÃO DO REVESTIMENTO, TIPO RHEINZINK. 17 - SISTEMA DE FIXAÇÃO DO SUPORTE T, TIPO RHEINZINK. 18 - PERFIL U AÇO GALVANIZADO 200 x 75. 19 - PERFIL I HEA 600 x 300 EM AÇO GALVANIZADO (TERLIÇA). 20 - SUPORTE DE FIXAÇÃO TERLIÇA GALVANIZADO 250 x 150 E= 10MM. 21 - PERFIL IPE 360 EM AÇO GALVANIZADO TIPO ACB ARCELOR MITTAL. 22 - CALHA METÁLICA EM COBRE COM DOIS ELEMENTOS LINEARES DE ILUMINAÇÃO. 23 - PERFIL METÁLICO TUBULAR QUADRADO 100 x 100MM E=5MM. 24 - PERFIL Z 100 x 40 E=3MM. 25 - CAIXILHO MINIMALISTA DE ALUMÍNIO, SISTEMA DE ARRIS TIPO VITROCSA TH+. 26 - CAIXA DE ESTORE TIPO FIXSCREEN 150 x 155MM. 27 - PERFIL I HFR EM AÇO GALVANIZADO 240 x 240. 28 - ISOLAMENTO ACÚSTICO TIPO LÃ DE ROCHA E=50MM. 29 - GESSO CARTONADO BRANCO E=15MM. 30 - ESTRUTURA METÁLICA DE SUPORTE AO TECTO FALSO. 31 - GUARDA EM VIDRO DUPLA E=30MM. 32 - PEREFIL METÁLICO TUBULAR 100 x 55 E=3MM. 33 - PERFIL L METÁLICO 100 x 50 E=3MM. 34 - CAMADA DE REGULARIZAÇÃO 35 - ISOLAMENTO DE ABSORÇÃO / VIBRAÇÃO EM CORTIÇA E=30MM. 36 - PAVIMENTO EM PRANCHAS DE MADEIRA, PINHO COM ACABAMENTO EM VERNIZ MATE INCOLOR 2500 x 200 E=30MM. 37 - RIPADO DE ASSEMTAMENTO QUADRADO EM PINHO 50MM. 38 - ENROCAMENTO. 39 - DRENAGEM TIPO SLOT DRAIN. 40 - TELA ASFÁLTICA 7MM. 41 - GODO. 42 - DRENANTE PERIMETRAL EM PVC 200MM. 43 - CAIXA DE AR 20MM. 44 - RÉGUA FLUTUANTE (ANTIVIBRATÓRIA) PRÉ-FABRICADA, TIPO CDM-ISO-LAT E=20MM. 45 - AZULEJO CERAMICO 600 x 400. 46 - VIGA DE SUPORTE EM MADEIRA 80 x 50. 47 - TARUGO EM MADEIRA 80 x 50. 48 - REVESTIMENTO EM PRANCHA DE MADEIRA APLICADAS A 45 GRAUS, PINHO COM ACABAMENTO EM VERNIZ MATE INCOLOR 2500 x 200 E=30MM. 49 - PAVIMENTO EM LAJETAS DE PEDRA LIOZ 600 x 400 E= 30MM. 50 - PLACA DE DESCARGA TIPO "GEBERIT".



PLANTA



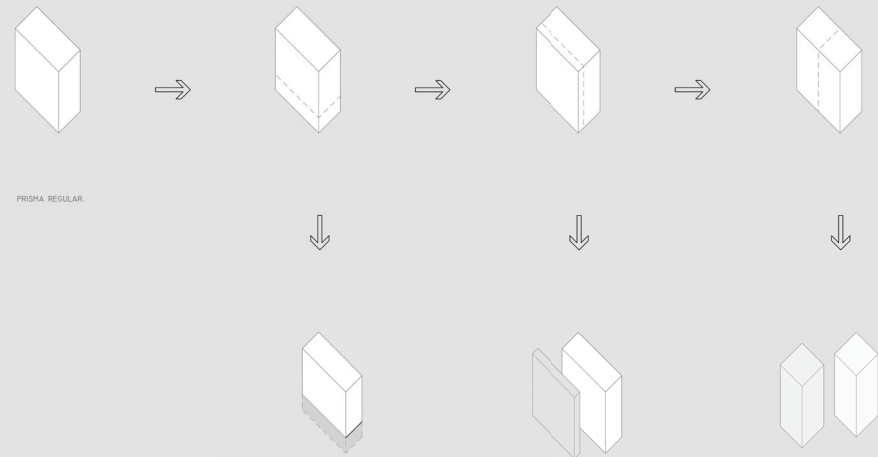
CORTE



ALÇADO I. S.

- 1 - LAJE DE BETÃO COMPOSITO, CHAPA METÁLICA E BETÃO ARMADO. 2 - BARREIRA DE VAPOR, PINTURA BETUMINOSA. 3 - ISOLAMENTO TÉRMICO, POLIESTIRENO EXTRUDIDO TIPO ROOFMATE 100MM. 4 - MEMBRANA IMPERMEABILIZANTE EM PVC. 5 - CAMADA DE FORMA EM BETONILHA DE REGULARIZAÇÃO COM PENDENTE DE 2%. 6 - SELANTE EM MEMBRANA ASFÁLTICA. 7 - SUPORTE DE PAVIMENTO EM PVC AJUSTAVEL. 8 - PAVIMENTO EM LAJETAS DE PEDRA LIOZ 500 X 500 E= 40MM. 9 - CALEIRA EM LATÃO MOLDAO. 10 - CAPEAMENTO EM ZINCO E= 2MM. 11 - PERFIL I HEB 250 EM AÇO GALVANIZADO. 12 - ISOLAMENTO TÉRMICO, POLIESTIRENO EXTRUDIDO TIPO ROOFMATE 50MM. 13 - CAIXA DE AR 50MM. 14 - SUPORTE T EM ALUMINIO 50MM. 15 - REVESTIMENTO EM CHAPA DE ZINCO 3000 X 40 E= 2MM, APLICADA NA HORIZONTAL TIPO RHEINZINK. 16 - SUPORTE DE FIXAÇÃO DO REVESTIMENTO, TIPO RHEINZINK. 17 - SISTEMA DE FIXAÇÃO DO SUPORTE T, TIPO RHEINZINK. 18 - PERFIL U AÇO GALVANIZADO 200 X 75. 19 - PERFIL I HEA 600 X 300 EM AÇO GALVANIZADO (TERLIÇA). 20 - SUPORTE DE FIXAÇÃO TERLIÇA GALVANIZADO 250 X 150 E= 10MM. 21 - PERFIL IPE 360 EM AÇO GALVANIZADO TIPO ACB ARCELOR MITTAL. 22 - CALHA METÁLICA EM COBRE COM DOIS ELEMENTOS LINEARES DE ILUMINAÇÃO. 23 - PERFIL METALICO TIURIIIAR QUADRADO 100 X 100MM E=5MM. 24 - PERFIL Z 100 X 40 E=3MM. 25 - CAIXILHO MINIMALISTA DE ALUMINIO, SISTEMA DE ARRIR TIPO VITROCSA TH+. 26 - CAIXA DE ESTORE TIPO FIXSCREEN 150 X 155MM. 27 - PERFIL I HEB EM AÇO GALVANIZADO 240 X240. 28 - ISOLAMENTO ACÚSTICO TIPO LÃ DE ROCHA E=50MM. 29 - GESSO CARTONADO BRANCO E=20MM. 30 - ESTRUTURA METÁLICA DE SUPORTE AO TECTO FALSO. 31 - GJARDA EM VIDRO DUPL0 E=30MM. 32 - PEREFIL METALICO TUBULAR 100 X 55 E=3MM. 33 - PERFIL L METÁLICO 100 X 50 E=3MM. 34 - CAMADA RE REGULARIZAÇÃO 35 - ISOLAMENTO DE ABSORÇÃO / VIBRAÇÃO EM CORTIÇA E=30MM. 36 - PAVIMENTO EM PRANCHAS DE MADEIRA, PINHO COM ACABAMENTO EM VERNIZ MATE INCOLOR 2500 X 200 E=30MM. 37 - RIPADO DE ASSENTAMENTO QUADRADO EM PINHO 50MM. 38 - ENROCAMENTO. 39 - DRENAGEM TIPO SLC T DRAIN. 40 - TELA ASFÁLTICA 7MM. 41 - GODO. 42 - DRENANTE PERIMETRAL EM PVC 200MM. 43 - CAIXA DE AR 20MM. 44 - RÉGUA FLUTUANTE (ANTIVIBRATÓRIA) PRÉ-FABRICADA, TIPO CDM-ISO-LAT E=20MM. 45 - REVESTIMENTO EM PEDRA LIOZ 600 X 400 E=20MM. 46 - VIGA DE SUPORTE EM MADEIRA 80 X 50. 47 - TARUGO EM MADEIRA 80 X 50. 48 - REVESTIMENTO EM PRANCHA DE MADEIRA APLICADAS A 45 GRAUS, PINHO COM ACABAMENTO EM VERNIZ MATE INCOLOR 2500 X 200 E=30MM. 49 - PAVIMENTO EM LAJETAS DE PEDRA LIOZ 600 X 400 E= 30MM. 50 - PLACA DE DESCARGA TIPO "GEBERIT".

LEGENDA

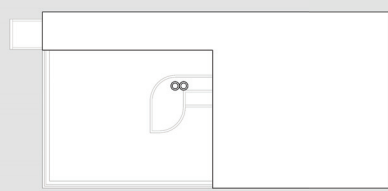
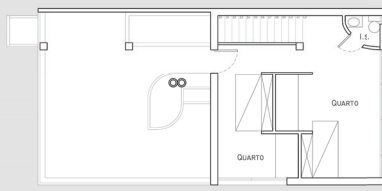
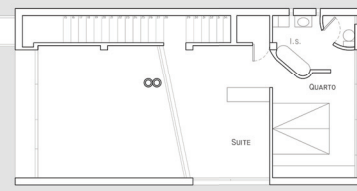
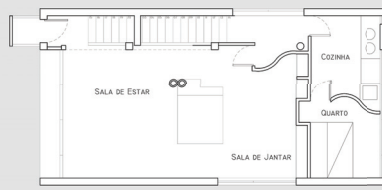
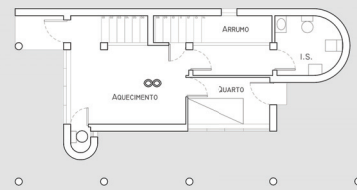


ELEVAÇÃO SOB PLOTIS, PERMITE A LIBERTAÇÃO DO SOLO.

ACESSOS VERTICAIS EM FORMA DE "SANDWICH", NO LIMITE DO FOGO.

ESPAÇO HABITÁVEL, ÍNTRIO E EXPANSIVO.

ESQUEMAS CONCEPTUAIS "MAISON CITROHAN".



PLANTAS "MAISON CITROHAN".  
FONTE: AUTOR DA DISSERTAÇÃO COM BASE NAS PLANAS DE LE COBUSIER OBRAS Y PROYECTOS P. 48.



CASO DE ESTUDO "MAISON CITROHAN", 1927.  
EDIFICADA EM WEISSENHOF DE STUTTGART.

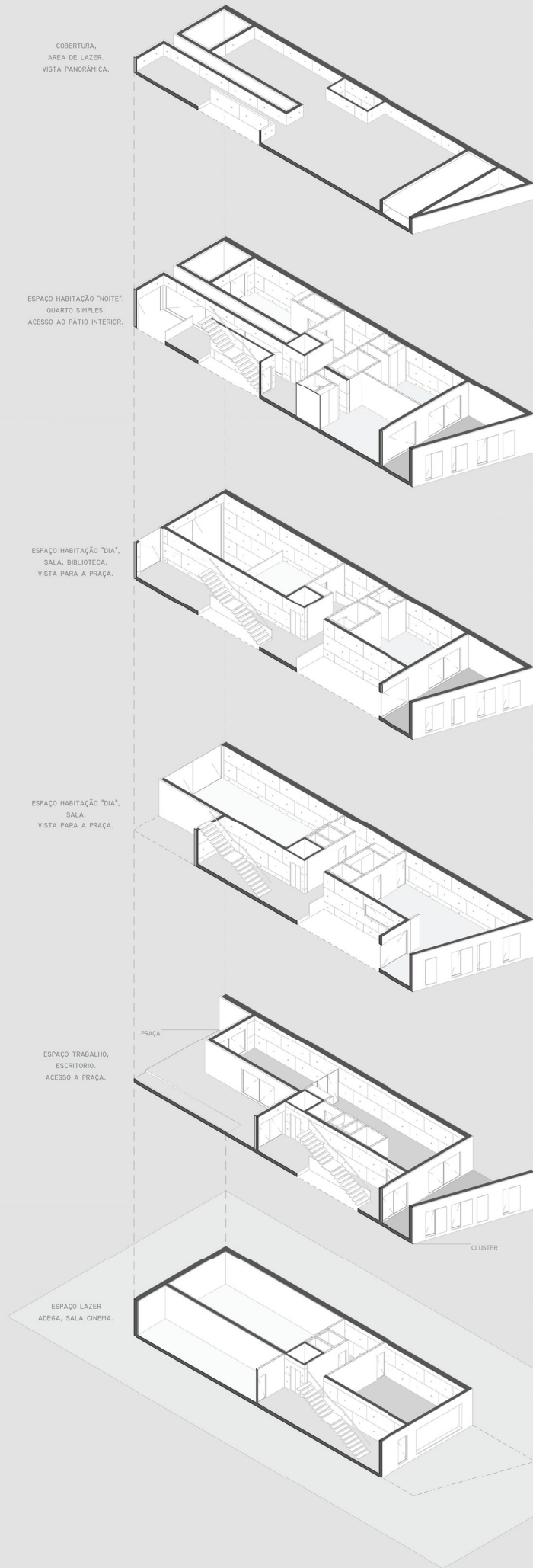
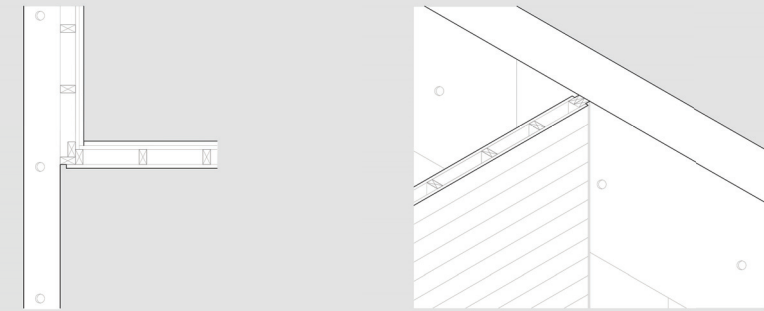
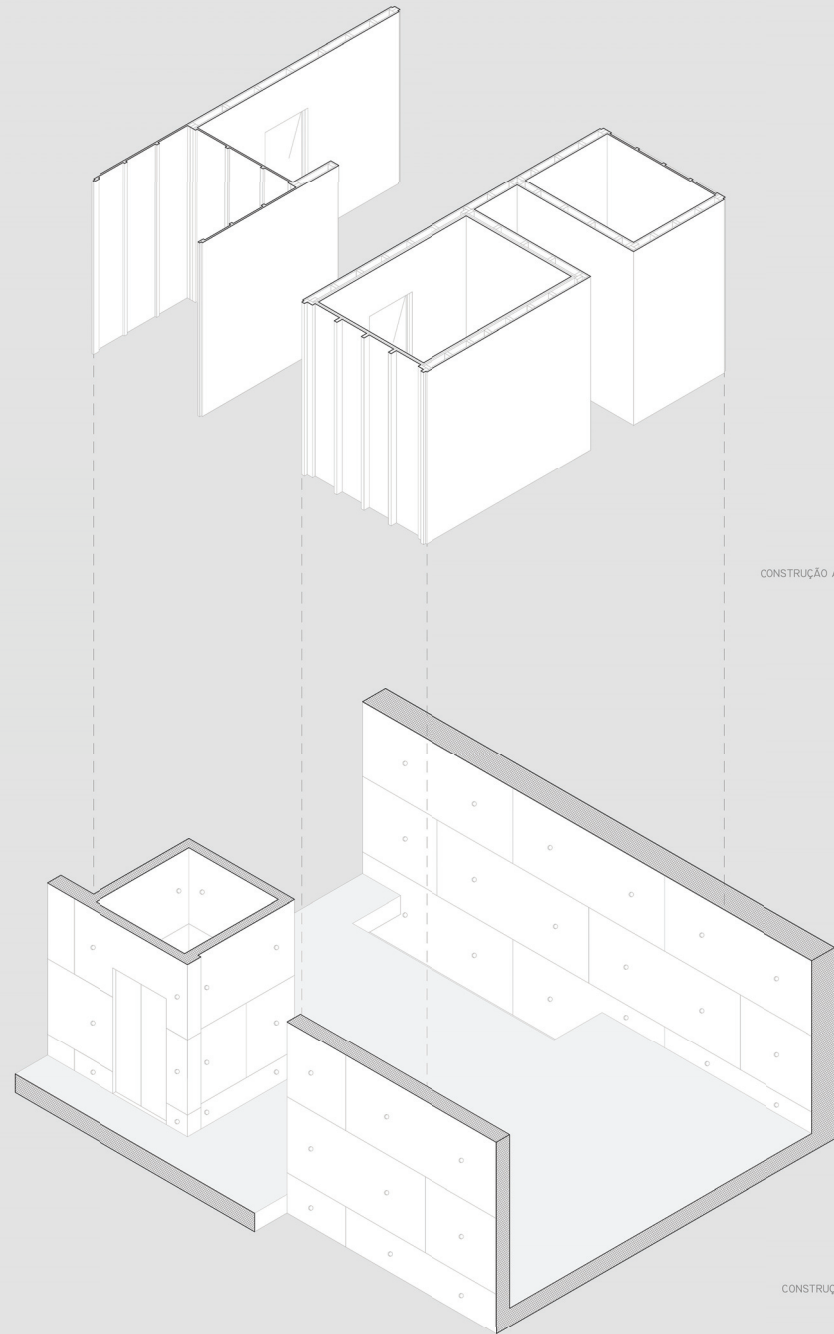


DIAGRAMA TOWN HOUSE.

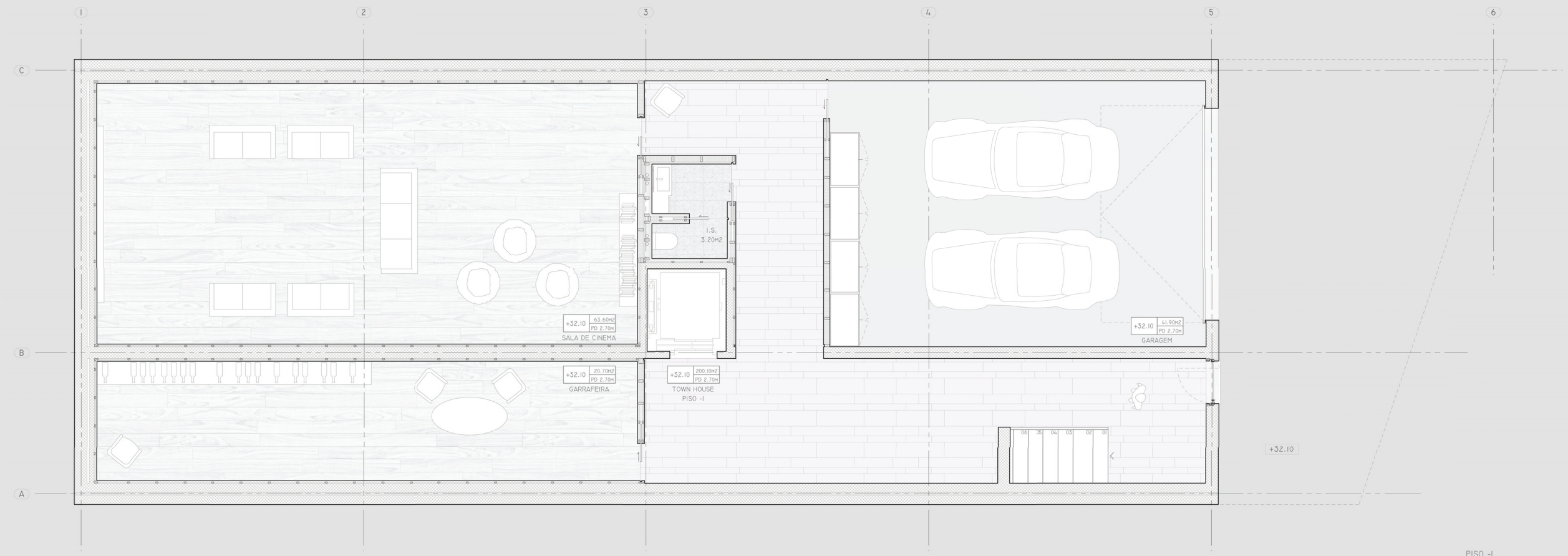


SISTEMA DE LIGAÇÃO, MADEIRA - BETÃO.

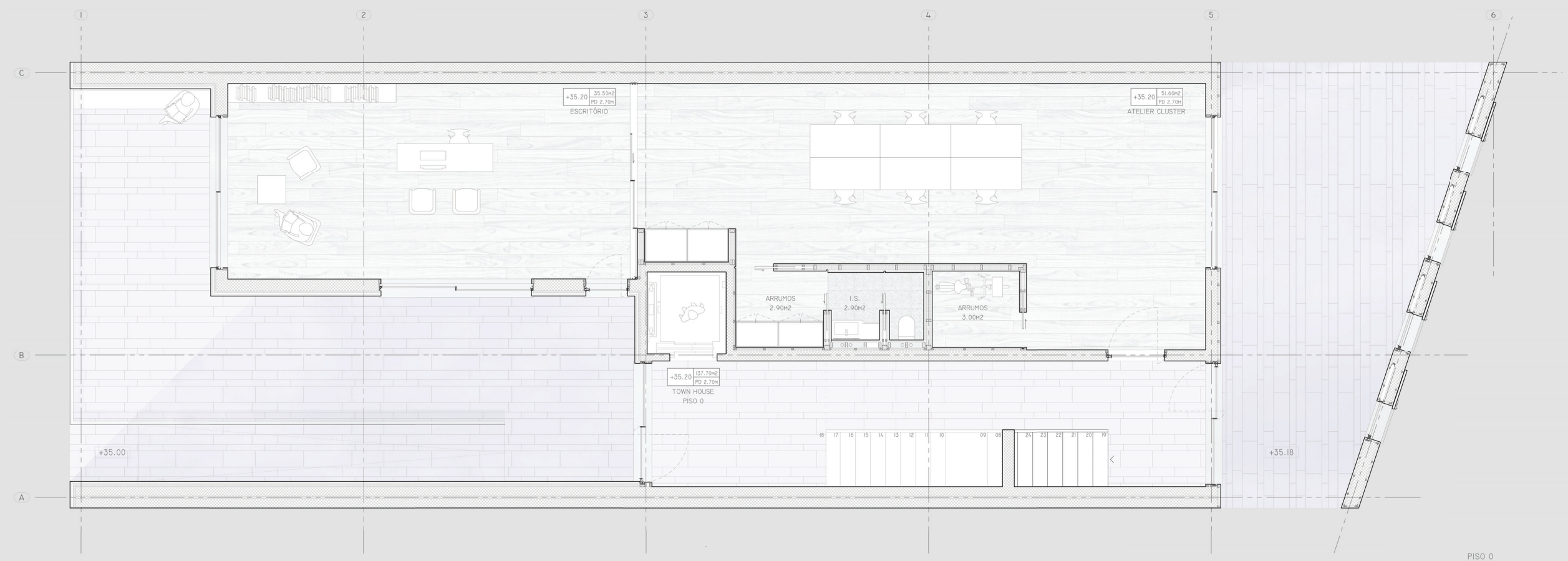


SISTEMA CONSTRUÇÃO MACIÇA.

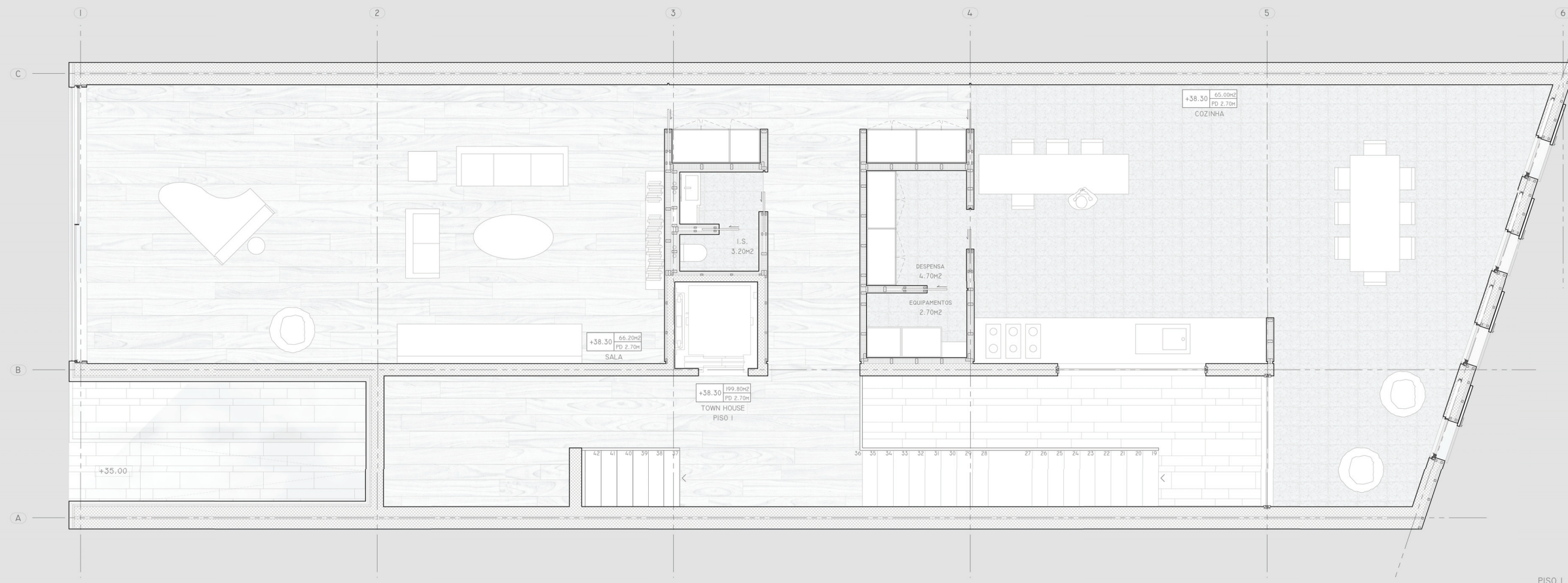
ESQUEMA APLICAÇÃO MATERIAIS



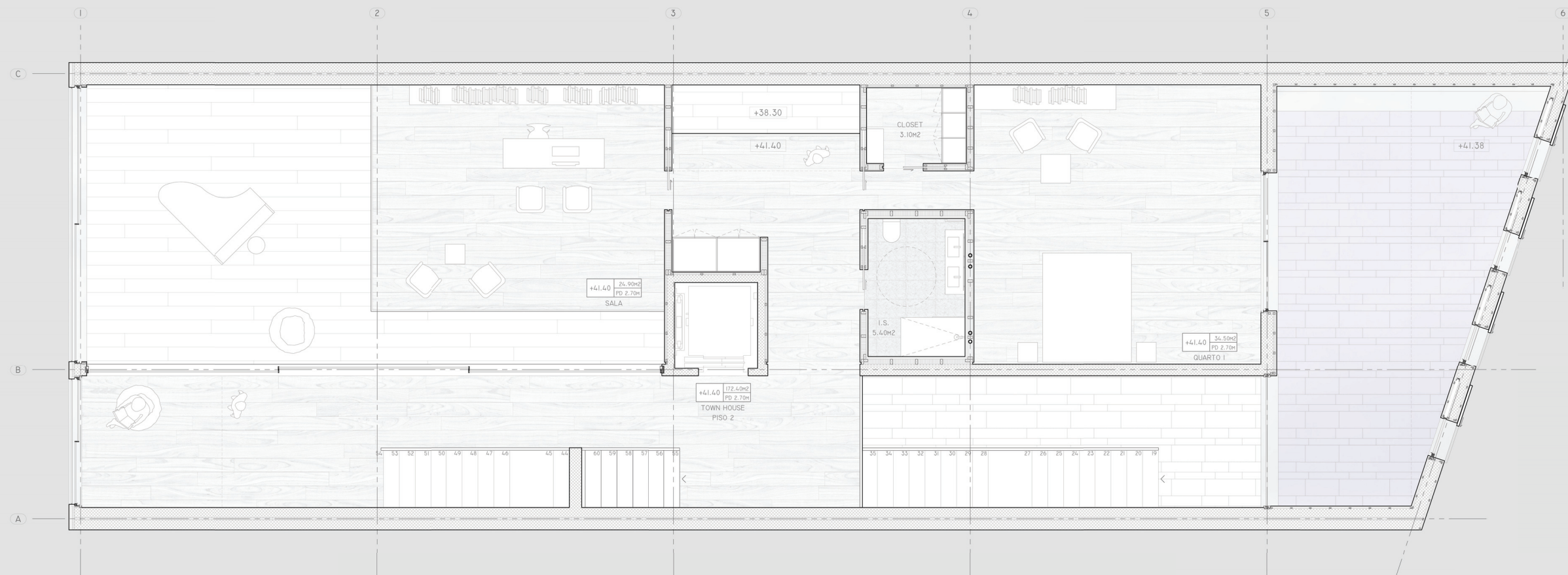
PISO -1



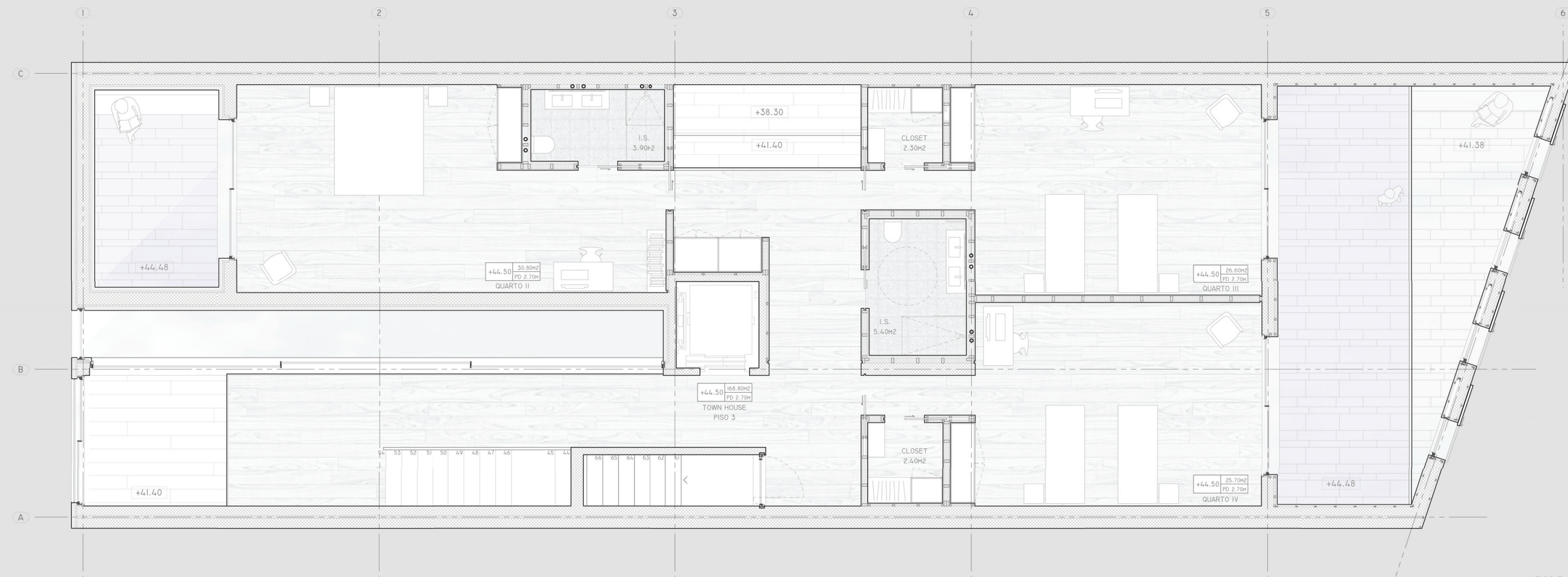
PISO 0



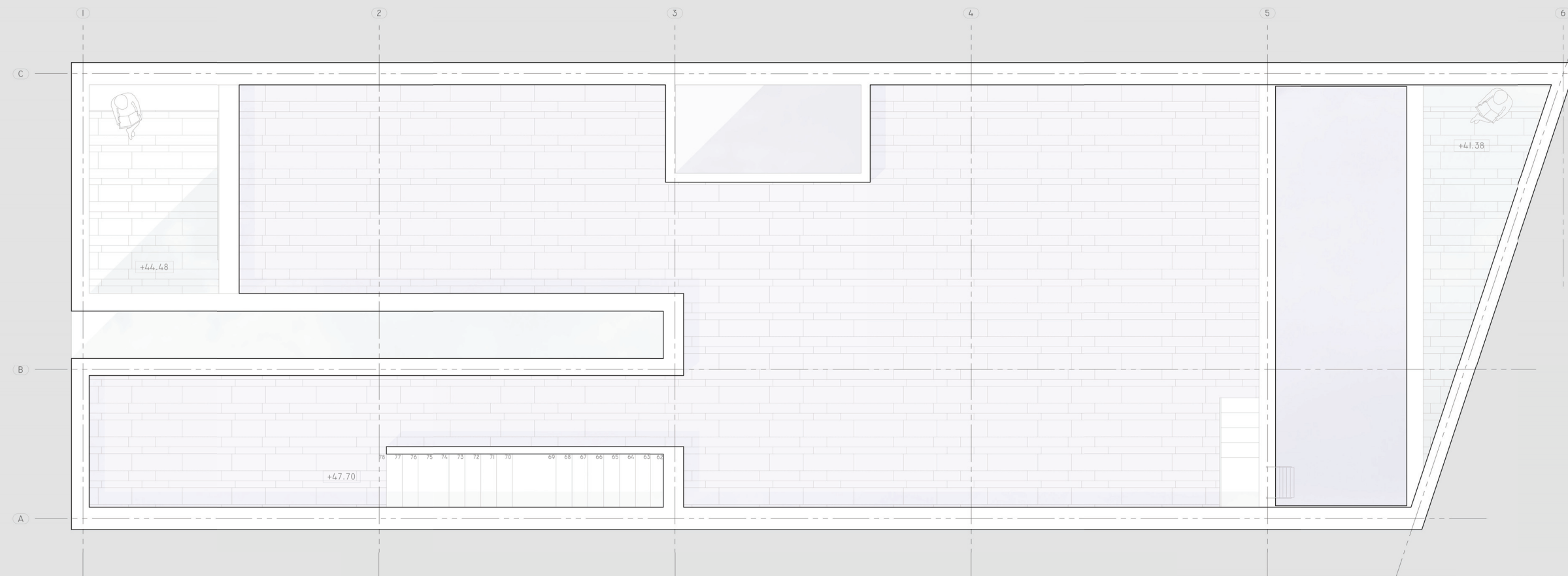
PISO I



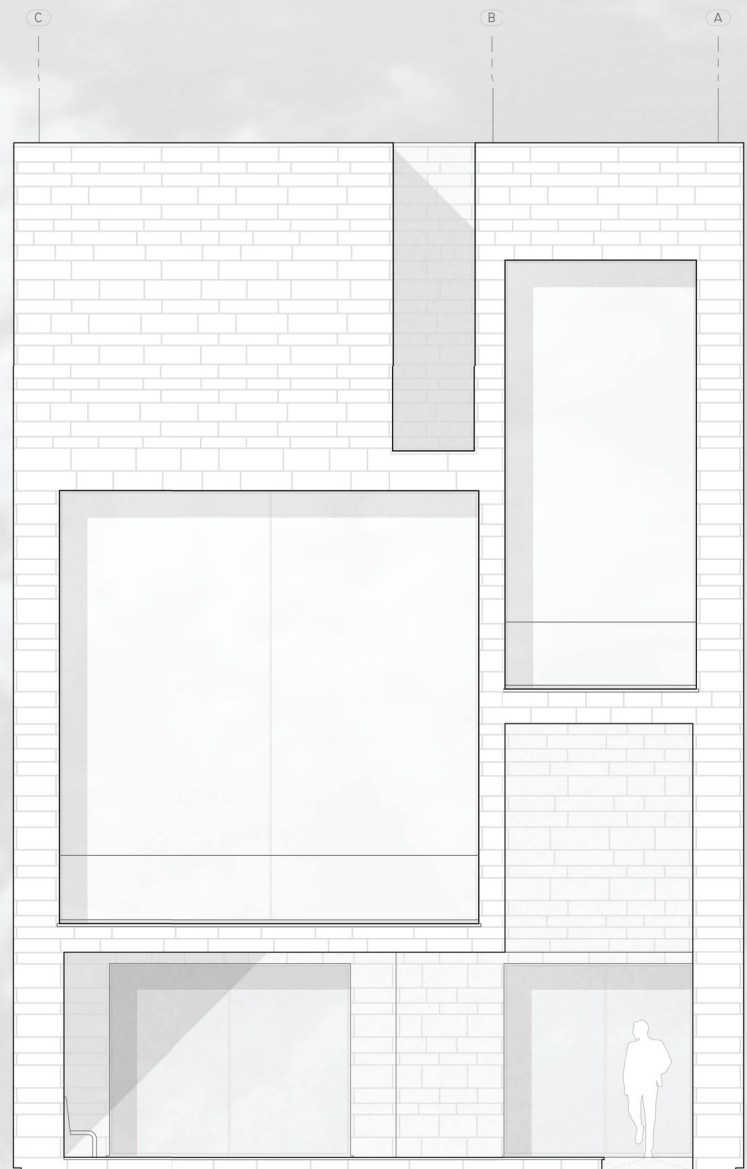
PISO 2



PISO 3



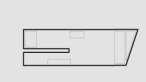
COBERTURA



ALÇADO PRAÇA

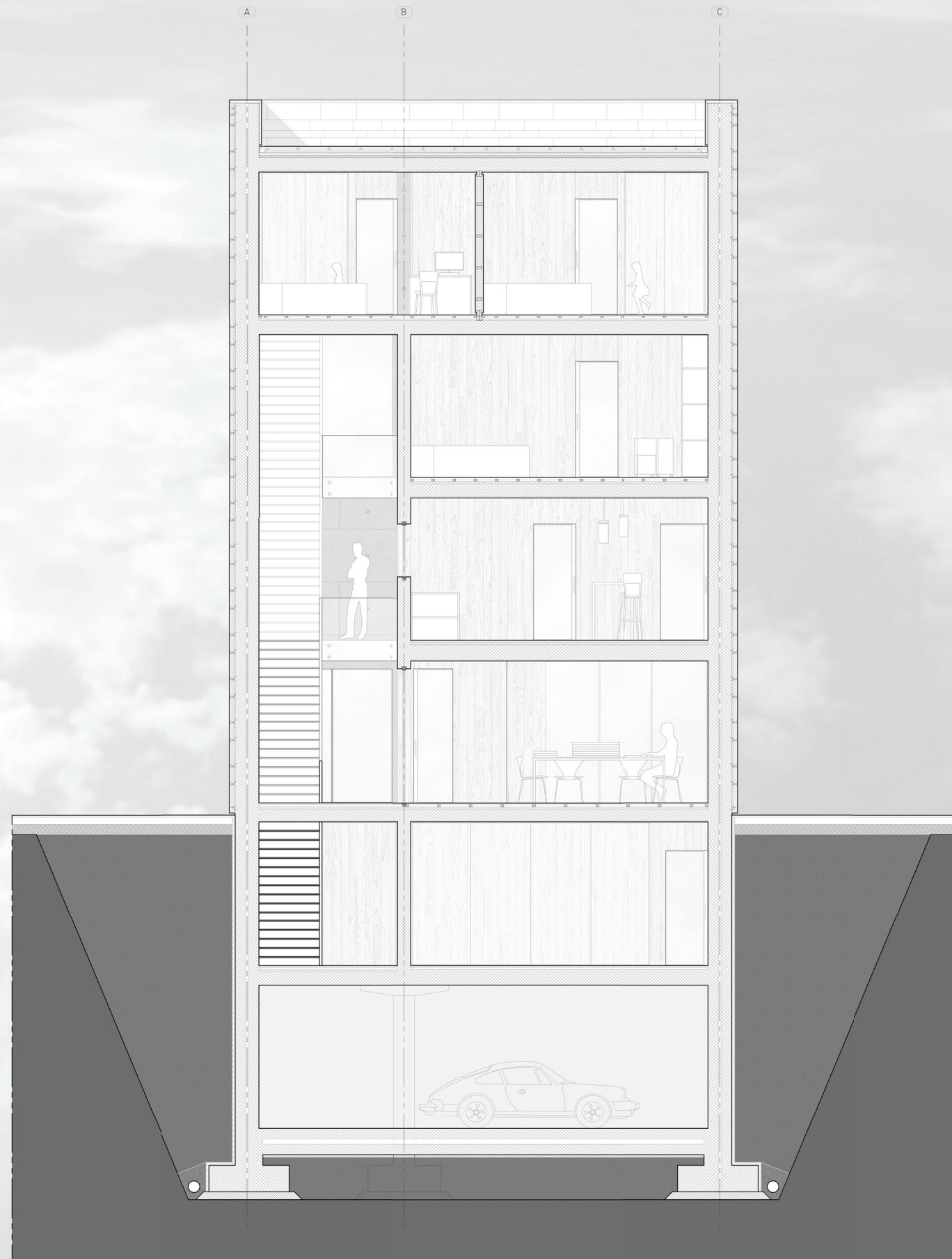


ALÇADO CLUSTER

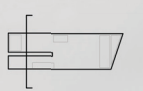
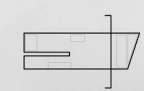
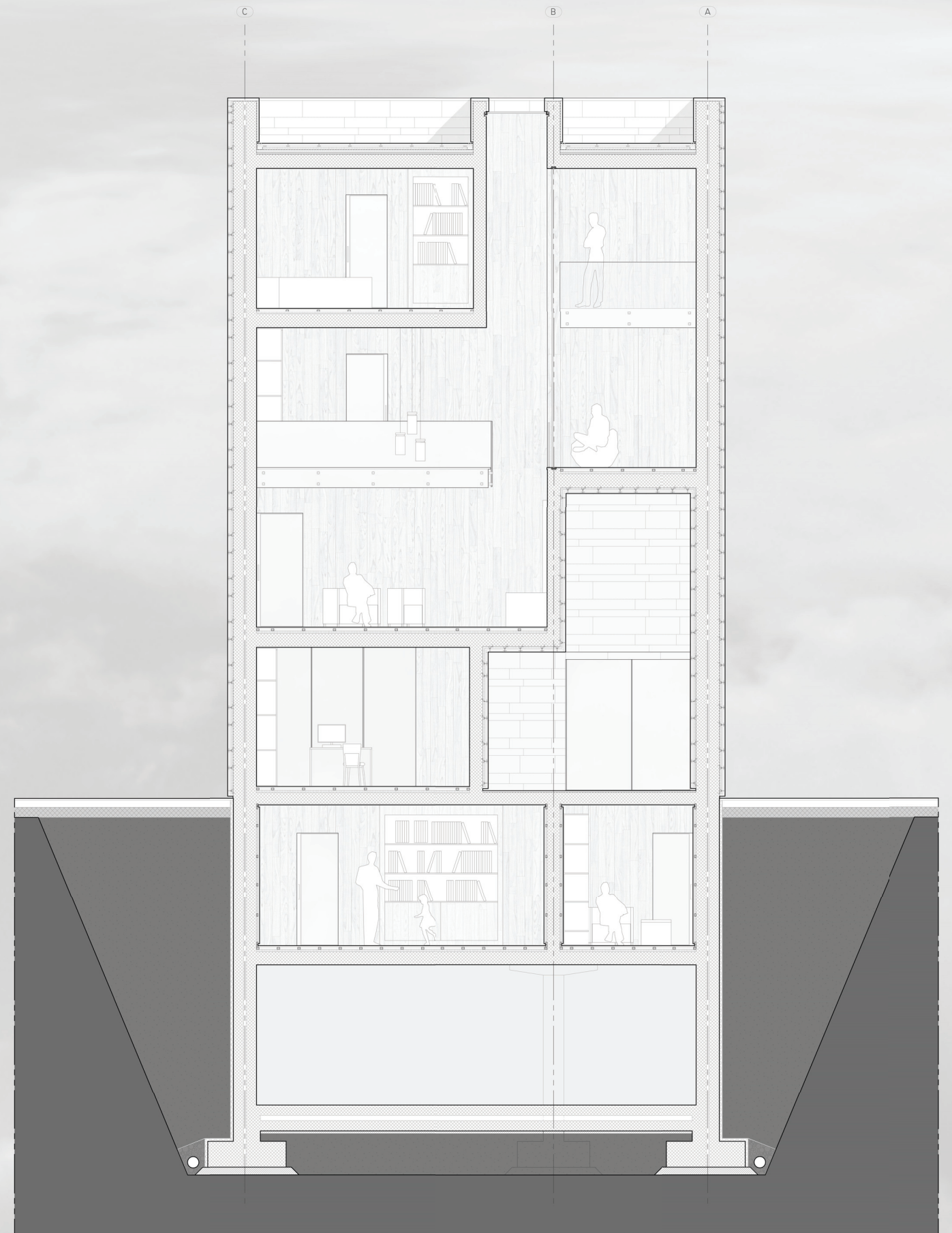


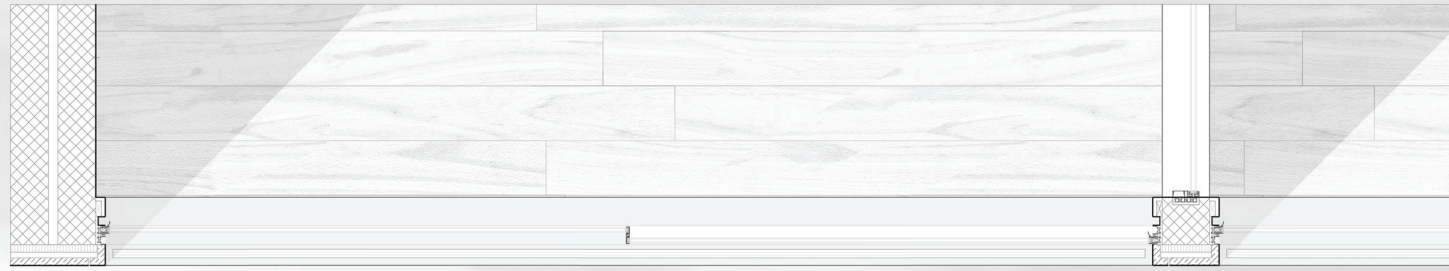




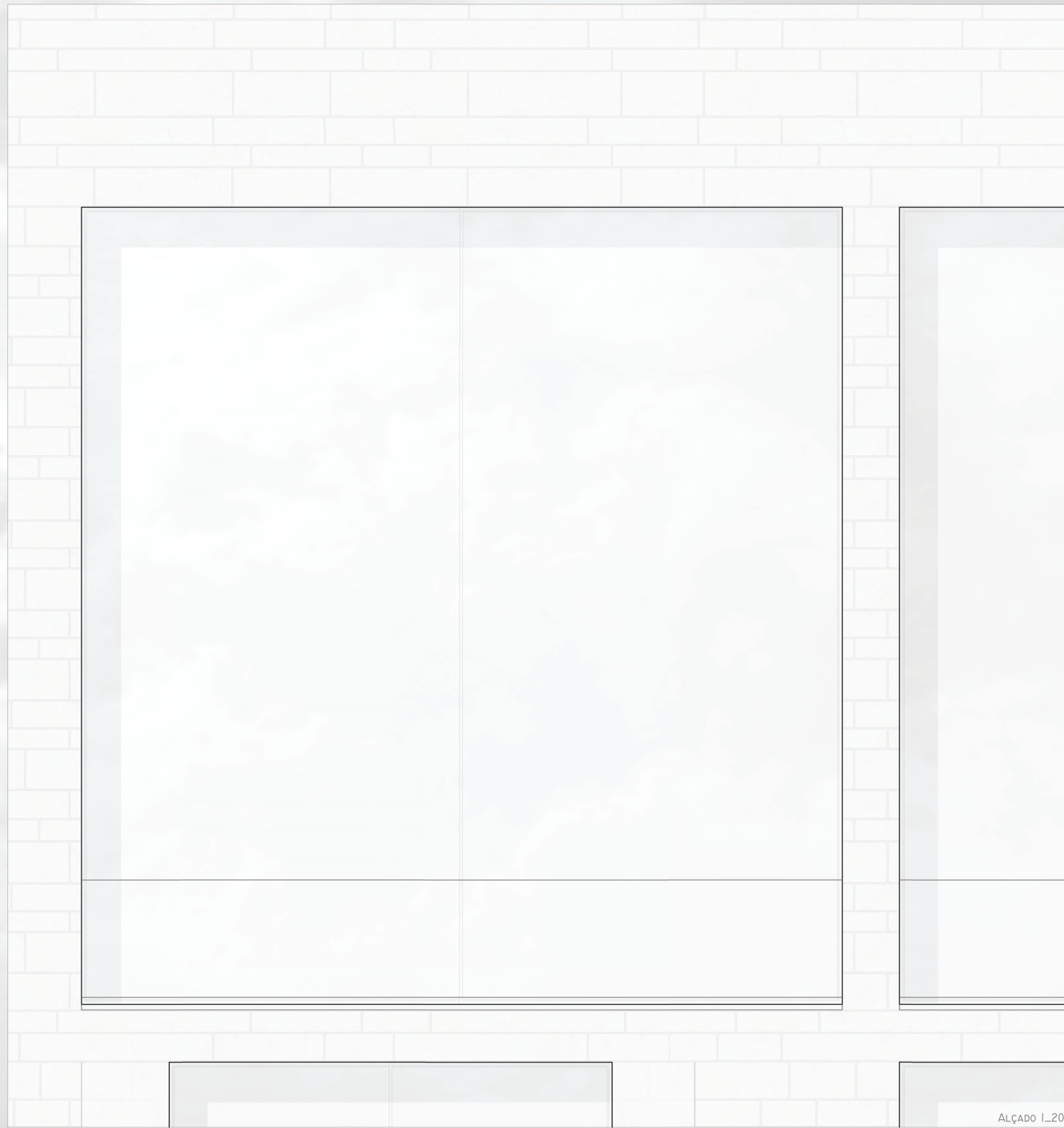


+47.70  
+44.50  
+41.40  
+38.30  
+35.20  
+32.10  
+29.00





PLANTA I\_20

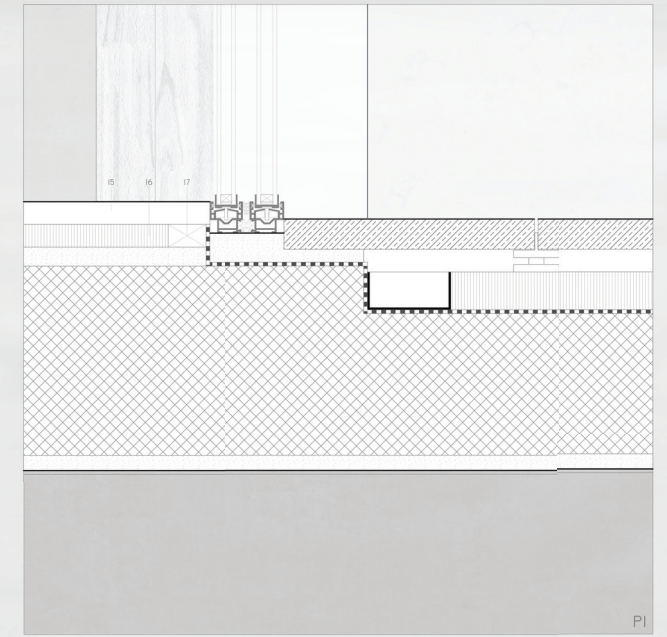


ALÇADO I\_20

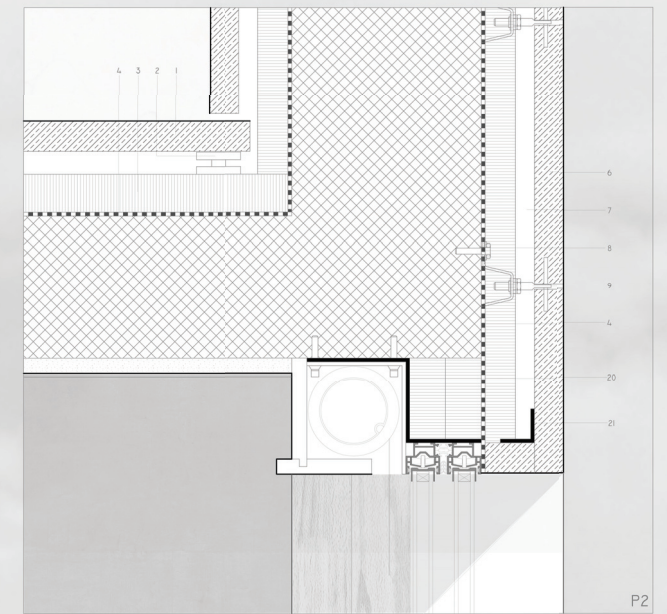
LEGENDA  
 1- PAVIMENTO EM PEDRA LIOZ 60 x 40 E=4.0MM. 2- DISTANCIADORES EM PVC. 3- ISOLAMENTO TÉRMICO TIPO FLOORMATE E=50 MM. 4- TELA IMPERMEABILIZANTE E=5MM. 5- LAJE EM BETÃO ARMADO E=250MM. 6- REVESTIMENTO EM PEDRA LIOZ 60X40 E=4.0MM. 7- CAIXA DE AR 30MM. 8- ISOLAMENTO TÉRMICO TIPO WALLMATE. 9- SUPORTE DE FIXAÇÃO PARA PEDRA TIPO HALFEN HRM/HR. 10- CAIXA DE ESTORE TIPO FIXSCREEN 150X155MM. 11- CAIXILHO MINIMALISTA DE ALUMÍNIO, SISTEMA DE CORRER TIPO VITRUCSA TH+. 12- GUARNIA EM VIDRO UPRU E=30MM. 13- PERFIL METÁLICO 100X70X50 E=5MM. 14- PERFIL METÁLICO 150X70X50 E=5MM. 15- PAVIMENTO EM MADEIRA 3500X280 E=30MM. 16- MANIA COM-MÁI 17- TANKUO DE MADEIRA 2000 X50 E=30MM. 18- CAMADA DE REGULALIZAÇÃO E=20MM. 19- PAINEL DE ISOLAMENTO TERMOACÚSTICO DE POLIESTIRENO. 20- PERFIL METÁLICO U 120X45 E=5MM. 21- CANTONEIRA METÁLICA 45X45X5MM 22- FITA PERIMETAL EM POLIETILENO.



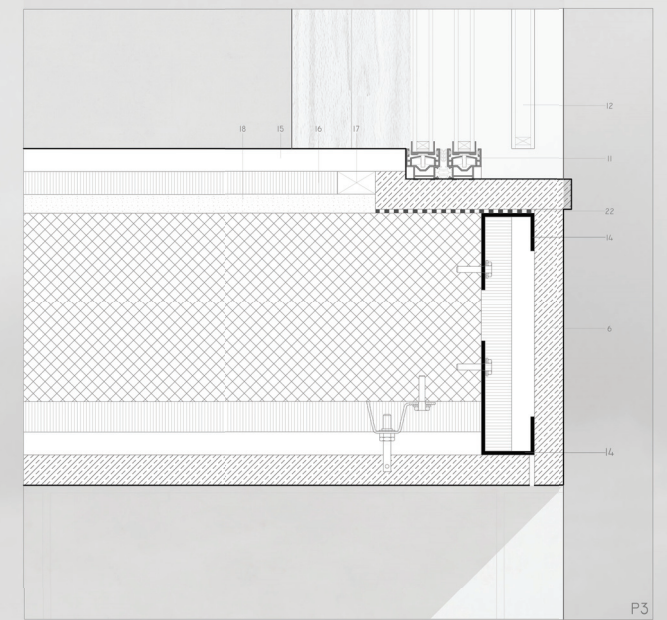
CORTE I\_20



P1



P2



P3

CORTES I\_5

